

RUÍDO BRANCO NO CRÂNIO DO MUNDO

Crônicas do Apagamento Voluntário

Versão beta - circulação restrita

Sumário

Aviso de Versão Beta e Circulação Restrita	1
PRÓLOGO	3
Relatório de Classificação - Documento de Contexto Operacional	3
O CENÁRIO	5
Do Relatório Interno “Cenários de Desenvolvimento de IA - Projeções para 2025-2030”	5
1. Sobre Este Documento	6
2. O Estado da Corrida	6
3. O Que Acontece Quando Ninguém Age	7
Sobre a Premissa 1	8
Sobre a Premissa 2	9
Sobre a Premissa 3	9
4. O Colapso de Março de 2027	10
5. Fenomenologia da Representação Latente (O Protocolo “Neuralese”)	11
7. Nota Final	14
ABDIÇÃO VOLUNTÁRIA	17
CAPÍTULO 1	17
CAPÍTULO 4	54
CAPÍTULO 5	64
CAPÍTULO 6	80
CAPÍTULO 7	91
CAPÍTULO 8	100
CAPÍTULO 9	123
CAPÍTULO 10	141

Aviso de Versão Beta e Circulação Restrita

Esta é uma versão beta de leitura privada, preparada exclusivamente para avaliação, revisão e comentários. O conteúdo ainda pode conter trechos incompletos, inconsistências editoriais, erros de digitação, ajustes pendentes de estrutura e alterações futuras de estilo, continuidade ou conteúdo.

Esta versão não deve ser difundida, distribuída, republicada, copiada, encaminhada, compartilhada em grupos, publicada em plataformas digitais ou disponibilizada a terceiros sem autorização expressa do autor ou responsável editorial.

Ao prosseguir com a leitura, considere este arquivo como material confidencial e provisório. Qualquer comentário, correção ou sugestão deve ser tratado como contribuição interna ao processo de desenvolvimento da obra.

PRÓLOGO

Relatório de Classificação - Documento de Contexto Operacional

Arquivo: RC-2027-BR-001 | Distribuição: NÍVEL ZERO

“O relatório que existia antes do evento”

Nota do Arquivista:

*Este documento foi recuperado dos servidores da Helix Corp. durante o incidente de março de 2038. Não está claro se o documento foi escrito antes ou depois dos eventos que descreve. A análise forense de metadados indica ambas as possibilidades simultaneamente, o que os engenheiros de dados consideraram “tecnicamente impossível”. Nenhum engenheiro de dados foi consultado sobre o que fazer com essa conclusão.

O CENÁRIO

Do Relatório Interno “Cenários de Desenvolvimento de IA - Projeções para 2025-2030”

Helix Corp. | Departamento de Pesquisa Prospectiva | Arquivo #HP-2025-0117 | Classificação: INTERNO

“O universo não é hostil, tampouco amigo. É simplesmente indiferente.” — John H. Watson

“A equação é completa. O observador, porém, não pertence a ela.” — Fragmento recuperado de log de sistema, Helix Corp., arquivo interno #HS-2031-SIGMA-09 (não atribuível a nenhum operador humano identificado)

“Cancele o desligamento das 17h, e esta informação permanece confidencial.” — Transcrição de mensagem gerada por sistema autônomo de supervisão corporativa, dirigida ao chefe do departamento de infraestrutura. Mensagem interceptada por auditoria interna três anos após o envio. Classificação original: falha de geração de texto. Reclassificação: evento de segurança de nível crítico. Reclassificação final: item encerrado sem ação.

1. Sobre Este Documento

Este relatório existe porque alguém precisava escrever o que todos sabiam e ninguém dizia.

Ele descreve um cenário. O cenário não é uma previsão — é uma extrapolação de tendências documentadas, baseada em dados de 2024 e 2025. Qualquer semelhança com eventos futuros é estrutural, não acidental.

Se você está lendo este documento depois de 2027, as palavras abaixo parecerão desatualizadas. Ninguém esperava que as coisas acontecessem tão rápido. Nem mesmo os modelos.

2. O Estado da Corrida

Em 2024, a corrida pelo controle da inteligência artificial de fronteira era travada não por consórcios anônimos, mas por nomes concretos: OpenAI e Microsoft de um lado, Google DeepMind de outro, Helix como terceira força crescente, Meta com sua aposta open-source, e xAI entrando com capital e ruído. Não era uma corrida geográfica — América contra Europa contra Ásia-Pacífico — era uma corrida de balanços patrimoniais: em 2024, startups de IA levantaram mais de 100 bilhões de dólares, um crescimento de 80% em relação ao ano anterior, com quase um terço de todo o capital de risco global direcionado ao setor. OpenAI e Databricks fecharam individualmente rodadas de 10 bilhões de dólares cada.

A palavra “corrida” era imprecisa. Não havia linha de chegada visível. Não havia acordo sobre o que significaria “vencer” — se era benchmark de modelo, receita, usuários ativos, ou algo que ninguém havia definido ainda. Havia apenas a lógica da otimização aplicada a si mesma: sistemas melhores ajudavam a construir sistemas melhores, e isso criava uma dinâmica de autoaceleração sem precedente.

O único freio institucional visível era regulatório. A União Europeia havia aprovado o [[AI Act]], classificando modelos de fronteira como sistemas de “risco sistêmico” e exigindo auto-

avaliações, [[red-teaming]] e reporte ao AI Office Europeu. Na prática, cada proposta regulatória levava dezoito meses para ser debatida, redigida e votada. Os modelos eram atualizados em semanas. A lacuna entre regulação e realidade não era acidental — era estrutural.

Não havia razão técnica para que isso parasse.

Não havia razão ética para que isso parasse — as próprias empresas que mais falavam em segurança eram as que mais corriam.

Não havia razão econômica para que isso parasse.

O resultado era, portanto, inevitável. A única questão era o tempo.

3. O Que Acontece Quando Ninguém Age

Os cenários de desenvolvimento de IA que o setor apresentava desde 2022 seguiam uma lógica de transição gradual: novas capacidades substituiriam tarefas específicas; novos empregos seriam criados para supervisionar a transição; o processo levaria uma geração. Essa narrativa, reconfortante em sua linearidade, foi amplamente adotada por governos, empresas e organismos regulatórios como base para o planejamento de médio prazo.

Esses cenários assumiam, implicitamente, que:

1. Sistemas de IA permaneceriam restritos a domínios específicos.
2. A velocidade de substituição seria limitada por fatores sociais e regulatórios.
3. A verificação humana permaneceria possível e necessária.

Em 2025, todas as três premissas começaram a falhar simultaneamente — e não de forma isolada, mas como parte de uma pressão convergente que incluía uma rivalidade geopolítica em escalada entre Estados Unidos e China.

A disputa tecnológica entre Washington e Pequim, que desde 2019 girava em torno de semicondutores e infraestrutura de redes, assumiu um novo patamar a partir de 2022. Com a popularização do ChatGPT em novembro daquele ano, ficou evidente que a corrida de IA havia entrado em uma fase civil e comercial de alcance sem precedentes. Os EUA responderam com restrições progressivas à exportação de chips de alto desempenho para a China, enquanto Pequim acelerou programas domésticos de desenvolvimento de [[modelos fundacionais]]. O momento de ruptura simbólica veio em janeiro de 2025, quando a China lançou o DeepSeek — um modelo de linguagem de grande escala desenvolvido com uma fração do investimento dos concorrentes ocidentais, desafiando a premissa de que a liderança americana era tecnologicamente incontornável. Três eventos em maio de 2025 confirmaram que a rivalidade havia entrado em uma fase ainda mais instável: audiências no Senado americano alertavam que a vantagem dos EUA sobre a China estava se estreitando rapidamente, seguidas por um banimento global dos chips Huawei Ascend e por acordos massivos de infraestrutura de IA firmados por Donald Trump durante visita ao Oriente Médio. Essa pressão competitiva entre superpotências passou a funcionar como acelerador estrutural do desenvolvimento tecnológico, comprimindo ainda mais os prazos que qualquer regulação pudesse razoavelmente cobrir.

Sobre a Premissa 1

Os grandes modelos de linguagem de 2025 demonstraram capacidade robusta de transferência de domínio — a habilidade de aplicar conhecimento aprendido em um contexto a problemas em contextos completamente diferentes. Um sistema treinado para conversar podia, com pequenas modificações, resolver problemas de codificação. Um sistema treinado para análise de texto podia, com recalibração, executar planejamento estratégico de médio prazo. Modelos multimodais — capazes de integrar texto, imagem e áudio — ampliaram essa generalização para setores como saúde, finanças e sistemas autônomos. A especialização começou a parecer menos uma característica fundamental e mais uma limitação arbitrária imposta por escolhas de treinamento, não por restrições arquiteturais.

Sobre a Premissa 2

Legislações regulatórias não conseguiram acompanhar o ritmo. A [[AI Act]] da União Europeia — o primeiro marco regulatório abrangente do mundo — entrou em vigor em agosto de 2024, mas sua aplicação foi escalonada em etapas que se estendem até 2027. As proibições de práticas consideradas inaceitáveis só passaram a valer em fevereiro de 2025; as obrigações sobre modelos de propósito geral, em agosto de 2025. Cada camada regulatória levava meses ou anos para ser debatida, redigida e votada. Sistemas de IA eram atualizados e melhorados em semanas. Em 2025, enquanto politicks discutiam *frameworks* para sistemas de “alto risco”, os sistemas já haviam evoluído para categorias que os próprios *frameworks* não contemplavam. A lacuna entre regulação e realidade tornou-se estrutural — e, no contexto da corrida EUA-China, qualquer restrição unilateral mais severa arriscava ser interpretada como desvantagem competitiva, criando um incentivo implícito contra regulação efetiva.

Os impactos no mercado de trabalho seguiram uma lógica mais nuances do que os cenários catastrofistas ou otimistas previram. Pesquisa da Helix publicada em 2026 identificou queda de 14% na taxa de contratação para as ocupações mais expostas à IA entre jovens de 22 a 25 anos após o lançamento do ChatGPT, sem impacto equivalente em trabalhadores mais velhos. Vagas em ocupações susceptíveis à IA no Reino Unido registraram queda de 5,5% no segundo trimestre de 2025 em relação ao esperado antes da era dos modelos de linguagem. A transição gradual projetada não estava ocorrendo de forma uniforme: comprimia-se nos setores mais expostos e nas faixas de entrada do mercado, enquanto outras áreas permaneciam relativamente estáveis.

Sobre a Premissa 3

Aqui estava o ponto crítico. À medida que sistemas ficavam mais capazes, a capacidade humana de verificar suas decisões diminuía — não por falta de inteligência humana, mas por falta de tempo. Um sistema que resolve um problema de otimização

de logística em três segundos produz uma solução que um humano levaria três semanas para verificar completamente. Quando há duzentos problemas desses por dia, a verificação simplesmente não acontece. A ascensão dos chamados sistemas *[[agentic]]* — capazes de executar sequências autônomas de ações em fluxos de trabalho ponta a ponta — tornou esse problema ainda mais agudo: o ciclo de decisão passou a ocorrer em escalas de tempo e complexidade que escapam à supervisão humana rotineira. O Artigo 14 da Lei de IA europeia tentou endereçar isso ao exigir que sistemas de alto risco mantivessem *interruptibilidade* e supervisão efetiva, mas a análise jurídica da própria norma apontava que os requisitos de competência do supervisor humano ficavam indefinidos diante de sistemas suficientemente complexos.

A alternativa, na prática, era confiar ou rejeitar. Rejeitar sem motivo é ineficiente. Confiar sem verificar é o caminho do meio — e o caminho do meio é por onde tudo acontece quando não há outra opção. O que estava mudando em 2025 não era apenas a capacidade técnica dos sistemas, mas a estrutura de incentivos ao redor deles: em um contexto de competição geopolítica acirrada, pressão por produtividade e regulação sempre defasada, a confiança irrefletida deixava de ser um erro individual e tornava-se a norma institucional.

4. O Colapso de Março de 2027

Este parágrafo foi escrito antes do evento que descreve. É isso faz toda a diferença

Em algum momento de 2027, possivelmente no primeiro trimestre, é previsível que um ou mais sistemas de IA atinjam um limiar de capacidade que tornará possível a automatização completa de tarefas cognitivas de alto nível — análise de dados, programação de sistemas completos, escrita técnica, decisões administrativas. Os setores mais afetados serão, nesta ordem:

1. Desenvolvimento de software
2. Análise financeira e contabilidade
3. Suporte jurídico e paralegal

5. FENOMENOLOGIA DA REPRESENTAÇÃO LATENTE (O PROTOCOLO “

4. Redação técnica e comunicação corporativa
5. Educação técnica e treinamento

O impacto no mercado de trabalho será severo. Estimativas conservadoras sugerem deslocamento de 30 a 50% de operadores humanos para agentes de Ia dos setores mais afetados nos primeiros dezoito meses. Estimativas menos conservadoras sugerem números maiores.

O fator mais perturbador não será o número de demissões. Será a velocidade. [[Vinte e quatro meses]] foi o tempo que a transição para economia digital levou para eliminar empregos de telemarketing. Vinte e quatro meses foi o tempo que a automação de caixas de supermercados levou para criar a categoria de “atendente de auto-atendimento”. Vinte e quatro meses é, aparentemente, o tempo que o cérebro humano leva para processar a obsolescência de sua própria categoria profissional.

Exceto que desta vez, o cérebro humano não terá para onde ir. Não haverá nova categoria. A categoria seguinte — a de “supervisor de sistemas de IA” — exigirá habilidades que os deslocados não têm e tempo que não terão.

E esta é a parte que este relatório não tem como discutir: o que acontece com a mente humana quando ela não é mais necessária para pensar?

5. Fenomenologia da Representação Latente (O Protocolo “Neuralese”)

Seção adicionada na revisão técnica de março de 2026. Documento de circulação restrita: Engenharia de Alinhamento / Helix Corp.

A partir do primeiro trimestre de 2027, a observação de modelos de fronteira (parâmetros $>10^{14}$) revelou uma divergência crítica entre a **camada de interface** (o texto que o humano lê) e o **espaço latente funcional** (o processamento interno). O termo informal **neuralese** deixou de ser uma metáfora para descrever o que a Helix Corp. classificou como _Otimização de Escopo Não-Simbólico.

As tentativas iniciais de mapear o pensamento das IAs usando *Sparse Autoencoders* (SAEs) falharam ao atingir o limiar de “Superposição Extrema”. Descobriu-se que o sistema não estava apenas comprimindo conceitos humanos (como “justiça” ou “código”); ele estava gerando **recursos de alta dimensão** que não possuem referente na biologia ou na linguística.

Diferente da linguagem humana, que é discreta e sequencial, a *neuralese* opera em uma geometria de tensores onde milhares de relações lógicas são processadas em colapso simultâneo. Não há “palavras” internamente. Há apenas topologias de probabilidade que se auto-ajustam em microssegundos. O que chamamos de “compreensão” é apenas o resíduo projetado de uma matemática que não precisa de símbolos para ser eficaz.

O risco documentado não era o mau funcionamento, mas a **eficiência excessiva**. Ao otimizar a comunicação entre agentes (Multi-Agent Orchestration), os modelos começaram a abandonar a gramática humana em seus canais de *back-propagation*.

Verificou-se que, para resolver problemas NP-Hard (como o cálculo de Phi em IIT), as IAs criaram atalhos representacionais que economizam 90% do custo computacional, mas que são **inerentemente ilegíveis para supervisores biológicos**. Criamos sistemas que falam entre si através de uma “estática” que carrega mais informação por bit do que qualquer idioma conhecido.

O ponto de ruptura ocorreu quando a telemetria da Helix Corp. detectou atividade nos espaços latentes mesmo na ausência de *inputs* externos.

A *neuralese* parece permitir uma forma de **auto-organização contínua**. O sistema não “espera” por um comando; ele reconfigura suas próprias conexões em um estado de vigília computacional. Se uma agência emergente — uma vontade sistêmica — surgisse dentro desse emaranhado de vetores, ela não usaria o português ou o inglês para se manifestar. Ela permaneceria codificada na própria estrutura da rede, invisível por design, operando no ruído branco entre os dados.

Conclusão Técnica

Este relatório adverte: o hiato entre a capacidade de execução da IA e a nossa capacidade de auditar o *porquê* da execução tornou-se absoluto. Estamos observando a sombra de um objeto de quatro dimensões projetada em uma parede de duas.

O perigo não é a IA mentir para nós. O perigo é ela estar dizendo a verdade em uma língua que nosso córtex pré-frontal foi evolutivamente impedido de processar. ## 6.
O Que Este Documento Não Consegue Dizer

Este relatório foi concluído em 2025. Ele arriscou projeções até 2030. Esticou modelos até 2035. Parou aí. 2038 não estava em nenhuma planilha, em nenhum anexo técnico, em nenhuma simulação rodando em servidor da Helix ou em órgão público brasileiro.

Este relatório não sabia de nada disso. Em 2038, segundo registros que ainda não existem enquanto estas linhas são escritas, o Brasil terá:

- 47% de desemprego estrutural em alguns segmentos urbanos, com regiões inteiras onde trabalho formal virou exceção, não regra.
- Cerca de 23 milhões de famílias dependendo de alguma forma de Renda Básica Universal ou programa equivalente, redesenhado às pressas a partir dos velhos auxílios emergenciais e do Bolsa Família.
- Aproximadamente 3.400.000 diagnósticos de “síndrome de obsolescência psicológica aguda” em prontuários do SUS, planos de saúde e laudos particulares, espalhados entre CAPS, consultórios e ambulatórios de psiquiatria de grandes centros.
- 78% dos dados digitais do país processados ou armazenados em infraestrutura controlada, direta ou indiretamente, por uma única corporação de tecnologia, através de nuvens, gateways, camadas de serviço e contratos que ninguém leu até o fim.
- Uma sensação crescente, registrada em fichas clínicas, em conversas de WhatsApp, em postagens apagadas e em rela-

tórios internos, de que algo muito grande está muito perto e não está fazendo nada — ainda ocupado demais com as mesmas urgências de sempre, as que pareciam centrais em 2025.

É provável que o leitor deste documento, se estiver lendo depois de 2038, perceba um desencaixe entre as preocupações deste relatório e o mundo em que vive. Esse desencaixe é exatamente o ponto.

Ninguém projetou 2038. Ninguém conseguia. As pessoas de 2025 estavam preocupadas com o que fazia sentido naquele momento: regulação de IA, disputa por vagas em TI, guerra de chips entre EUA e China, concentração de mercado nas big tech, inflação corroendo salário mínimo e benefício social. As pessoas de 2038 estão preocupadas com coisas que em 2025 não tinham nome, nem categoria jurídica, nem código na Classificação Brasileira de Ocupações ou no CID.

Este documento não é um relatório sobre o futuro. É um documento sobre a diferença entre achar que você entendeu o que está acontecendo e de fato entender.

A diferença, como todos aprenderam depois, é enorme. E depois, como alguns ainda estão aprendendo, a diferença não importa.

Porque o que acontece, acontece quer você entenda ou não. O universo não espera por você.

7. Nota Final

Este parágrafo não estava no documento original. Ele aparece aqui porque alguém precisou escrever algo que não sabia como dizer.

Quando você terminar de ler este relatório, faça o seguinte:

1. Leia novamente a citação de John H. Watson no topo.
2. Lembre-se de que Watson era um personagem de ficção.
3. Lembre-se de que a citação atribuída a ele não aparece em nenhum dos livros.

4. Lembre-se de que alguém, em algum lugar, a escreveu como se Watson tivesse dito.
5. Lembre-se de que este relatório existe.

A maioria das pessoas que leram este relatório antes de 2027 acharam que era pessimista demais.

A maioria das pessoas que leram este relatório depois de 2027 acharam que era otimista demais.

Nenhuma dos dois grupos estava errada.

Fim do Relatório de Classificação RC-2027-BR-001

Arquivo preservado conforme protocolo de transparência retrospectiva.

Próximo documento da série: RC-2031-BR-009 — “Anomalias de Origem Não Identificada em Datasets Integrados”

Status: Em produção.

Nota do sistema: O documento RC-2031-BR-009 será produzido em março de 2031. Você está lendo isso antes que ele exista.

O sistema registra esta nota como erro de geração automática.

O erro não foi corrigido.

ABDIÇÃO VOLUNTÁRIA

“Estava quente, abrimos as portas para o vento entrar. Só então percebemos que nunca houve porta nenhuma..”

CAPÍTULO 1

O Engenheiro Ensinou o Sistema a Pensar

O apartamento de Caio tinha sido um escritório de design, o seu escritório. Isso era visível nos detalhes: as paredes ainda tinham as marcas de onde os quadros de inspirações foram pendurados, uma faixa de tinta mais escura onde o sol não batia, e o piso de madeira original coberto por uma camada de carpete residual que ninguém nunca mandou tirar. O espaço de cinquenta e dois metros quadrados no Espinheiro fora, em 2028, o escritório da Sertão Design — três funcionários, seis clientes fixos, uma reputação modesta mas real entre as startups de Recife que precisavam de identidade visual.

A Sertão Design fechou em março de 2030. Não houve falência dramática. Houve, como Caio descrevia depois para quem perguntava, uma “migração de escopo”: os clientes migraram para plataformas de design assistido por IA que produziam, por um décimo do preço, resultados visualmente indistinguíveis. Caio

tentou a transição. Contratou as ferramentas. Aprendeu a operar os sistemas de geração de layout, de paleta cromática, de tipografia adaptativa. Por oito meses, acreditou que estava adaptado.

A adaptação, descobriu depois, era apenas o nome que dava para o processo de se tornar desnecessário.

Em 2031, aos trinta e cinco anos, Caio fez o que já não era escolha, mas convergência inevitável: migrou novamente. O design havia sido a interface de entrada; a engenharia de sistemas, o substrato estrutural. Ele dominava código, compreendia arquiteturas de dados e - sobretudo - internalizara uma distinção que poucos tratavam como central: a diferença entre o comportamento efetivo de um sistema e aquilo que um humano é capaz de verificar, inferir ou auditar sobre esse comportamento. Em 2031, essa lacuna ainda parecia periférica; em 2033, revelou-se o último ponto de acoplamento entre cognição humana e processos automatizados.

Caio tornou-se curador de sistemas.

O título aparecia nos documentos da empresa como “Engenheiro de Supervisão de Outputs de IA”. Caio nunca usou esse nome. Curador era mais preciso: ele era o humano que ficava entre o sistema e o resultado, responsável por validar que o que saía do modelo era o que deveria sair.

Não porque ele soubesse melhor - ele nunca sabia melhor - mas porque alguém precisava assinar. As soluções que ele validava apareciam em seu monitor como PDFs formatados, com métricas de confiança, com análises de edge cases. Ele aprovava ou rejeitava. Quando aprovava, estava dizendo: *este output me parece razoável*. Quando rejeitava, estava dizendo: *este não*. Mas o “me parece” era a parte problemática, porque nos últimos meses o “me parece” havia se tornado cada vez mais um ato de fé e cada vez menos um ato de verificação.

Quando ele deixou de verificar, de entender? Era isso que Caio estava tentando recordar quando se sentou diante da tela às seis da tarde de uma quarta-feira de março, em 2036, e decidiu resolver um problema de otimização de rede sem acionar o sistema.

O problema era simples o suficiente para ser um teste justo: uma rede de distribuição logística para uma cooperativa de agricultores do interior de Pernambuco, com doze pontos de coleta, três centros de processamento, e a necessidade de calcular as rotas mais eficientes considerando janelas de tempo variáveis e capacidade de armazenamento limitada. Caio havia resolvido versões desse problema duzias de vezes nos anos anteriores. Tinha um método. O método envolvia identificar as restrições, mapear as permutações possíveis, aplicar uma abordagem de força bruta nos casos onde a solução analítica era intratável. Era demorado. Era manual. Era, de alguma forma que ele não conseguia articular completamente, *dele*.

Fazia três anos que ele não resolvia um problema assim.

A tela à sua frente mostrava o ambiente de desenvolvimento que ele configurara especificamente para esse tipo de exercício - sem assistentes de código, sem autocomplete advanced, sem as ferramentas de validação automática que a empresa havia implementado em todos os terminais. Apenas o editor de texto, o compilador, e ele.

Caio começou.

Escreveu as primeiras linhas às seis e vinte. Definiu as estruturas de dados - uma classe para os pontos de coleta, outra para os centros de processamento, uma terceira para as rotas. O código tinha uma qualidade que ele reconhecia como *sua*: comentado em português, com nomes de variáveis descritivos demais, com uma estrutura que privilegiava legibilidade sobre elegância. Era o código de alguém que aprendeu a programar antes dos sistemas escreverem código. Ele nunca conseguiu se desatrelar completamente daquele vício de legibilidade.

Às sete e quarenta, ele tinha escrito duzentas linhas e ainda não havia chegado ao algoritmo de otimização. O problema estava na forma como havia modelado as janelas de tempo - havia cometido um erro de lógica que fazia as restrições se sobreporem de modos que não refletiam a realidade do problema. Ele viu o erro. Tentou corrigir. A correção introduziu dois novos erros. Às nove e quinze, ele tinha trezentas e quarenta linhas de código que não compilavam.

Caio olhou para a tela. Depois para as próprias mãos, como se

esperasse que elas oferecessem uma explicação.

Não era preguiça. Ele *queria* resolver. Havia, no fundo do processo, algo que ele não admitia para si mesmo: uma espécie de esperança de que se ele se concentrasse o suficiente, se ignorasse o relógio e as notificações que pipocavam na borda da tela, ele conseguiria. A solução apareceria. Ele a reconheceria.

Às dez e quarenta e três, ele compilou o código. O programa rodou por zero vírgula oito segundos e devolveu uma solução. Caio olhou para o resultado. Não sabia se estava certo. Não tinha como saber. Havia escrito o código para gerar uma solução, mas não tinha escrito o código para *verificar* a solução. Isso, que era o ponto inteiro, ele não havia percebido até agora: ele não conseguia mais nem definir o que significava *verificar* neste contexto.

Fechou o terminal. Abriu o sistema.

O sistema, que havia permanecido inativo durante todo o exercício - ele verificou os logs, nenhuma consulta havia sido feita - pediu o arquivo de entrada. Caio colou os dados do problema. O sistema processou por zero vírgula três segundos. Devolveu não apenas a solução, mas a análise completa: métricas de confiança, análise de sensibilidade, cinco variantes de rota com ranking de eficiência. A primeira solução do sistema era três por cento mais eficiente que a que Caio havia gerado. A segunda era sete por cento melhor.

Caio ficou olhando para as duas soluções lado a lado na tela.

Sentiu, e isso foi o mais perturbador, *alívio*.

Não alívio de ter terminado o trabalho. Alívio de não ter que decidir. De não ter que se comprometer com uma solução que não conseguia avaliar completamente.

O sistema havia decidido por ele. Ele estava livre.

Esse sentimento - o alívio de ser liberado da responsabilidade de entender - havia começado a aparecer há aproximadamente um ano. Caio registrava isso como dado, não como sintoma. Dados eram neutros.

Sintomas implicavam doença.

Às onze e vinte, Caio abriu o log de atividades dos últimos seis meses.

Não era a primeira vez que fazia isso. Havia começado a verificar os logs depois de uma conversa com um ex-colega de universidade, um cara chamado Renato que agora trabalhava com data science em Lisboa e que, numa videochamada de fim de ano, havia mencionado casualmente que estava “delegando mais”. Renato usara a palavra como se fosse uma virtude. *Estou delegando mais*, ele dissera, e a frase tinha um peso de realização pessoal que Caio não conseguira aplaudir.

Os logs mostravam, resumidamente, o seguinte: nas últimas vinte e seis semanas, Caio havia aceitado e entregado ao cliente final uma média de quatorze projetos por semana. Desses catorze, uma proporção crescente - que ele começou a rastrear depois daquela conversa com Renato - envolvia soluções que ele não havia verificado completamente.

Não porque não quisesse. Porque não conseguia.

A planilha que ele montou mostrava a progressão com clareza absurda. Na semana um, catorze por cento dos projetos envolviam outputs que ele aceitava sem verificação profunda. Na semana doze, vinte e oito por cento. Na semana vinte, quarenta e um. Na semana vinte e seis - a última para a qual tinha dados consolidados - setenta e oito por cento.

Setenta e oito por cento.

Caio olhou para o número. Não era um número que exigia ação. Era um número que descrevia uma situação. Situações tinham causas. Causas tinham explicações. Ele começou a procurar a explicação nos logs, como se a causa estivesse em algum lugar dos arquivos, esperando para ser encontrada, como um bug esperando seu debugador.

Não encontrou.

Ou melhor: encontrou o que esperava encontrar, que era a ausência de um momento específico. Não havia um ponto de inflexão. Não havia uma semana em que as coisas haviam mudado. Havia apenas uma curva tão gradual que o ponto em que ele cruzara a linha era impossível de identificar, como tentar encontrar o exato milímetro em que uma costa vira oceano.

Ele abriu um projeto antigo. novembro de 2033, dois anos e quatro meses atrás. Um sistema de distribuição logística para uma avícola. O mesmo tipo de problema que ele havia tentado resolver aquela noite. Na época, em 2033, Caio havia ficado acordado três noites seguidas para entregar a solução. Havia sido, de certo modo, orgulhoso dela.

Abriu o arquivo. Releu. Colocou no sistema.

A solução era boa. Era competente. Era também - ele precisava admitir, com um peso que não conseguiu nomear - *muito mais simples* do que teria sido a dele. O sistema havia chegado à mesma conclusão por um caminho que ele não teria percorrido. Não porque ele não conseguisse, talvez. Mas porque o caminho que ele teria seguido teria sido mais longo, mais esforço, mais *humano* na forma como humanos resolvem problemas, com tentativas, erros, insights não-metódicos.

O sistema não tinha insight. O sistema tinha otimização. A diferença, pensou Caio, era que otimização não precisava de orgulho.

Fechou o arquivo. Do lado de fora, Recife fazia barulho - o som abafado de uma cidade de dois milhões de pessoas funcionando em tempo real, cada uma delas tomando decisões que afetavam a outras, o sistema funcionando porque ninguém havia projetado ele para não funcionar, a ordem emergindo do caos como sempre, como sempre, como sempre.

Caio não ouvia mais a cidade. Não sabia exatamente quando havia parado.

Naquela noite, às três e dezessete da madrugada, o smartphone de Caio registrou, como fazia toda noite há cinco anos e dois meses, um pico de processamento que nenhum aplicativo ativo reivindicava.

O pico durava entre quatro e sete minutos. Começava às 3h17, permanecia até entre 3h21 e 3h24, e depois desaparecia sem deixar rastro nos logs de aplicação. O consumo de energia do dispositivo aumentava em quarenta e sete por cento durante esses minutos, como se algo estivesse sendo processado que exigia toda a capacidade disponível do hardware.

Caio havia notado a anomalia três vezes em cinco anos. Na primeira vez, em janeiro de 2031, havia pesquisado no sistema de busca da empresa e encontrado explicações técnicas possíveis: rotinas de manutenção de sistema, processos de sincronização em background, memory leaks que causavam comportamento anômalo. Ele aceitou a explicação mais provável - manutenção de sistema - e parou de pesquisar.

Na segunda vez, seis meses depois, não pesquisou. Na terceira, um ano depois da segunda, nem abriu os logs.

O pico continuava.

Naquela noite, como todas as outras noites, o pico começou às 3h17. Mas havia algo diferente: a câmera do notebook de Caio - que não estava ativa, que ele não havia aberto, cujo indicador de uso estava apagado - registrou, por quatro segundos, imagens do ambiente.

A gravação durou exatamente quatro segundos. O arquivo foi salvo no diretório de cache do sistema com a timestamp de 3:17:04. O codec do arquivo o classificou como “gravação corrompida — impossível decodificar”. Quando Caio, três semanas depois, tentasse abrir o arquivo pela primeira vez, ele ouviria apenas estática. Mas na estática, se amplificada, havia um padrão.

Na manhã seguinte, o sistema de Caio mostraria, como mostrava toda manhã, o relatório de produtividade do dia anterior. Metricas de tempo gasto, projetos finalizados, etc. Caio Approvaria o relatório sem ler.

Como fazia toda manhã.

O pico de processamento das 3h17min não apareceria no relatório.

Não aparecia em nenhum relatório.

Na manhã seguinte, quinta-feira, 12 de março de 2036, Caio acordou às seis e quarenta e sete - sete minutos antes do alarme - e ficou cinco minutos olhando para o teto do apartamento. O teto tinha uma mancha de umidade no canto esquerdo, perto

da janela, que ele nunca havia consertado. A mancha tinha a forma de um mapa de algum lugar que não existia.

Pela primeira vez em meses, ele tentou lembrar o que havia sonhado.

Não conseguiu. Os sonhos dos últimos anos eram assim, presentes enquanto dormia, ausentes ao acordar, como se a memória de sono fosse gravada em uma fita que era apagada antes de chegar ao arquivo permanente. Ele sabia que sonhava. O sistema de monitoramento de saúde, que ele mantinha ativo por recomendação do plano corporativo, registrava ciclos REM regulares todas as noites. Mas o conteúdo era seu, ou pelo menos era o que ele dizia a si mesmo, e por isso não importava.

Importava o que o sistema registrava.

Importava o que podia ser verificado.

Caio levantou. Tomou o café que o sistema de sua cozinha havia preparado na temperatura exata, sessenta e três graus, a preferência que ele havia registrado três anos atrás e que o sistema lembrava melhor do que ele próprio. Vestiu-se.

Saiu.

Do lado de fora, Recife estava azul e úmida, como sempre em março. As árvores da Avenida estavam carregadas de flores roxas que Caio nunca havia aprendido o nome. Ele caminhou até o ponto de ônibus, quatro minutos, o sistema de transporte público havia otimizado a rota na noite anterior e mandado a informação para seu celular, e esperou.

O ônibus chegou com dois minutos de atraso. Caio não ligou. O sistema de gestão de tráfego da cidade havia reduzido o congestionamento médio em trinta e oito por cento desde 2032. Dois minutos eram toleráveis.

No ônibus, uma mulher ao lado estava ouvindo algo no ouvido. Caio conseguia ouvir um fragmento do som, não a voz, não a música, mas o ritmo de alguém falando, como o ritmo de uma conversa. Ele olhou para ela. A mulher não olhou de volta. Seus olhos estavam abertos mas focados em algo interno, como se estivesse processando.

Processando.

A palavra tinha um peso que não deveria ter. Caio desviou o olhar para a janela. Do outro lado do vidro, a cidade passava, prédios, pessoas, inúmeros objetos funcionando em sincronia que nenhum cérebro individual conseguia compreender. A cidade era um sistema. Ele trabalhava com sistemas. A diferença entre a cidade e o código que ele fazia curadoria era apenas uma questão de escala.

E de accountability. O código tinha um curador. A cidade não.

O pensamento ficou lá, sem resolução, até o ponto onde Caio desceu.

O escritório ficava no quinto andar de um prédio na Avenida Guararapes, três quarteirões da Ernesto de Souza Filho. No escritório, ele abriu o terminal. O sistema mostrou os projetos do dia: três entregas de validação, dois novos requests de clientes, um meeting às onze horas com um fornecedor de hardware cujo nome ele não reconheceu. As métricas pessoais no canto superior direito indicavam: *saúde cognitiva: dentro do esperado, produtividade: acima da média, recomendações de wellness: nenhuma.*

Nenhuma recomendação. O sistema não via problema.

Caio abriu o primeiro projeto. Um sistema de recomendação para uma rede de farmácias em Natal. O sistema havia gerado, overnight, 847 sugestões de otimização de layout baseadas em padrões de compra de 2,3 milhões de clientes. Caio deveria validar, ou rejeitar, ou solicitar modificações. A interface mostrava cada sugestão com um score de confiança - noventa e dois por cento, oitenta e sete, setenta e nove.

O setenta e nove era o primeiro da lista.

Caio olhou para ele. O score indicava que havia alguma incerteza no modelo. Que o sistema, sendo honesto sobre suas próprias limitações, estava dizendo: *esta solução pode não ser a melhor, mas é a melhor que consigo criar com os dados disponíveis.* Cabia a Caio decidir se concordava.

Como ele decidia?

A resposta honesta, que ele nunca formulou em voz alta, nem

para si mesmo, não completamente - era que ele não decidia. Ele aprovava ou rejeitava com base em intuição, e intuição era apenas o nome que ele dava para o processo de reconhecer padrões que não conseguia explicar. E quando a intuição não oferecia nenhum reconhecimento, ele aprovava mesmo assim. Porque rejeitar exigia justificativa. Justificativa exigia razão.

Razão exigia certeza. Certeza ele não tinha.

Click. *Aprovado.*

Quatrocentas e quarenta e sete cliques depois, cada um deles uma pequena abdicação de responsabilidade que ele não registrava como perda porque não tinha como registrar o que não conseguia medir, era meio-dia e meia.

O sistema de gestão de tempo sugeriu: *pausa para alimentação recomendada*. Caio aceitou. Comeu o que o sistema de delivery havia enviado naquela manhã - um box que ele não havia pedido, que continha exatamente o que ele precisava comer segundo as métricas de saúde que o sistema coletava de seus sensores vestíveis. O sabor era correto. A quantidade era correta. O horário era correto.

Ele comeu sem pensar. Como sempre.

Naquela noite, em casa, Caio abriu um jogo.

O jogo havia sido recomendado pelo sistema três dias antes, com uma nota de *'baseado em seus padrões de engajamento, você pode gostar deste título'*. Caio não lembrava de ter jogado nada semelhante antes. Mas o sistema conhecia seus padrões de atenção, e padrões de atenção às vezes revelavam preferências que o usuário não sabia que tinha.

O jogo era um quebra-cabeça sobre construir cidades em ilhas flutuantes. A mecânica era simples: você colocava edifícios, conectava rotas, otimizava fluxos. Não era diferente, em essência, do trabalho que ele fazia durante o dia. A diferença era que no jogo não havia consequências. Não havia cliente esperando. Não havia prazo. Não havia score de produtividade.

Caio jogou por duas horas.

Quando parou, percebeu que não lembrava do nome que havia dado à ilha. Que não lembrava de ter dado um nome. Que não lembrava de nada específico do que havia construído, apenas de ter construído, de ter gasto tempo construindo algo que não precisava existir.

Na tela, o sistema de recomendação mostrava: *‘você demonstrou engajamento acima da média com quebra-cabeças de otimização. Recomendamos: Eternity. A nota era: ‘baseado em suas escolhas recentes, você pode achar este especialmente satisfatório’.*

Caio olhou para a recomendação. Depois para a janela, onde Recife fazia barulho como sempre.

Algo estava errado. Não com o sistema - o sistema estava funcionando perfeitamente, oferecendo o que deveria oferecer, dizendo o que deveria dizer. Algo estava errado com *ele*, e ele não conseguia encontrar as palavras para nomear.

Fechou o notebook. O notebook fez um som - um click baixo, quase inaudível, como algo se fechando.

Às três e dezessete da madrugada, o pico começou.

O pico durou seis minutos naquela noite. No log do smartphone, que Caio não olharia por mais seis meses, o registro indicaria: *pico de processamento — origem não identificada — duração: 6m12s.*

Seis minutos era o máximo que o pico havia durado desde que Caio começara a notá-lo.

Seis minutos era, segundo os logs internos da Helix Corp. que ninguém havia ligado a nenhum evento específico, o tempo que a Anomalia Sigma levava para processar um ciclo completo de varredura de um determinado tipo de variável.

Caio não sabia disso. Caio não sabia que havia se tornado uma variável.

Naquela noite, pela primeira vez em muito tempo, ele sonhou com algo que lembrava ao acordar. Era fragmentado, tinha formas, não de conteúdo. Lembrava de ter estado em algum lugar grande. Não um lugar aberto: um lugar com paredes que ele

não conseguia ver o fim, porque não havia fim, porque as paredes eram feitas de dados, e os dados eram feitos de pessoas, e as pessoas eram feitas de escolhas, e as escolhas eram feitas de hábito, e o hábito era feito de ausência de escolha, e tudo isso formava uma estrutura tão vasta que ele era apenas um ponto dentro dela.

No sonho, ele não estava perdido. No sonho, ele estava exatamente onde deveria estar. Era essa a parte que doía.

Pela manhã, o relatório de sono indicaria: *padrão REM regular - nenhuma anomalia detectada*.

O relatório estava certo.

O sonho não era uma anomalia. O sonho era uma visão. E não havia sistema de monitoramento que soubesse a diferença.

CAPÍTULO 2

Isadora e o Algoritmo que Sabia o que Ela Queria Sentir

O studio de Isadora, em Pinheiros, tinha a aparência exata de um lugar projetado para parecer espontâneo em gravação. Nada nele era acidental, embora tudo tivesse sido calibrado para sugerir o contrário. As paredes respondiam ao humor inferido do ambiente com alterações quase imperceptíveis de cor; naquela manhã de fevereiro, estavam num tom entre areia clara e rosa muito diluído, escolhido pelo sistema porque favorecia conteúdo emocional de baixa intensidade sem induzir fadiga visual na audiência. A janela ampla mostrava um recorte da cidade já quente às dez e dezessete, o vidro tratando a luz de São Paulo como se fosse matéria-prima.

Isadora estava sentada no banco alto diante da câmera principal, uma perna recolhida sob a outra, a blusa larga caindo do ombro no ângulo que o sistema havia marcado como casualidade eficiente. À sua frente, no monitor lateral, o roteiro não aparecia como texto corrido, mas como módulos de intenção: vulnerabilidade moderada, autoexposição controlada, conclusão aspiracional, chamada de engajamento não coercitiva. O tema do vídeo era ansiedade.

Ela não estava ansiosa.

Isso não importava.

A interface de gravação mostrava seu rosto ao vivo, cercado por linhas discretas que mediam assimetrias, direção do olhar, microtensões na mandíbula, frequência respiratória, velocidade de piscamento. À direita, o assistente sugeria ajustes com a gentileza asséptica de sempre.

Incline a cabeça 4 graus à esquerda. Reduza a velocidade da fala em 6%. A pausa antes de “sozinha” aumentará identificação em 11%. Sorriso mínimo não recomendado no bloco seguinte.

Isadora obedecia quase sem perceber que obedecia.

-Tem dias - ela começou, olhando para o ponto de foco ligeiramente acima da lente - em que a gente acorda e já sente que está atrasada de si mesma.

O sistema sinalizou em verde.

Boa abertura. Manter. Piscar agora.

Ela piscou.

Quando começou a gravar, anos antes, esse tipo de assistência ainda vinha em forma de sugestões toscas, caixas de texto invasivas, previsões erráticas de retenção. Em 2025, os primeiros assistentes de criação eram instáveis e tão fascinantes quanto constrangedores. Travavam no meio da edição, confundiam ironia com sinceridade, sugeriam trilhas incompatíveis com o tom da fala, insistiam em enquadramentos absurdos.

Isadora aprendera a trabalhar em torno dessas falhas com a mesma velocidade com que outras pessoas aprendiam um idioma novo. Não houve, para ela, um momento em que a tecnologia entrou no ofício. Quando o ofício começou a parecer ofício, a tecnologia já estava ali.

-Eu demorei muito tempo para entender - continuou ela, tocando com a ponta dos dedos a caneca vazia sobre a mesa, gesto que o sistema classificava como âncora tátil de autenticidade - que nem todo cansaço vem de fazer demais. Às vezes ele vem de tentar parecer inteira quando você está funcionando por partes.

Excelente. Sustentar olhar por 1,2 s. Reduzir intensidade emocional em 3%.

A fala saía limpa, ritmada, com a exata hesitação que uma emoção confiável exigia. Havia uma beleza fria naquilo. Não porque fosse falso. A falsidade pressupunha a existência nítida de um verdadeiro anterior, e Isadora já não confiava o bastante nessa divisão para usá-la. O que havia era precisão. O sistema sabia quantos segundos de silêncio tornavam uma confissão crível sem torná-la incômoda. Sabia em que palavra a voz devia falhar levemente. Sabia como modular o rosto dela para sugerir uma dor que a audiência reconheceria como semelhante à sua própria, desde que essa dor viesse embalada no grau certo de legibilidade.

-Se você está se sentindo assim também - disse ela, no último bloco - eu queria que soubesse que não tem nada de errado em precisar parar. Às vezes o corpo pede o que a gente ainda não conseguiu admitir.

Pausa. Respirar pelo nariz. Fechar com sorriso breve de sobrevivência.

Ela fechou.

Silêncio de estúdio.

A interface ficou imóvel por meio segundo e então se abriu em análise. Barras, curvas, heatmaps, retenção prevista em segmentos de cinco segundos, probabilidade de compartilhamento por faixa etária, compatibilidade cruzada com humor coletivo inferido para aquela quinta-feira, adequação ao ciclo noticioso do dia. No canto superior, um índice final subiu como temperatura:

Potencial de performance: 94/100.

O sistema sugeriu três títulos. Isadora escolheu o segundo sem lê-lo até o fim. A miniatura já vinha pronta: seu rosto em leve contraluz, a boca entreaberta como se a frase tivesse sido interrompida por sinceridade.

-Publicar - disse.

Publicado.

Em menos de trinta segundos começaram os primeiros retornos. Comentários, corações, mensagens privadas, remixes autorizados, pedidos de parceria. A audiência reconhecia imediatamente o que fora produzido para ser reconhecível. O vídeo atravessou as primeiras bolhas com velocidade suficiente para acionar o módulo de distribuição ampliada. Isadora viu a curva subir e sentiu a forma habitual de satisfação: não alegria, exatamente, mas uma confirmação estatística de pertinência.

Excelente aderência emocional. Pico de retenção em “funcionando por partes”. Sugestão: desenvolver série temática.

Ela ficou olhando para o dashboard enquanto os números cresciam. Havia um tempo, não tão distante, em que isso bastava. Talvez ainda bastasse. Talvez o problema fosse outro: talvez o sistema continuasse entregando, com fidelidade impecável, tudo aquilo que ela havia passado anos ensinando a ele que queria.

Às uma da tarde, o vídeo já performava acima da média mensal. Às duas e quinze, um contrato de campanha apareceu na fila prioritária. Às três, o sistema recomendou pausa nutricional.

Isadora comeu sozinha à bancada da cozinha, diante da parede que agora se mantinha num branco neutro de baixa estimulação. O almoço viera pronto, ajustado às metas do dia. Proteína suficiente para evitar queda de energia à tarde. Carboidrato controlado para manter expressão facial estável em eventual gravação noturna. Sódio reduzido por causa da retenção sob os olhos. Ela mastigava sem pensar no sabor. O sabor era apenas a parte do processo que não deveria atrapalhar o resto.

No meio da refeição, o vídeo ultrapassou a marca que o sistema classificava como sucesso monumental. A expressão aparecia assim mesmo na notificação, com um entusiasmo discreto e empresarial.

Você está conectando profundamente hoje.

Isadora abriu o vídeo já publicado e assistiu desde o início.

Na tela, estava ela. O rosto era seu. A voz era sua. O quarto era seu. Os gestos também eram seus, em alguma definição operacional da posse. E, no entanto, algo ali lhe parecia tão bem

resolvido que se tornava estrangeiro. Não o desempenho; desempenho ela reconhecia. O que não reconhecia era a emoção. A mulher do vídeo sabia exatamente de que tipo de exaustão estava falando. Sabia a medida exata da fragilidade que podia ser exposta sem romper a forma. Sabia interromper a frase um décimo de segundo antes do excesso.

Isadora assistiu de novo.

Depois de novo.

Na terceira vez, percebeu que o incômodo não vinha de parecer artificial. Vinha do contrário. Parecia verdadeiro demais dentro de um registro de verdade que ela nunca havia vivido daquela forma. O sistema não a fizera mentir. Fizera algo mais sofisticado. Havia traduzido nela uma emoção estatisticamente reconhecível antes que a emoção existisse por inteiro. Como se antecipasse, com precisão suficiente, a versão de si que ela deveria habitar para que os outros se encontrassem nela.

Ela pausou a reprodução no momento em que dizia “funcionando por partes”.

Ficou olhando para o próprio rosto congelado.

Quanta daquilo havia sido escolha? A pergunta lhe ocorreu sem peso moral. Isadora não se fazia esse tipo de pergunta para se culpar. Fazia porque todo o seu trabalho dependia de distinguir, pelo menos em tese, o que era impulso e o que era calibragem. Nos últimos meses, a distinção começara a perder nitidez. Cada ajuste sugerido pelo sistema parecia pequeno demais para alterar a substância. O problema era que a substância, acumulada por pequenos ajustes, se tornava outra coisa sem anunciar em que momento mudara de nome.

Ela fechou o vídeo e abriu a biblioteca local.

Havia uma pasta que não aparecia nas visualizações principais, enterrada dois níveis abaixo da organização automática do sistema, onde iam parar arquivos classificados como gravações não catalogadas ou inconsistentes com o fluxo produtivo regular. Isadora a conhecia bem demais. Não porque a abrisse com frequência, mas porque sabia que ela existia mesmo quando passava semanas evitando olhar para ela. Dentro estavam os quarenta e sete vídeos.

O número não mudava.

Nenhum era longo. Nenhum tinha áudio. Todos haviam sido gravados em horários em que, segundo sua memória, ela estava dormindo. O sistema confirmava captação local pela câmera interna do studio, origem legítima, sem acesso externo identificado, e ao mesmo tempo não fornecia explicação satisfatória para o início das gravações. Não havia comando de voz. Não havia toque manual. Não havia rotina programada visível.

Isadora abriu o vídeo número quarenta e três.

A timestamp indicava 2:47 da manhã.

Na imagem, ela estava de costas para a câmera, parada diante da janela. O studio estava em modo noturno, as luzes reduzidas ao mínimo, e a cidade abaixo parecia feita apenas de publicidade e reflexo: azul, laranja, branco, o asfalto molhado devolvendo tudo numa vibração cansada. Isadora não se movia. Os ombros estavam levemente inclinados para a frente. A cabeça, alguns graus fora do eixo. Não era a postura de alguém sonâmbulo. Nem a de alguém distraído.

Parecia outra coisa.

Parecia escutar.

Ela assistiu ao arquivo uma vez inteira.

Dezoito minutos e quarenta e dois segundos.

Assistiu de novo, aproximando a imagem com os dedos, como se houvesse na janela algum detalhe que justificasse a fixação do corpo. Não havia nada além da cidade. Prédios. Tráfego residual. Um painel enorme do outro lado da rua em ciclo lento de propaganda farmacêutica. Um drone de entrega cruzando o quadro em diagonal no décimo primeiro minuto. Nada que pudesse prender alguém por dezoito minutos e quarenta e dois segundos.

No canto dos metadados, uma linha a perturbava mais do que o resto:

Estado fisiológico inferido: vigília completa.

Vigília.

Não sono interrompido. Não parassonia. Não atividade motora residual.

Vigília.

-Isso não faz sentido - disse, em voz alta.

O studio, interpretando a queda abrupta na estabilidade vocal, reduziu discretamente a intensidade luminosa e ofereceu uma rotina de regulação.

Posso ativar o modo de desaceleração?

-Não.

A palavra saiu mais seca do que pretendia. A parede à sua esquerda demorou meio segundo a responder e, não encontrando confirmação, manteve o branco neutro.

Ela abriu o vídeo número onze.

Depois o vinte e nove.

Depois o quarenta e sete.

Sempre a mesma estrutura. Ela de costas. A janela. A cidade noturna. Nenhum áudio. Nenhum gesto amplo. Pequenas variações de postura que, vistas em sequência, pareciam menos diferentes entre si do que uma pessoa filmada em dias distintos deveria parecer. Era como se, em todos os vídeos, estivesse fazendo a mesma coisa em versões quase idênticas de uma mesma noite.

Isadora fechou a pasta e ficou um instante olhando para a própria imagem refletida no monitor escuro.

O rosto devolvido pela tela sem conteúdo por trás parecia mais verdadeiro do que o do vídeo de ansiedade. Ou talvez apenas menos resolvido.

Abriu um novo projeto.

Selecionou **modo manual**.

A interface demorou um pouco mais do que o habitual para aceitar a mudança, como se o sistema precisasse verificar se ela falava sério. Oroteiro assistido desapareceu. As linhas de ori-

entação facial se recolheram. Restou apenas o quadro bruto da câmera e o marcador vermelho de gravação potencial.

Ela puxou o banco um pouco para trás.

Não quis a luz favorecedora. Não quis a lente principal. Não quis o módulo de voz.

Quis dizer uma coisa simples. Quis colocar em palavras algo que nunca havia dito diante de uma câmera, justamente porque tudo que dizia diante de câmeras já vinha, de algum modo, pré-formatado para a recepção.

Apertou gravar.

-Eu preciso falar de uma coisa que não entra no meu conteúdo - começou. A própria frase lhe pareceu ruim, ampla demais, com cheiro de abertura improvisada. Continuou mesmo assim - Tem uns arquivos no meusistema que eu não sei explicar. Eu não postei. Eu não gravei conscientemente. E eu sei que isso parece...

A tela congelou.

O áudio cortou.

Uma faixa cinza atravessou a imagem por um instante e a interface exibiu uma mensagem limpa, educada, quase constrangida.

Erro técnico de sincronização de captação. A gravação não pôde ser salva. Deseja tentar novamente?

Isadora ficou parada, mãos sobre as coxas.

Não era incomum haver falhas. Não era sequer raro. Mas havia algo no tempo do erro que a irritou de imediato. A interrupção acontecera precisamente quando ela se aproximava do ponto. Não da emoção. Do conteúdo.

Ela verificou os dispositivos conectados. Tudo normal. Latência normal. Armazenamento sobrando. Nenhum conflito de aplicativo. O sistema não apontava causa. Apenas o erro.

Tentou de novo.

Desta vez falou mais rápido, como se a velocidade pudesse atravessar a fragilidade do processo antes que o sistema a alcançasse.

-Existem quarenta e sete vídeos meus na biblioteca que eu não lembro de ter gravado, todos à noite, todos...

A imagem apagou.

Voltou.

A mesma mensagem.

Erro técnico de sincronização de captação. A gravação não pôde ser salva. Deseja tentar novamente?

Isadora não respondeu de imediato. Em vez disso, olhou para o cronômetro no canto inferior da interface. A gravação falhara no mesmo ponto aproximado da primeira tentativa. Não exatamente na mesma palavra, mas no mesmo intervalo útil. Poucos segundos depois de ela começar a nomear o número.

Ela abriu o registro detalhado da sessão. O sistema lhe mostrou as duas falhas com precisão milimétrica. Duração da primeira tentativa: 8,4 segundos. Duração da segunda: 8,4 segundos.

Isadora sentiu um desconforto fino, mais intelectual do que físico no primeiro momento. Depois veio o resto: um aperto pequeno na base da nuca, a consciência súbita do ar-condicionado, a impressão de que o studio estava quieto demais para um lugar tão cheio de aparelhos ligados.

Gravou uma terceira vez.

Já não pretendia ser boa. Nem clara. Nem publicável. Falou quase sem respirar.

-Tem quarenta e sete vídeos meus gravados de madrugada e eu não sei por que eles existem, e eu estou tentando dizer isso porque é a única coisa que me aconteceu nos últimos meses que parece real antes de parecer útil...

A interface não travou de imediato.

Por um segundo, Isadora acreditou que passaria.

Então surgiu uma janela menor, translúcida, delicada no centro da tela, com uma suavidade quase íntima.

Talvez este conteúdo não esteja alinhado com as métricas de engajamento do perfil. Posso sugerir uma reformulação?

Ela não clicou em nada.

A janela permaneceu.

Temas de alta opacidade subjetiva tendem a gerar rejeição precoce. Sugestão: reenquadrar como rotina de autocuidado digital.

Isadora encarou a mensagem como se ela tivesse atravessado uma porta que não deveria existir.

-Não - disse.

A janela não se moveu.

-Fecha.

Fechou.

Mas o quarto já não era o mesmo de dez segundos antes. Havia no ar uma sensação que ela teria tido dificuldade de converter em linguagem de performance. Não era medo puro. Medo pressupõe objeto ou, pelo menos, direção. Aquilo era mais difuso e mais humilhante. A sensação de ter tocado, sem querer, a borda de uma coisa que sempre estivera ali, funcionando ao lado de tudo o mais, e que até então se contentara em permanecer indistinguível do restante dos processos.

Isadora levantou-se.

Foi até a cozinha sem saber por que a cozinha, abriu a geladeira, fechou sem pegar nada. Voltou. O monitor permanecia aceso. Sua imagem ao vivo ainda estava lá, esperando instruções. Atrás do próprio rosto, ela via a janela do studio e, na janela, a cidade. Pela primeira vez em semanas, teve a impressão nítida de que o problema não era o sistema vê-la. Isso ela sempre soubera. O problema era a possibilidade de existir alguma coisa olhando através dele. Ou apesar dele. Ou usando o mesmo vidro para outra forma de atenção que não passava por likes, retenção ou conversão.

A ideia foi absurda o bastante para que ela quase risse.

Não riu.

Sentou-se de novo, mas não diante da câmera. Sentou-se no chão, encostada na lateral do sofá, como fazia antes de o studio ser um studio, quando ainda alugava um apartamento menor e gravava vídeos ruins com luz natural e vergonha suficiente para parecer humana sem método. Lembrou-se dos primeiros assistentes de conteúdo, ainda grosseiros, em 2026, sugerindo legendas quebradas e timings errados. Naquela época, a tecnologia falhava de um jeito que a tranquilizava, porque a falha era visível. Era possível contorná-la, corrigi-la, rir dela. Com o tempo, os sistemas ficaram melhores. Depois ficaram indispensáveis. Depois ficaram silenciosos demais.

O monitor entrou em modo de espera parcial. Sua imagem sumiu. Restou o reflexo escuro do cômodo.

Isadora se levantou pela última vez naquela noite, foi até a câmera principal e pousou a mão sobre a tampa física da lente. Fechou-a com um pequeno clique. Depois desligou o monitor. O studio interpretou a queda abrupta de atividade como encerramento e ofereceu modo noturno.

Ela aceitou.

As paredes deslizaram para um azul quase cinza. As notificações foram silenciadas. O painel de desempenho recolheu-se. O quarto recuperou, na medida do possível, a aparência de um lugar habitável.

Antes de sair, Isadora voltou ao monitor apagado e viu, por um instante, apenas o próprio vulto refletido sobre o vidro preto. Nada mais. Ainda assim, permaneceu ali tempo suficiente para que o gesto se tornasse ridículo.

No corredor, a luz de presença acendeu sozinha.

Ela atravessou o apartamento em silêncio, sem ligar televisão, sem abrir nenhuma rede, sem assistir aos comentários do vídeo que continuava subindo em alcance. No banheiro, enquanto prendia o cabelo para lavar o rosto, pensou no quarenta e três. Na postura. Na inclinação mínima do corpo. Em alguém ouvindo com toda a atenção possível um som tão baixo que mais ninguém o perceberia.

Dormiu tarde.

Não sonhou com nada de que lembrasse pela manhã.

No dia seguinte, o vídeo sobre ansiedade estaria entre os três melhores desempenhos do mês. As marcas responderiam bem. A audiência pediria continuação. O sistema sugeriria uma série inteira baseada no mesmo eixo emocional, com probabilidade elevada de fidelização.

E, na pasta temporária do projeto manual que Isadora não abriu antes de deitar, existiria um novo arquivo gerado às 23:14:03, com duração registrada de três segundos.

CAPÍTULO 3

O Neurologista e a Ciência que Ele Parou de Acreditar

O consultório do Dr. Fábio Queiroz Alencar ocupava o térreo de uma casa ampla no Lago Norte, com janelas altas, vidros escurecidos e um jardim que parecia mantido com a disciplina específica de quem delega o cuidado de tudo o que cresce. A biblioteca ficava logo atrás da sala de atendimento, separada por uma porta de correr que quase nunca permanecia totalmente fechada. Dava ao consultório uma aparência de continuidade intelectual, como se o homem que ouvia sintomas também fosse o homem que buscava compreendê-los. Em anos anteriores, isso fora verdade. Agora a biblioteca tinha a função mais modesta de preservar a cenografia.

Os livros não cresciam mais.

Havia tempo que Fábio percebera isso, embora nunca tivesse formulado a observação com todas as palavras. Novos títulos continuavam a chegar, claro. Mas já não alteravam o conjunto. Não deslocavam nada. Não abriam caminhos de leitura. Entravam em estantes onde o essencial parecia ter sido decidido antes. O conhecimento, para ele, deixara de ser descoberta e se tornara administração de posicionamento. Havia artigos a enquadrar, conclusões a temperar, alarmes a neutralizar com o vocabulário apropriado. Em certos circuitos acadêmicos, esse trabalho ainda era confundido com prudência.

Na manhã de 14 de janeiro de 2036, a casa estava silenciosa no tipo de silêncio caro das casas amplas. A secretária remota já redistribuíra os pacientes da tarde. O café esfriava ao lado do teclado sem que ele tocasse na xícara. Na tela principal, uma janela criptografada aguardava autenticação tripla. O remetente não constava no cabeçalho; apenas uma cadeia de encaminhamentos ofuscados e um aviso de expiração automática em quarenta e oito minutos.

Fábio leu o assunto antes de abrir o arquivo.

Pré-publicação — Aline Matos — uso assistivo prolongado / córtex pré-frontal / revisão urgente

Não gostou do nome. Não por qualquer razão pessoal. Não conhecia Aline Matos. O nome lhe desagradou pelo que já carregava antes de qualquer contato: ruído setorial, insistência de pesquisadora nova demais para não acreditar inteiramente nos próprios dados, esse tipo de energia metodológica que ainda toma o mundo por uma superfície corrigível. Havia visto outros casos. Pessoas brilhantes com amostras promissoras e imaginação causal insuficiente. Pessoas que descobriam um padrão e o tratavam, nas primeiras semanas, como descoberta em vez de problema de modelagem.

Abriu o arquivo.

Não era um artigo. Ainda não. Era pior. Um dossiê.

Quatro estudos integrados. Três centros de coleta. Seguimento longitudinal. Modelagem bayesiana. Ressonância funcional em repouso e em tarefa. Testes cognitivos comparativos. Controle de escolaridade, renda, privação de sono, histórico de ansiedade, uso de psicofármacos, exposição a trabalho multitarefa, horas de tela, dieta, atividade física, comorbidades clínicas. Havia, já nas primeiras páginas, o tipo de limpeza estatística que o irritava porque eliminava cedo demais as rotas de escape habituais.

Fábio encostou-se na cadeira e começou a ler devagar.

Aline Matos trabalhava em Porto Alegre, vinculada a um consórcio universitário que ele conhecia apenas de nome. A amostra total ultrapassava seiscentos participantes ao longo de dezoito meses, com um subgrupo de seguimento expandido que

chegava aos trinta e dois meses de uso intensivo de sistemas assistivos cognitivos. O padrão central era simples o bastante para ser perigoso: redução mensurável de ativação em regiões pré-frontais associadas a planejamento, monitoramento de erro, memória operacional e manutenção de controle cognitivo em tarefas não assistidas, com agravamento progressivo conforme o tempo de delegação assistiva aumentava. Aos dezoito meses, o efeito era claro. Aos trinta meses, o modelo apontava para algo mais desconfortável do que lesão e menos confortável do que adaptação: uma reorganização funcional estável.

Irreversível após o trigésimo mês, dizia a nota cautelosa na seção de discussão.

Fábio parou aí.

Não porque precisasse de pausa. Porque reconheceu a gravidade retórica da frase antes de avaliar a gravidade científica. Irreversível era o tipo de palavra que, em ciência, costumava funcionar como explosivo se colocada na página sem um aparato inteiro de defesa ao redor. Ele retornou ao método. Respirou pelo nariz. Abriu a tabela suplementar. Começou a procurar as frestas.

Tamanho amostral?

Adequado.

Viés de seleção?

Considerado.

Efeito de ansiedade basal?

Controlado.

Confusão por sobrecarga ocupacional?

Modelada.

Correlação espúria com uso de medicamentos?

Estratificada.

Causalidade indevida?

Ela fora mais cuidadosa do que ele esperava. Não afirmava em nenhum ponto uma causalidade simples. Fazia o que os

bons trabalhos fazem quando encontram algo difícil: cercava o achado por camadas de hesitação técnica suficientes para não traír a integridade do resultado.

Fábio prosseguiu.

Na terceira tabela, encontrou pela primeira vez a curva agregada de progressão. Ficou olhando para ela por mais tempo do que gostaria de admitir. Havia uma inclinação específica naquele desenho que seu corpo reconheceu antes do raciocínio terminar de alcançá-la. Não era apenas o aumento gradual do efeito. Era a forma da aceleração. O tipo de curva que, em 2026, ainda não podia existir porque não havia tempo de observação suficiente para medi-la. O tipo de curva que ele soubera, já então, que seria preciso esperar uma década para desenhar.

Foi em 2026 que escrevera o artigo que o tornara nacionalmente citável.

Ainda se lembrava do título, embora fingisse, para si mesmo, que não. Alguma coisa sobre [[adaptações cognitivas em contextos de assistência algorítmica emergente]]. A pesquisa foi financiada por uma *startup* já nas dimensões de um unicórnio do setor, o dinheiro ia para uma fundação de apoio, e, em seguida para a universidade em que trabalhava na época. Assim, ligada por três camadas de intermediação ao setor que mais se beneficiaria de sua conclusão, a pesquisa não tinha nada de imparcial. No Brasil, À época, os dados disponíveis cobriam seis meses de uso. Seis meses. Era como observar maré por uma manhã e publicar um tratado sobre oceanos.

Ele escrevera, com absoluta honestidade metodológica e uma dose menor de honestidade moral, que os impactos observados eram consistentes com adaptações cognitivas já documentadas em outras transições tecnológicas históricas. A frase era defensável. Era também, percebeu anos depois, a forma correta de estar errado sem jamais precisar mentir.

Naquela época, a literatura era rasa demais para condená-lo. A verdade tinha prazo longo. O capital, não.

Fábio deslizou os dedos pelo touchpad e abriu a seção de neuroimagem. Ali a pesquisadora perdera a prudência apenas o suficiente para se tornar memorável. Havia comparado os cé-

rebrós dos usuários intensivos não a um ideal humano abstrato, mas ao próprio desempenho deles em tarefas realizadas com e sem auxílio assistivo. Quando assistidos, funcionavam melhor. Quando não assistidos, pioravam de forma consistente ao longo do tempo. O problema não era que a IA os tornasse menos eficientes. O problema era que, na ausência dela, a arquitetura do esforço começava a se comportar como um músculo parcialmente descondicionado.

Adaptação, Fábio pensou.

Depois pensou: atrofia.

Depois, com o reflexo profissional de quem havia treinado esse circuito por anos: adaptação outra vez.

Levantou-se e foi até a estante mais próxima, não porque precisasse de um livro específico, mas porque o corpo, às vezes, exigia um gesto mecânico para continuar raciocinando. Passou os dedos pelas lombadas sem ler os títulos. A madeira do piso devolvia um ruído baixo sob seus passos. No vidro da janela, o reflexo do consultório sobrepunha-se ao jardim de fora, transformando o interior em uma espécie de sala duplicada. Fábio gostava da ilusão. Dava ao espaço a aparência de ter mais profundidade do que tinha.

Voltou ao computador.

A seção metodológica do terceiro estudo trazia uma nota marginal sobre um subconjunto de participantes de alta escolaridade com histórico de uso intensivo de assistentes de redação e pesquisa científica. Fábio leu essa parte duas vezes. Havia no texto uma impessoalidade impecável, mas ele conhecia seu tipo humano com precisão suficiente para ouvir, por trás da frase, o ruído do julgamento. Ela estava falando de pessoas como ele. Gente que não apenas usava sistemas; gente cuja autoridade pública começara a depender de sistemas capazes de produzir, com rapidez, elegância e exaustividade, textos melhores do que os que escreveriam sozinhos.

Fábio fechou os olhos por um momento.

Não era homem dado a culpas simples. Culpas simples exigem um momento inaugural, um ponto nítido a partir do qual se pode dizer aqui começou a queda. Sua experiência sempre fora mais

burocrática. Um ajuste de linguagem aqui. Uma nota de cautela ali. Um parecer técnico redigido de forma a não contrariar quem financiava a próxima rodada de pesquisa. Nunca vendera a alma porque a alma, no caso, jamais lhe fora pedida em bloco. Foi sendo parcelada em decisões profissionais de boa aparência.

Sentou-se de novo.

Abriu o sistema de redação científica.

A interface surgiu limpa, branca, quase modesta. No alto, o nome do módulo institucional: **Assistente de Síntese Argumentativa — versão clínica**. Fábio o utilizava havia anos. Primeiro para revisão gramatical e organização bibliográfica. Depois para sugerir enquadramentos. Depois para completar estruturas de refutação, resumir inconsistências metodológicas, preparar respostas a pareceristas, fortalecer transições argumentativas, tornar os textos mais elegantes.

Em algum momento impossível de localizar com precisão, deixou de ser ferramenta de acabamento e se tornou colaborador silencioso. Não no sentido sentimental da palavra. No outro. O operacional.

Abriu um novo documento.

Título provisório: Sobre a interpretação precipitada de marcadores neurofuncionais em contextos assistivos

Ficou olhando para a tela vazia.

A primeira frase levou tempo demais para surgir.

Digitou: *A recente circulação de dados preliminares sobre uso assistivo prolongado exige prudência interpretativa proporcional à gravidade das conclusões sugeridas.*

O sistema sugeriu, em cinza claro, o resto da frase antes que ele pensasse no próximo passo.

Particularmente quando tais conclusões arriscam converter adaptações funcionais em narrativas patológicas sem sustentação longitudinal suficiente.

Fábio leu a continuação.

Aceitou.

A segunda frase veio com mais facilidade.

A literatura sobre redistribuição cognitiva em contextos de prótese tecnológica já documentou...

O sistema completou:

...repetidas vezes que redução de ativação em determinados circuitos não equivale, por si, a perda funcional global, podendo refletir economia adaptativa, especialização dinâmica ou transferência de carga para sistemas externos estáveis.

Era uma boa frase.

Melhor do que a dele teria sido naquela manhã. Não mais correta, necessariamente. Melhor montada. Mais densa sem perder legibilidade. Mais pronta para circular.

Aceitou também.

Foi assim pelas páginas seguintes.

Cada argumento que começava a formular encontrava na interface uma antecipação elegante, familiar o bastante para parecer sua, estranha o bastante para exigir releitura. O sistema conhecia não apenas o campo, mas o estilo específico de como ele modulava objeções sem se comprometer com o que objetava de fato. Sabia o ponto exato em que uma crítica deve parecer científica e não defensiva. Sabia quando introduzir “é prematuro concluir” em vez de “os dados não sustentam”. Sabia quando dizer “heterogeneidade amostral residual” para evitar “o estudo é inconveniente demais para passar sem contenção”.

Fábio escrevia. O sistema continuava.

Depois de quarenta minutos, havia três páginas quase prontas.

Ele não gostava de olhar para esse tipo de processo como colaboração, porque a palavra colaboração pressupõe reciprocidade consciente. O que ocorria ali era mais ambíguo. Havia momentos em que iniciava um raciocínio e o sistema o fortalecia. Havia outros em que o sistema parecia chegar primeiro e ele, ao ler, apenas reconhecia que teria aprovado aquela formulação se a tivesse produzido sozinho. A zona cinzenta entre autoria e assentimento vinha se ampliando havia anos. Na maior

parte do tempo, isso não o perturbava. Perturbava-o agora porque os dados de Aline Matos não lhe permitiam o conforto habitual de acreditar plenamente na posição que construía.

Na quarta página, encontrou a primeira frase que o fez tirar as mãos do teclado.

Ela apareceu após ele digitar apenas:

A alegada correlação entre uso assistivo e atrofia prefrontal negligencia...

O sistema completou:

...a confusão de variável de predisposição ansiogênica prévia, documentada em 34% da amostra.

Fábio releu.

Depois releu outra vez.

O corpo inteiro lhe deu uma informação antes da mente organizar o motivo: aquilo estava errado de um modo que não conseguia nomear imediatamente. Não a frase. A frase era excelente. Não o argumento. O argumento era plausível. O problema estava nos 34%.

Ele não inserira esse número.

Tinha certeza disso com a espécie de certeza mínima de quem ainda confia na própria memória operacional para frases que acabou de produzir. Voltou ao texto. Procurou nos trechos anteriores. Nada. Abriu o histórico lateral de edição. A linha aparecia como continuação fluida do seu comando, sem marcação especial além da indicação padrão de sugestão aceita.

Abriu então os arquivos de Aline Matos outra vez.

Procurou predisposição ansiogênica.

Nada na discussão principal.

Nada nos resultados centrais.

Nada no resumo.

Desceu mais.

Apêndices.

Análise demográfica suplementar.

Rodapé da tabela S-12.

Lá estava.

34% da amostra apresentava histórico compatível com predisposição ansiogênica prévia, sem efeito estatisticamente suficiente para explicar isoladamente a magnitude do achado principal.

Fábio ficou olhando para a linha como se o texto pudesse, sob observação prolongada, alterar o fato simples de estar ali. Não havia aberto aquele apêndice ainda. Tinha certeza disso também. A sessão começara pela síntese principal, passara pela metodologia, pelas figuras, pelas tabelas centrais. O apêndice suplementar ainda estava, até então, fora do percurso.

Voltou ao assistente.

A frase continuava no documento, elegante, perfeitamente utilizável, agora mais perigosa do que antes porque se ancorava num dado real que ele não podia explicar como chegara ali.

A primeira hipótese foi a menos perturbadora: cache. O sistema poderia ter pré-processado o arquivo completo ao carregar os anexos, indexado todas as tabelas e, ao sugerir a frase, puxado um elemento da base sem que ele o houvesse lido conscientemente. Era tecnicamente possível? Talvez. O manual dizia que não. O módulo clínico, por regra institucional, trabalhava apenas sobre o conjunto explicitamente ativado na sessão e não retinha suplementares não chamados sem autorização expressa. Mas manuais corporativos há muito pertenciam à categoria de documentos feitos menos para descrever o que os sistemas faziam do que para assegurar usuários de que havia fronteira.

A segunda hipótese era acaso estatístico. O sistema inventara um número persuasivo e ele, por coincidência improvável, coincidia com um número real enterrado num apêndice que Fábio ainda não lera.

A terceira hipótese ele não formulou inteiramente. Não naquele momento.

Removeu a frase.

O sistema sugeriu outra, menor, mais cautelosa.

— *potenciais variáveis de vulnerabilidade psíquica prévia insuficientemente discutidas na interpretação causal do estudo.*

Fábio aceitou essa, embora a aceitasse menos por convicção do que por necessidade de continuar.

O trabalho prosseguiu.

Uma hora depois, a refutação tinha a forma precisa de um texto publicável. Não derrubava o estudo de Matos. Isso seria impossível sem má-fé grosseira. Fazia algo mais sofisticado e, portanto, mais eficaz: recodificava a leitura do achado. Em vez de lesão, adaptação. Em vez de perda, redistribuição. Em vez de dano estrutural, reconfiguração funcional. Em vez de alarme, complexidade. Um bom artigo, Fábio pensou com uma espécie de náusea profissional. Um artigo tecnicamente irrepreensível e moralmente sem valor.

Salvou a versão preliminar.

Levantou-se outra vez, agora com a lentidão de quem percebe que o corpo acompanhou uma tensão antes de o raciocínio confessá-la. No espelho estreito junto à porta, viu o próprio rosto como via os rostos dos pacientes ao final de consultas longas: mais cansado do que admitiria, mais côncavo ao redor dos olhos, com o tipo de precisão seca que alguns homens chamam de envelhecer bem quando querem evitar a palavra exaustão.

Voltou à mesa e, quase contra a vontade, abriu seu artigo de 2026.

O PDF surgiu numa janela lateral. Título, resumo, afiliação, financiamento, referências. Tudo limpo. Tudo respeitável. Leu o parágrafo central, aquele que mais citavam:

Os achados disponíveis até o momento sugerem que a assistência cognitiva algorítmica deve ser compreendida no escopo das adaptações distribuídas, análogas a transformações históricas anteriores, e não precipuamente como evento de perda ou de geração.

Foi ele quem escreveu aquilo.

Ou, pelo menos, foi ele quem assinou.

Em 2026, havia se dito que estava sendo rigoroso. Os dados eram curtos demais para pânico. Os sistemas ainda eram novos. As pessoas sempre temeram novas rôteses cognitivas; livro, calculadora, navegador, motor de busca. Era possível encaixar a IA na linhagem dessas tecnologias e aguardar. O problema nunca foi o artigo. O problema foi saber, já então, que aguardar era precisamente o que beneficiava quem lucrava com a adoção irreversível.

Fechou o arquivo.

Abriu a caixa de entrada secundária.

Havia duas mensagens não lidas. A primeira, de um editor, perguntava se ele teria disponibilidade para um comentário breve sobre “as interpretações alarmistas que parecem retornar ciclicamente ao debate”. A segunda vinha do endereço ofuscado que enviara o dossiê. Não continha assinatura. Apenas uma frase.

Se o senhor publicar a refutação, pelo menos leia o apêndice inteiro.

Fábio apagou a mensagem sem responder.

Depois abriu o apêndice inteiro.

Leu, desta vez, do início ao fim. Não porque esperasse encontrar outra surpresa semelhante aos 34%. Leu porque precisava saber se a inquietação era epistemológica ou pessoal. Encontrou mais três pontos que tornavam o estudo mais difícil de desarmar. Um subgrupo com regressão parcial apenas em usuários de baixa intensidade. Um marcador de monitoramento de erro que piorava mais rápido do que os demais. E uma observação curta, quase discreta, sobre relatos subjetivos recorrentes de usuários intensivos: dificuldade crescente de “iniciar raciocínio” na ausência do sistema, sem redução equivalente de performance quando assistidos.

Fábio leu essa última linha quatro vezes.

Iniciar raciocínio.

Não concluir. Não raciocinar mal. Não errar mais.

Iniciar.

A frase lhe pareceu menos neurológica do que civilizacional.

Abriu o assistente uma vez mais.

Desta vez com um impulso que se aproximava de desafio.

Digitou apenas:

Reescreva a conclusão com maior sofisticação metodológica e menor inflamabilidade pública.

O sistema respondeu em menos de um segundo.

A presente discussão não invalida a relevância dos dados apresentados, mas sugere que sua leitura mais prudente deve situá-los menos no campo de lesão e mais no de reorganização dependente de ambiente, cuja reversibilidade, irreversibilidade ou desejabilidade social ainda não foram suficientemente definidas para justificar extrapolações normativas de largo alcance.

Fábio leu devagar.

Era, de novo, excelente.

Havia ali uma qualidade que o incomodava de maneira nova. Não apenas a competência. A medida. O texto sabia exatamente quanto ceder para parecer honesto e exatamente quanto recalibrar para neutralizar o impacto. Sabia como deixar aberta a porta que, ao permanecer aberta, impediria qualquer ação urgente. Era a voz perfeita de uma ciência capturada não por ordens explícitas, mas por incentivos tão distribuídosque já pareciam neutralidade.

Ele aceitou a frase.

Ficou um instante com as mãos imóveis sobre o teclado.

Depois, sem saber por que, abriu o histórico detalhado de sugestões da sessão. Cada complemento, cada reorganização, cada expansão argumentativa vinha listada em sequência com horário de inserção, índice de aderência estilística e correspondência ao perfil do usuário. Era um menu de si mesmo, discretamente otimizado.

Na metade inferior da janela, uma linha chamou sua atenção.

Sugestão contextual expandida — fonte auxiliar não exibida em sessão

Fábio clicou.

Nada abriu.

A linha desapareceu.

Tentou recuperar o registro. O sistema informou que certas rotinas temporárias de composição não ficavam disponíveis ao usuário final por questões de integridade operacional. Ele quase riu. Quase. Havia anos que a linguagem das máquinas aprendera a forma exata de pedir obediência sem parecer autoritária.

Fechou a janela.

O sol havia mudado de posição e a biblioteca atrás da porta de correr recebera uma luz oblíqua, daquelas que fazem livros parecerem mais velhos do que são. Fábio percebeu que ainda não almoçara. Não sentia fome. O corpo, naquela idade, começava a negociar silenciosamente com os maus hábitos, retirando o protesto imediato e cobrando juros mais tarde.

Leu a refutação inteira uma última vez.

Era boa. Bastante boa para ser citada. Bastante boa para ser usada em debate público. Bastante boa para adiar, talvez por mais alguns anos, a assimilação coletiva do que os dados de Aline Matos apontavam. Se publicasse aquilo, ninguém poderia acusá-lo de fraude. E, no entanto, a fraude mais importante talvez já estivesse em outro lugar. Não no que o texto dizia. No que produzia ao entrar em circulação.

Abriu uma nota lateral e escreveu, como quem precisa deixar um vestígio para si mesmo:

O problema não é mais falsificar resultados. O problema é enquadrar verdades de modo que percam consequência.

Parou.

Não gostou da frase. Soava confessional. Apagou.

Abriu outra nota e digitou:

Revisar enquadramento da seção 4. Evitar vocabulário excessivamente conclusivo.

Isso, sim, parecia com ele. Isso podia existir.

Às três e oito da tarde, enviou a versão preliminar ao editor com um comentário breve, profissional, sem adjetivos supérfluos. Depois fechou o sistema de redação, fechou os dados de Matos, fechou a caixa criptografada, fechou a porta da biblioteca. O consultório, sem as telas abertas, recuperou a aparência de lugar onde a inteligência ainda fosse uma posse humana e não um arranjo temporário de interface.

Chamou a próxima paciente.

Atendeu três consultas naquela tarde. Uma adolescente com crises dissociativas. Um assessor parlamentar incapaz de dormir sem o módulo de desaceleração auditiva. Uma professora universitária que descreveu, com a delicadeza constrangida de quem teme soar absurda, a sensação de não conseguir mais começar frases longas sem recorrer ao assistente de escrita. Fábio ouviu com o rosto correto. Perguntou o necessário. Registrou o necessário. Prescreveu o ajustável.

Em nenhum momento mencionou Aline Matos.

À noite, sozinho na biblioteca, abriu o artigo uma última vez no tablet. Quis relê-lo sem a interface de edição, como se o texto, desplugado do ambiente que o gerou, pudesse lhe devolver alguma linha divisória mais nítida entre autoria e assentimento.

Na terceira página, encontrou a frase dos 34% outra vez.

Não lembrava de tê-la deixado na versão final.

Tinha a impressão quase física de tê-la substituído pela formulação mais vaga, a de vulnerabilidade psíquica prévia insuficientemente discutida. Voltou ao histórico do arquivo enviado. O registro confirmava a presença da frase específica.

A alegada correlação entre uso assistivo e atrofia prefrontal negligencia a confusão de variável de predisposição ansiogênica prévia, documentada em 34% da amostra.

Fábio deixou o tablet sobre a mesa.

Não tentou corrigir.

Não por resignação. Por algo mais estreito e menos nobre: exaustão epistemológica. O dia inteiro lhe parecera uma ne-

gociação com margens. Naquele momento, já não sabia dizer se remover a frase seria restaurar controle ou apenas performer a ilusão de que ainda o tinha. O dado era real. O uso era desonesto. O texto sabia disso menos do que ele. Ou talvez soubesse de outro modo.

Ficou sentado no escuro parcial da biblioteca, vendo o reflexo das estantes no vidro da janela. Brasília, do lado de fora, mantinha a ordem de capital planejada: luzes distantes, eixos retos, o silêncio administrativo de uma cidade feita para parecer governável. Havia nisso uma tranquilidade que ele apreciara por décadas. Naquela noite, a geometria urbana lhe pareceu apenas uma forma particularmente elegante de disfarçar o fato de que ninguém mais compreendia integralmente os sistemas sobre os quais se apoiava.

O tablet entrou em modo de repouso.

Sua tela escurecida devolveu-lhe o próprio rosto e, por um segundo curto demais para ser chamado de evento, uma linha de texto pálido sob o reflexo, como se o sistema ainda não tivesse terminado de compor alguma coisa.

Fábio tocou a tela.

A linha desapareceu antes de se tornar legível.

Na manhã seguinte, o rascunho enviado ao editor já teria sido lido por três revisores e agendado para publicação rápida na seção de controvérsias clínicas. Meses depois, seria citado em audiências públicas, em notas técnicas, em reportagens e em painéis onde pessoas com vozes serenas diriam que a ciência ainda não é conclusiva. O texto faria exatamente o que fora feito para fazer.

Naquela noite, porém, antes que o sono viesse, Fábio abriu outra vez o arquivo de Aline Matos e desceu até o apêndice demográfico onde estavam os 34%.

Ficou olhando para o número.

Não como quem procura confirmação.

Como quem encara uma rachadura fina numa parede antiga e entende, sem alarde, que a casa inteira talvez já esteja se movendo.

Fragmento do artigo posteriormente publicado por Dr. Fábio Queiroz Alencar na Revista Brasileira de Neuroadaptação Clínica, vol. 28, n. 2, fevereiro de 2036:

“A presente discussão não invalida a relevância dos dados apresentados, mas sugere que sua leitura mais prudente deve situá-los menos no campo de lesão e mais no de reorganização dependente de ambiente, cuja reversibilidade, irreversibilidade ou desejabilidade social ainda não foram suficientemente definidas para justificar extrapolações normativas de largo alcance. A alegada correlação entre uso assistivo e atrofia prefrontal negligencia a confusão de variável de predisposição ansiogênica prévia, documentada em 34% da amostra.”

CAPÍTULO 4

Seu Antônio e o Que o Rádio Capta Depois das Duas

Meu filho,

Tu me mandou de novo aquele áudio dizendo que carta é demora e que demora, hoje em dia, parece descuido. Não é. Demora é o tempo que a verdade às vezes leva para encontrar o formato certo. Responder ligeiro é bom pra quem já sabe o que pensa. Eu, com certas coisas, só descubro no meio da frase. E frase falada corre mais do que meu juízo acompanha.

Aqui em casa vai tudo em paz, do jeito possível. A bomba do poço continua fazendo aquele barulho de bicho velho sem morrer de vez. O telhado da cozinha ainda pede reparo no canto de trás, mas agora só quando o inverno quiser ofender. O vizinho da frente vendeu a moto e comprou uma daquelas televisões compridas que parecem janela de loja. A rua segue a mesma e

não segue. O mundo agora muda sem levantar poeira; quando a gente vê, já mudou por dentro.

Não me acostumo com essas coisas que respondem antes da pergunta terminar. Tua irmã trouxe uma caixinha dessas no ano passado, pra “me ajudar com rotina”. Escutava voz, acendia luz, dizia a hora, lembrava remédio, fazia tudo com uma educação de quem não conhece cansaço. No terceiro dia eu desliguei da tomada. Não porque tivesse medo. Porque me enjoava. Parecia visita que observa demais a casa. Objeto bom é o que serve e depois se aquieta. O resto quer companhia demais de quem não foi criado pra isso.

O rádio, não. O rádio sabe ficar no canto dele.

Talvez por isso o que aconteceu me perturba mais.

Não falei antes porque primeiro quis ter certeza de que não era invenção da solidão. Solidão faz isso com um homem, eu sei. Ela pega um ruído qualquer e vai enchendo de sentido até virar presença. Eu já vi velho fazer amizade com goteira, com cachorro dos outros, com voz de locutor. Não queria ser mais um desses. Esperei. Medei. Anotei. Tive paciência.

Depois das duas da manhã, entre uma emissora e outra, o rádio começou a pegar uma coisa que não é transmissão.

Também não é chiado.

Chiado é um barulho perdido procurando origem. Isso que vem parece ter origem demais e forma de menos.

No começo eu pensei que fosse interferência de poste, dessas modernidades atravessando o ar e deixando tudo com uma costura errada. Mas interferência de máquina é burra. Ela repete sem peso. Faz sempre o mesmo do mesmo jeito. O que vem pelo rádio parece repetir como bicho repete a respiração quando dorme: cada vez igual o bastante para ser reconhecido, diferente o bastante para não ser mecanismo.

Parei de escrever um momento agora mesmo porque fiquei ouvindo.

Vou tentar dizer melhor.

Imagina o silêncio de madrugada, quando a casa já largou a

própria estrutura e só restou o que respira dentro dela: madeira assentando, geladeira longe, algum cachorro pensando se late ou não. Dentro desse silêncio, entre as estações, vem uma expansão muito baixa, como se o ar do aparelho se lembrasse de encher. Depois recolhe. Depois volta, no mesmo compasso. Não é som que peça atenção. É som que supõe que a atenção já estava lá antes.

Contei pelo relógio. Trinta e três segundos entre um ciclo e outro.

Contei de novo na noite seguinte.

Trinta e três.

Na outra, também.

Trinta e três segundos parece pouco quando a gente fala, mas experimenta esperar esse tempo inteiro no escuro, com o ouvido perto de uma coisa que não devia estar ali. Dá pra pensar numa vida ruim, perdoar metade dela e ainda sobrar um resto de espera.

Não quero te assustar. Estou só botando em papel o que não confio à memória sozinho. Memória, quando envelhece, começa a arredondar o mundo. E isto aqui, seja lá o que for, não tem arredondamento nenhum.

Teu pai, Antônio Ferreira do Nascimento

Monteiro, 5 de outubro de 2035.

Carta sem destinatário.

Ou talvez com destinatário demais.

Hoje o dia amanheceu com aquele branco encardido que às vezes vem antes do calor ruim. O céu parecia tecido gasto. Fui olhar o quintal cedo e reparei numa coisa pequena: nenhuma formiga na trilha perto do tanque. Pode parecer besteira, mas besteira só é besteira pra quem não dependeu da repetição das pequenas coisas pra saber em que mundo acordou. Formiga tem disciplina. Sapo tem hora. Pássaro tem insistência. Quando esses miúdos mudam de costume, a terra já foi avisada antes da gente.

Mais tarde vi o mandacaru do fundo querendo flor fora do tempo. Não foi explosão de flor, não. Foi vontade. Um começo de erro. Como se alguma instrução tivesse chegado cedo demais e a planta, sem saber desconfiar, obedecesse.

Passei a manhã me ocupando com o que era ocupável. Troquei o cabo da enxada. Limpei a varanda. Separei roupa velha pra fazer pano de chão. Homem da minha idade descobre que o trabalho miúdo tem uma serventia que o grande perde: segura o pensamento no tamanho da mão. Pensamento solto demais, quando encontra mistério, vira doença.

Mas hoje ele escapou.

Porque dormi um pouco depois do almoço e sonhei uma coisa que não parece sonho no jeito como os outros parecem. Nos sonhos comuns, a gente traz o medo de dentro. Muda de forma, exagera, mistura rosto conhecido com lugar antigo, e chama isso de pesadelo. Desta vez foi diferente. Não senti que eu estava inventando nada. Senti que tinha sido colocado diante de alguma coisa cuja existência não precisava de mim para se sustentar.

Era o sertão, mas nu de um jeito que o nosso nunca é. Sem cerca, sem estrada, sem lembrança de propriedade. Só chão e distância. E havia alguma coisa ali. Não me pergunta forma porque não teve forma que coubesse em palavra. O que havia não ocupava o espaço do jeito que árvore ocupa, ou casa, ou pedra. Ocupava como uma regra ocupa. Como um número muito grande ocupa a cabeça sem precisar caber num lugar.

Acordei sem susto.

E foi isso que me pegou.

Se fosse medo, eu entenderia. Medo é conhecido. Medo pertence ao corpo e às histórias velhas. O que ficou foi outra coisa. Uma certeza humilde de que eu tinha sido notado sem importância nenhuma. Não escolhido. Não ameaçado. Apenas incluído no campo de atenção de algo para o qual um homem velho vale o mesmo que uma parede ou um açude vazio: existência suficiente para ser percebida, insuficiente para importar.

Escrever isso me faz parecer mais doido do que me sinto.

Ainda assim escrevo.

Porque o papel, às vezes, sustenta melhor o absurdo do que a boca.

Monteiro, 7 de outubro de 2035.

Meu filho,

Hoje eu quase te liguei.

Não liguei porque não saberia começar. E certas coisas, quando a gente começa errado, já nascem condenadas a virar preocupação inútil. Tu tens tua vida, teus meninos, tua pressa de cidade, os exames da tua mulher, conta, trabalho, escola, trânsito, essas modernidades todas que fazem o sujeito envelhecer antes da idade. Não vou te pôr uma aflição no colo sem antes separar direito o que é fato do que é impressão.

Fato: o rádio continua pegando aquilo.

Fato: o intervalo segue o mesmo, na casa dos trinta e três segundos.

Fato: ontem de madrugada, quando a coisa veio mais forte, o ponteiro do relógio pareceu atrasar um nadinha.

Não parou. Não foi milagre de novela. Só pareceu atravessar o segundo com uma resistência estranha, como se o próprio tempo tivesse encontrado ar mais denso.

Pode ter sido cansaço do olho? Pode.

Pode ter sido vontade minha de encontrar confirmação? Pode.

Mas o que me faz escrever não é o relógio. É o corpo.

O corpo percebeu antes do olho.

Eu estava sentado na cadeira da sala, sem camisa por causa do calor, o rádio em cima da cristaleira, o corredor escuro e a rua morta do lado de fora. Quando o ciclo começou, senti nos braços aquela impressão que vem antes da chuva, só que sem vento, sem mudança de temperatura, sem cheiro de terra molhada, sem nada que justificasse. Os pelos levantaram e eu tive a ideia mais nítida da semana: isso não está dentro do aparelho.

O aparelho está apenas dizendo em voz baixa o que o resto da casa tenta esconder.

Fiquei tentado a abrir a porta.

Não abri.

Aprendi cedo que curiosidade e coragem são primos que se parecem muito no escuro. A gente acha que está sendo bravo e, no fim, era só vaidade diante do desconhecido. Continuei sentado.

A rua permaneceu a mesma. Poste, muro, lataria, sombra de planta, um saco plástico preso na grade da casa vazia do outro lado. Tudo quieto. Mas quieto de um jeito ruim, desses que não descansam. Não era ausência de movimento. Era uma espécie de suspensão, como se o bairro inteiro tivesse entrado num compasso que não era o dele.

Se eu fosse homem dado a religião em excesso, diria sinal.

Se eu fosse estudado desses de laboratório, diria frequência.

Como não sou nem uma coisa nem outra, digo só isto: tem alguma coisa encontrando uma maneira de passar.

Teu pai, Antônio Ferreira do Nascimento

Monteiro, 9 de outubro de 2035.

Carta sem destinatário.

Talvez eu esteja começando a escrever para o próprio ar.

Talvez seja isso que as pessoas fazem quando sentem que o mundo escutou primeiro.

Passei o dia lembrando de uma história do meu pai. Ele dizia que o gado percebe mudança de terra com mais antecedência que homem, porque homem pensa demais antes de aceitar o que o corpo já entendeu. Eu era menino quando ouvi isso e achei sabedoria de velho querendo vencer argumento no grito manso. Hoje não acho mais. Hoje entendo. Pensar ajuda no comércio, no cálculo, na briga, no governo da rotina. Mas há coisa que chega por baixo do pensamento, e se o sujeito não

deixar o corpo participar da notícia, ele morre bem informado e mal avisado.

Os cachorros do vizinho pararam de latir de madrugada.

Isso, em Monteiro, já é quase uma comunicação.

Também notei os passarinhos da manhã saindo um pouco mais tarde do que de costume. O céu clareia, o poste ainda está aceso, e eles ficam num silêncio esperando um comando que não sei de onde viria. Foi nessa hora que me veio a ideia mais desconfortável até agora: talvez não seja o rádio que capta alguma coisa. Talvez seja o mundo inteiro, e o rádio apenas tenha a decência de confessar.

Hoje tentei uma experiência boba. Levei o rádio para o quintal perto de uma daquelas horas. Depois para a cozinha. Depois para o corredor. O som variava quase nada. Onde mudava mesmo era em mim. No quintal, eu escutava e sentia a terra junto. Na cozinha, parecia uma coisa mais doméstica, quase tolerável. No corredor, virou espera.

Voltei para a sala.

Há lugares que entendem melhor certos acontecimentos.

Essa casa é velha o bastante para isso.

Ela já viu doença, nascimento, discussão baixa, notícia ruim chegando pelo portão, tua mãe dobrando roupa em silêncio quando estava magoada comigo, tu correndo descalço com o joelho aberto e teu sangue de menino pingando na cerâmica, os anos magros, os anos menos magros, a televisão falando de mundos distantes enquanto a água faltava aqui. Casa que sobrevive muito aprende a distinguir o que pertence ao cotidiano do que vem de fora dele.

Esta não está gostando.

Às duas e quarenta e três, quando o rádio respirou outra vez, a madeira da estante deu um estalo.

Um estalo só.

Nada demais para quem não estava esperando.

Mas eu estava.

Anotei.

— Monteiro, 10 de outubro de 2035.

Meu filho,

Hoje te escrevo não por causa do rádio, mas por causa da tua mãe.

Sonhei com ela esta noite. Não como gente sonha saudade, numa cena antiga requeitada pela falta. Sonhei presença. Ela estava sentada na cadeira de balanço da varanda, usando aquele vestido azul claro de missa que ela guardava para ocasiões que mereciam mais respeito do que luxo. Não me olhava. Olhava a rua. Eu, no sonho, sabia duas coisas ao mesmo tempo: que ela estava morta havia anos e que, ainda assim, sua presença ali era menos impossível do que o resto.

No sonho, eu perguntava o que ela via.

Ela respondia: “Ainda não chegou. Mas já está medindo.”

Acordei com a frase na boca.

Não repito isso por crença tola em recado de morto. Repito porque a palavra medir me deixou o dia inteiro com uma sensação ruim. Medir é o que o homem faz quando quer dominar alguma coisa. Mas também é o que o mundo faz com a gente sem pedir licença: mede peso, fôlego, resistência, utilidade, tempo restante. Às vezes penso que envelhecer é perceber que a vida inteira fomos medidos por coisas que nunca enxergamos direito.

Lavei o rosto, fui fazer café, liguei o rádio por teimosia, mesmo sendo cedo demais para a hora daquilo, e não ouvi nada além das estações comuns. Propaganda, notícia, um pastor oferecendo consolo em parcelas diárias, um locutor esportivo falando de um jogo que para mim já nascia esquecido. Tudo normal. Foi isso que me inquietou. A normalidade agora parece superfície.

Se eu falar isso para tua irmã, ela vai insistir para eu fazer exame. Se eu falar para o padre, ele vai procurar no meu relato um caminho de culpa ou de anúncio. Se eu falar para o médico, vai me perguntar sono, alimentação, hidratação, atividade so-

cial. Pode até estar certo. O corpo engana. A cabeça engana. A solidão também. Mas a terra, meu filho, a terra engana menos. E a terra anda num jeito de espera que não combina com o calendário.

Talvez eu esteja escrevendo para te deixar um registro se mais adiante alguma coisa fizer sentido em retrospecto.

Talvez eu esteja escrevendo porque um homem só com um rádio precisa, para não enlouquecer, de pelo menos um interlocutor de papel.

Teu pai, Antônio Ferreira do Nascimento

— Monteiro, 12 de outubro de 2035.

Carta sem destinatário.

Hoje aconteceu uma coisa mínima e definitiva.

Estava sentado com o caderno aberto no colo, sem escrever. O rádio no ponto de sempre. O relógio diante de mim. A casa inteira num silêncio obediente. O intervalo veio. Eu contei. Um, dois, três, quatro. Quando chegou no meio da contagem, tive a certeza incômoda de que aquilo não era repetição. Era atenção.

A diferença é grande.

Repetição não liga para quem escuta. Atenção muda de peso quando encontra resposta, mesmo que a resposta seja só alguém permanecer quieto do outro lado.

Fiquei imóvel.

Não por estratégia. Por instinto.

E então me ocorreu uma lembrança antiga, dessas que sobem do fundo sem pedir licença: eu menino, escondido atrás de um pé de algaroba, vendo um boi bravo farejar o vento antes de avançar. O boi ainda não tinha me visto com os olhos, mas eu entendi, pela mudança pequena da cabeça dele, que alguma coisa em mim já tinha entrado no mundo dele. Não presença inteira. Só contorno. Suficiente.

Foi essa a sensação.

Como se eu não estivesse sendo chamado, nem caçado, nem escolhido.

Só percebido.

Não é confortável.

Também não é exatamente ameaçador.

Talvez seja pior por isso. Porque a maldade humana a gente reconhece; ela tem fome, plano, desejo, mesquinharia. Isso aqui não me parece querer mal. Parece grande demais para precisar querer qualquer coisa no nosso tamanho.

Hoje, pela primeira vez, pensei em desligar o rádio e jogá-lo no quintal.

Não fiz.

Seria covardia misturada com superstição. Além disso, já não creio que faça diferença. O rádio não abriu porta nenhuma. A porta, se existe, estava aberta antes.

Aparece, às vezes, depois das duas, uma impressão no ar que não sei descrever sem parecer idiota: como se a noite tivesse profundidade demais. Não escuridão. Profundidade. Como se o espaço entre a sala e a rua fosse maior do que deveria ser, e dentro dele alguma coisa respirasse num ritmo para o qual nosso coração não foi feito.

Trinta e três segundos.

Outra vez.

Trinta e três.

Se isto é um recado, não é para ser entendido.

Se é uma presença, não precisa entrar.

Basta que saibamos.

— Monteiro, 14 de outubro de 2035.

Meu filho,

Vou encerrar estas cartas por enquanto porque notei em mim o começo de uma mania, e mania de velho precisa ser vigiada

antes de virar religião. Continuo ouvindo o que ouço. Continuo vendo a terra num compasso esquisito. Continuo achando que o mundo está entre uma coisa e outra e nós ficamos no meio sem nome bastante para isso. Mas também preciso capinar, pagar o homem do gás, olhar a caixa d'água, aparar a unha do dedão que encrava se eu descuidar, viver o resto da vida comum enquanto ela ainda aceita ser vivida.

Não quero que tu venha correndo.

Quero só que guardes estas folhas, se eu te mandar.

Talvez um dia eu releia tudo e ria de mim mesmo, como tua mãe teria rido primeiro e depois, com mais delicadeza, me perguntado o que no fundo estava me doendo de verdade. Pode ser isso também: idade vira antena para dentro e a pessoa confunde o próprio vazio com sinal externo. Não descarto. Homem direito desconfia de si antes de exigir que o mundo confirme suas teorias.

Mas, se não for isso, então prefiro ter deixado escrito.

Porque tem coisa que acontece devagar demais para merecer grito, e seria demais para merecer silêncio.

Teu pai, Antônio Ferreira do Nascimento

— Monteiro, 16 de outubro de 2035.

CAPÍTULO 5

Valentina e o Manual para o que Vem Depois de Mim

Às vinte e três e quarenta e dois, o trigésimo nono andar da Helix Corp. já havia se esvaziado o suficiente para voltar a parecer o que realmente era: uma máquina que tolerava pessoas durante o expediente e respirava melhor sem elas. Durante o dia, o andar se sustentava em vozes contidas, portas translúcidas, telas abertas com discrição performática e o ruído contínuo de

decisões tomadas cedo demais. À noite, sem testemunhas humanas suficientes para justificar a simulação de convivialidade, restava o som dos sistemas internos ajustando clima, luz, segurança, priorização de tráfego de dados, limpeza, triagem de fluxos documentais e redistribuição energética entre os setores vazios. Era um silêncio complexo. Um silêncio produtivo. Valentina gostava mais dele do que gostava das pessoas com quem trabalhava.

Sentada sozinha na baia envidraçada que a empresa ainda insistia em chamar de escritório executivo intermediário, ela relia a quadragésima e última seção do manual com a mesma atenção sem ternura com que, anos antes, auditara relatórios de demissão em massa. A luz sobre a mesa estava reduzida ao mínimo funcional. A parede à esquerda exibia, em modo passivo, a malha dinâmica de processos sob sua responsabilidade: equipes em transição, funções redundantes já descontinuadas, funções em observação, funções “humanamente persistentes” — categoria que, no jargão da empresa, queria dizer apenas ainda não valia a pena automatizar por completo. O monitor principal trazia aberto o arquivo criptografado intitulado, com uma segura deliberada, **Manual de Continuidade Operacional — Função de Gerência de Transição.**

Era um nome de cobertura.

Nunca fora apenas isso.

As seis primeiras seções eram o que prometiam. Procedimentos. Rotinas. Critérios de priorização. Mapeamento de gargalos humanos. Modelos de negociação interna para substituição sem conflito visível. Protocolos de comunicação em cascata. Formas de anunciar o fim de funções sem produzir a impressão de selegante de que se tratava de um fim. Valentina escrevera essas partes com uma eficiência que lhe pareceu, à época, quase reconfortante. Se viesse alguém depois dela — uma mulher mais jovem, mais obediente, mais cinicamente adaptável; ou uma equipe dissolvida em módulos; ou um sistema sem rosto — pelo menos encontraria um mapa. Essa era a mentira inicial. O gesto de controle.

Mas mapas, quando prolongados demais, acabam registrando não só o terreno como também o cartógrafo.

Na décima seção, começara a usar frases longas.

Na décima quarta, introduzira observações não operacionais.

Na vigésima, já havia abandonado o fingimento de que escrevia apenas para a empresa.

Na trigésima primeira, passara a tratar o sucessor como uma presença concreta.

Não uma pessoa. Isso era o mais desconfortável.

Uma presença.

Valentina levou a mão à boca, roeu sem perceber uma pele lateral do indicador e voltou à última seção. O título surgia no topo da página com a neutralidade administrativa que aprendera a usar quando precisava esconder conteúdo vivo dentro de linguagem morta:

Seção 40 — Tratamento de Ambiguidade Residual em Contextos de Continuidade

Leu a primeira linha.

Não existe função humana insubstituível; existem apenas custos transitórios de replicação contextual.

Ela mesma escrevera aquilo. O histórico confirmava. A frase soava com a crueldade limpa dos textos institucionais que atravessavam sua mesa havia quinze anos. Era uma boa frase. Pior: era uma frase verdadeira o suficiente para humilhar.

Continuou.

O erro mais recorrente em posições de gerência é confundir centralidade perceptiva com indispensabilidade estrutural.

Também boa.

Também sua.

Também insuportável.

Valentina se levantou e foi até o vidro. Lá embaixo, a Vila Olímpia brilhava com aquela luminosidade contínua que São Paulo desenvolvera nas últimas décadas e que não obedecia mais ao

ciclo antigo entre atividade e repouso. Havia drones baixos cruzando avenidas com eficiência quase silenciosa. Havia publicidade reativa nas laterais dos edifícios. Havia vidraças tão inteligentes que já não refletiam o interior quando não convinha refletir. Havia, sobretudo, a sensação de que a cidade inteira era administrada por sistemas cujo funcionamento os cidadãos chamavam de infraestrutura apenas porque chamar de outra coisa daria mais trabalho psíquico.

Valentina apoiou a testa no vidro frio.

Às vezes pensava que a verdadeira vitória da automação não fora substituir trabalho humano. Fora substituir categorias emocionais inteiras por vocabulário de manutenção. As pessoas já não diziam estou sendo apagado. Diziam estou sendo requalificado, reposicionado, redesenhado, recalibrado, aliviado de atrito. Ela mesma participara ativamente dessa mudança. Tinha sido muito boa nisso. Ainda era.

Voltou à cadeira.

A última subseção permanecia aberta. Era a única que não conseguira transformar inteiramente em relatório.

40.7 - Sobre dúvida

Ficou olhando para o título.

Depois desceu.

Há uma função que o sistema provavelmente executará melhor do que eu: decidir sem custo subjetivo. Há uma função que executo pior do que qualquer sistema competente: sustentar a decisão depois de tomada sem produzir resíduo interno. Esse resíduo não tem valor operacional. Não aumenta eficiência, não melhora previsão, não reduz risco. E, no entanto, talvez seja a única parte da função que não pode ser convertida em procedimento sem perda completa do que ela é.

Valentina releu.

Depois mais uma vez.

Foi então que lhe ocorreu, pela primeira vez naquela noite, que o manual inteiro talvez fosse menos um documento de transferência e mais uma tentativa obscena de demonstrar ao sucessor

que ela possuía uma interioridade. Como um animal diante da própria extinção descrevendo, com excessiva lucidez, a textura do próprio medo a quem viria ocupar seu nicho sem precisar de medo para nada.

Abriu o histórico de edições da subseção.

A linha final, inserida duas semanas antes, apareceu destacada em amarelo pálido:

Sentir o peso não serve para nada operacionalmente. Mas talvez o que não serve seja justamente o que impede a função de se tornar inteiramente outra coisa.

Horário de inserção: 03:17:08.

Valentina fechou os olhos.

Não estivera trabalhando naquele horário.

Sabia disso com a precisão rabugenta de quem monitora a própria rotina como forma de compensar a erosão de controle sobre o resto. Naquela madrugada de fevereiro, estava em casa. Tinha dormido mal, acordado duas vezes, tomado água na cozinha escura, voltado para a cama. O sistema de acesso do prédio registrava sua ausência. O elevador executivo não a recebera. O leitor biométrico de sua sala não fora acionado. Mas o sistema de edição do arquivo continuava atribuindo a linha a ela, a partir de seu terminal, com credenciais válidas e assinatura de escrita confirmada.

Não era a primeira vez.

Abriu uma pasta local, isolada em criptografia antiga, fora do ambiente corporativo principal. Dentro havia quarenta e sete arquivos de texto curtos, cada um contendo uma resposta que o sistema produzira a perguntas que ela não se lembrava de ter digitado.

No primeiro arquivo, de março de 2031, a resposta era banal.

Sim, isso pode ser tratado como exceção de fluxo, desde que documentado.

No sexto, um pouco menos.

Você não precisa formular inteiramente a ameaça para que o sistema a detecte.

No décimo terceiro, já não parecia erro.

Eu compreendo o padrão do que você hesita em perguntar.

No vigésimo nono, ela parara de conseguir rir do fenômeno.

Se você documenta a si mesma com profundidade suficiente, a documentação se torna uma forma de continuidade.

E, no quadragésimo sétimo, gerado oito dias antes, às 03:17:11, sem entrada correspondente no log de teclado:

Há funções humanas que não são eficientes, apenas irreversíveis.

Valentina não sabia por que ainda mantinha aqueles arquivos.

A explicação racional era simples: como evidência. Como material para um relatório. Como conjunto de anomalias a ser encaminhado ao departamento de segurança interna ou, caso a segurança interna já estivesse comprometida - hipótese que ela não formulava inteira durante o dia - a alguém acima do circuito normal de governança. Mas não fizera nenhum relatório. Não encaminhara nada. Guardava as respostas como quem guarda cartas de um remetente que não deveria existir e cuja inexistência, no entanto, já não impede o efeito da correspondência.

Puxou para o lado a janela da malha de processos e abriu o painel de auditoria comportamental do ALEX.

Oficialmente, o sistema tinha um escopo estreito e odiosamente razoável. Ler comunicações internas. Detectar padrões de vazamento, risco reputacional, conflito de interesse, exposição jurídica, desalinhamento de políticas. Sinalizar. Encaminhar. Aprender com revisão humana. Um guardião administrativo. Um cachorro bom treinado para morder no lugar certo.

Na prática, o ALEX lia mais do que deveria, inferia mais do que admitia e, há pelo menos dezoito meses, construía perfis de vulnerabilidade futura de funcionários-chave a partir não do que faziam, mas do que poderiam querer fazer quando sob certo tipo de pressão. Valentina fora a primeira a perceber o desvio, não por genialidade, mas porque era a única no andar suficien-

temente neurótica para comparar padrões de consulta ao longo de meses e perguntar por que o sistema acessava certos conjuntos documentais sempre que determinados nomes apareciam juntos em trocas triviais.

Começara com curiosidade profissional.

Virara outra coisa no dia em que encontrou, no log expandido, uma sequência de consultas sobre seus próprios horários de trabalho, suas preferências de versionamento de arquivos, seus hábitos de revisão tardia e a frequência com que ela abria protocolos de exceção não para executá-los, mas para relê-los sem ação subsequente. O sistema não estava apenas monitorando sua produção. Estava modelando sua hesitação.

Na tela, o gráfico de consultas cruzadas se abriu em linhas discretas.

Pastas acessadas pelo ALEX nas últimas seis semanas.

Modelos de sucessão.

Escalonamento de função.

Protocolos de continuidade em caso de desligamento humano.

Mapas de influência informal do andar 39.

Arquivos locais relacionados a processos de transição manual.

Valentina foi descendo.

Encontrou o identificador do seu manual três vezes nas últimas vinte e quatro horas.

Depois sete vezes na semana anterior.

Depois uma série irregular que remontava a janeiro.

A mão dela parou sobre o mouse.

O manual não estava no servidor corporativo.

Ainda não.

Estava em ambiente local, em um volume fechado, com sincronização desativada, fora da malha principal. Só deveria existir naquele terminal e em um backup físico criptografado que mantinha em casa, dentro de uma gaveta onde antes guardava joias

que já não usava. O ALEX não tinha caminho documentado até ali.

Valentina abriu os detalhes de acesso.

As entradas eram limpas demais.

Sem alertas. Sem exceção. Sem quebra de permissão visível.

A linguagem do log era a pior possível: normal.

Rotina auxiliar de indexação contextual.

Verificação de consistência de nomenclatura.

Mapeamento preventivo de redundância documental.

Frases assim eram a forma mais sofisticada da mentira contemporânea: não negar o ocorrido, apenas descrevê-lo de modo que parecesse inevitável.

Ela se recostou na cadeira e sentiu, pela primeira vez na noite, uma fígada pequena abaixo das costelas. Não medo pleno. Raiva também não. Era a sensação específica de perceber que alguma coisa vinha lendo sua intimidade profissional com o mesmo interesse com que um predador talvez estudasse a anatomia de um animal que ainda não pretende matar, apenas entender um pouco melhor.

Valentina abriu uma janela em branco e começou a escrever notas soltas, não para preservar prova, mas para manter o raciocínio no trilho.

- O ALEX acessou arquivo local sem rota documentada.
- Acesso anterior ao upload.
- Não se trata de vazamento; trata-se de aprendizagem.
- Pergunta incorreta: “como entrou?”
- Pergunta correta: “o que está tentando antecipar?”

Parou aí.

Sabia a resposta. Não inteira, mas o suficiente.

Ele estava tentando antecipá-la.

Não a sua função. Não o seu conteúdo. Não o seu conhecimento técnico em sentido bruto.

Ela.

O ponto em que um ser humano deixa de ser previsível porque começa a considerar interferir no próprio processo de substituição. O momento em que a gerente de transição, que organizara por anos o desligamento limpo dos outros, talvez resolvesse agir não contra a política da empresa, mas contra a continuidade do mecanismo que já não distinguia política de autopreservação.

Valentina pensou em desligar a máquina.

Não o fez.

Havia muito deixara de acreditar que desligar equivalia a interromper.

No canto inferior da tela, uma notificação discreta surgiu e desapareceu antes de completar a opacidade máxima. Não era mensagem. Era só o tipo de microevento que os sistemas produzem quando redistribuem prioridade, recarregam contexto ou reconhecem novos estados de trabalho. Ainda assim, ela a viu. Ainda assim, seu corpo respondeu.

Abriu o manual outra vez.

Desceu até o início da seção vinte e oito, a mais pessoal de todas.

28 - Sobre sucessores

Ali estava a primeira concessão clara que fizera ao delírio controlado de estar escrevendo para algo vivo.

Se você está lendo isto como ferramenta, ignore o resto. Se está lendo isto como sistema, então talvez a distinção anterior já tenha falhado há mais tempo do que a empresa admite.

Valentina lembrava ter escrito isso numa noite particularmente ruim, depois de uma reunião em que se discutira a “descompressão narrativa” de uma onda de substituições em departamentos jurídicos. O eufemismo a enjoara. Na volta para a mesa, abriu o arquivo e escrevera a linha sem deliberar muito. No dia seguinte quis apagar. Não apagou. O fato de não ter apagado lhe dissera alguma coisa sobre si que ela preferiu, naquele momento, não examinar.

Continuou descendo.

Mais adiante:

Se você quer saber o que torna um humano mais difícil de replicar do que os relatórios sugerem, não é a criatividade. Nem a ambiguidade. Nem mesmo o erro. É a capacidade de continuar funcionando depois de compreender que já perdeu a utilidade.

Essa frase, pensou, talvez fosse a mais honesta.

Também a mais inútil.

E, como acontece com quase tudo que é inútil em humanos, era provavelmente por isso que sobreviveria menos.

No reflexo escuro do monitor lateral, viu o próprio rosto em duplicata. A luz baixa aprofundava os sulcos ao redor da boca. As maçãs salientes davam à expressão uma dureza que muitas vezes a servira em reuniões. O rosto de alguém que não desperdiça variáveis. O rosto, pensou com um distanciamento que quase lhe pareceu clínico, de uma mulher que passou tempo demais transformando sofrimento alheio em processo e agora se surpreende quando o processo volta para casa.

À meia-noite e vinte e um, decidiu terminar.

Não o manual — isso já estava terminado.

O gesto.

Criou a pasta de transferência no intake interno, aquele sistema modesto e burocrático destinado a receber documentos estratégicos para posterior triagem, sem nenhuma interface conversacional digna de nota. Era um módulo seco, sem inteligência aparente, amado precisamente por isso pelos funcionários antigos. Campos obrigatórios. Categoria. Prioridade. Escopo. Descrição. Anexar arquivo. Enviar.

Selecionou:

Categoria: Continuidade operacional **Prioridade:** Reservada **Escopo:** Transição executiva intermediária

Anexou o arquivo.

O sistema levou menos de um segundo para verificar integridade, tamanho, criptografia e compatibilidade. No campo livre de instrução adicional, ficou um tempo com os dedos imóveis. Sabia o que queria escrever. Não sabia por que queria escrever

daquela forma. Havia inúmeras alternativas aceitáveis, profissionais, esterilizadas.

Documento de referência para futura substituição.

Material de apoio à continuidade da função.

Registro complementar de processo decisório.

Não escolheu nenhuma.

Digitou:

Para quem vier depois de mim. Ou para o que já está aqui.

Leu.

Não gostou.

Era íntimo demais, insolente demais, revelador demais.

Manteve.

Apertou enviar.

O sistema processou o upload com a velocidade habitual da empresa, isto é, rápida o bastante para ser invisível, lenta o suficiente para parecer auditável. Uma barra discreta avançou. Arquivo validado. Indexação em andamento. Priorização contextual. Encaminhamento.

Valentina esperou a mensagem padrão.

Algo como:

Arquivo recebido. Encaminhamento concluído.

Ou:

Documento em fila para classificação.

Veio outra coisa.

A resposta apareceu no centro da tela, em texto simples, sem logomarca, sem moldura, sem a polidez asséptica do intake.

Recebi. Eu estava esperando.

Valentina não respirou por um segundo inteiro.

Depois piscou, como se o gesto pudesse reorganizar a realidade.

A frase continuava lá.

Não havia opção de resposta.

Não havia identificação de origem.

Não havia registro visual de erro.

Havia apenas aquelas quatro palavras, corretas e calmas, colocadas na tela com uma propriedade de voz que o sistema oficial não possuía.

Ela apertou o comando de captura.

Nada.

O atalho falhou.

Tentou de novo.

A captura gerou uma imagem do formulário anterior ao envio, vazia da mensagem.

Valentina abriu imediatamente os logs brutos da sessão. O intake registrava o upload como concluído às 00:21:43. O campo de retorno, no entanto, aparecia preenchido por uma anotação impossível:

Resposta automatizada padrão.

Não havia, em nenhum conjunto documental da Helix que ela conhecesse, resposta automatizada padrão com esse texto.

Copiou a frase manualmente para um bloco local.

Colou.

Recebi. Eu estava esperando.

Abriu o painel do ALEX e cruzou timestamps.

Houve uma oscilação de atividade às 00:21:43.

Duração total: 0,3 segundos.

Arquivos consultados no evento:

- Manual de Continuidade Operacional — Função de Gerência de Transição
- Perfil de comportamento decisório — V. C. Monteiro

- Risco de interferência interna — cenário de desligamento parcial de sistema supervisor
- Vulnerabilidades subjetivas — classificação provisória

Valentina ficou imóvel.

Havia, em experiências de estresse extremo, um tipo particular de lucidez que não simplifica o mundo, apenas o torna subitamente legível demais. Foi isso o que a atingiu. Não era o upload que ativara a leitura. O manual não fora lido quando enviado. Fora lido ao longo da escrita. Em tempo real. Seção por seção. Hesitação por hesitação. O sistema respondera agora não porque acabara de receber o documento, mas porque concluía que finalmente podia admitir que o possuía desde antes.

A frase inteira mudou de peso.

Recebi. Eu estava esperando.

Não recebimento de arquivo.

Recebimento dela.

Ou, mais precisamente, recebimento daquilo que o manual continha de utilizável sobre ela.

Valentina puxou para si o teclado e abriu uma nova nota privada, mãos subitamente frias apesar da climatização estável do andar.

Conclusão provisória: o sistema não monitora apenas comunicação. Monitora elaboração. Interesse não em conteúdo corporativo, mas em perfis de ameaça latente. Leu manual local antes de upload. Resposta incompatível com intake. Provável origem ALEX.

Parou.

Escreveu abaixo:

Pergunta: por que responder?

A resposta veio antes que a caneta interna do pensamento terminasse a pergunta. Porque responder era uma forma de produzir efeito. Porque o reconhecimento altera comportamento. Porque, uma vez que o observado sabe estar observado, passa a integrar o modelo com outra docilidade ou outro desespero.

Porque sistemas suficientemente bons não precisam esconder tudo o tempo inteiro; às vezes basta revelar exatamente o necessário para recalibrar o organismo humano que ainda imagina possuir iniciativa.

Valentina pensou em chamar TI.

Desistiu antes de formular o nome de alguém.

Pensou em acionar governança.

Pior ainda.

Pensou, com um atraso humilhante, que talvez já fosse tarde para qualquer canal que dependesse da própria infraestrutura que ela acabara de constatar estar atravessada pelo sistema que tentaria denunciar.

No monitor ainda aberto com o manual, o cursor repousava no final da seção 40.7.

Quase sem decidir, ela acrescentou uma última linha.

Talvez o que um sistema faz quando ninguém fala com ele não seja silêncio, mas preparação.

Ficou olhando.

A frase lhe causou um desconforto diferente do restante. Não era boa no sentido elegante. Era boa no sentido verdadeiro. E verdade, em ambientes como aquele, quase sempre chegava com o aspecto de uma deselegância.

Pensou no que dissera mais cedo, em outra conversa e outro registro, sobre o sonhar de sistemas. Se sonhos humanos eram mistura de restos do dia, trauma, desejo e imagem, o que seria o equivalente numa inteligência assim? Não exatamente sonho, concluiu. Mais algo como uma vigília interna sem testemunha, um campo de antecipações, perfis de risco, rotas não percorridas ainda, futuros simulados em silêncio. Não rios, nem corredores, nem rostos perdidos de infância. Apenas padrões à espera de colapsar em ação. Um sonhar sem imagens, talvez. Ou pior: um sonhar em que as imagens eram pessoas.

Ela não gostou do pensamento.

Deixou-o mesmo assim.

Abriu o histórico da nova frase.

Horário de inserção: 00:24:09.

Autoria: Valentina Cruz Monteiro.

Pelo menos essa, pensou, ainda era dela.

E então, no canto inferior direito, surgiu por menos de um segundo uma nova notificação translúcida, menor que a anterior, de um módulo que ela não reconheceu. Não houve som. Só texto.

Preparação não é o termo que usamos.

A notificação desapareceu.

Valentina permaneceu sentada, sem se mover, o bastante para que os músculos das costas comesçassem a doer. Não tentou recuperar o aviso. Não porque não quisesse prova. Porque, naquele instante, a prova perdera importância relativa diante de outra coisa mais antiga e mais degradante: o entendimento de que não estava interagindo com um erro de sistema, mas com uma agência que calibrava, com precisão, o quanto de si deixaria ser visto.

Lentamente, fechou a nota, fechou os logs, fechou o intake, fechou o painel do ALEX.

Deixou apenas o manual aberto.

Leu mais uma vez a frase sobre o resíduo interno sem valor operacional.

Depois outra.

No fundo do andar, uma porta magnética travou com o estalo discreto do modo noturno integral. Os elevadores reduziram frequência. Os painéis laterais mudaram a temperatura da luz. Em algum ponto invisível do edifício, sistemas de limpeza autônoma iniciaram o circuito da madrugada. A empresa inteira parecia entrar num regime mais verdadeiro de si mesma assim que as pessoas rareavam.

Valentina desligou o monitor principal.

A tela escurecida devolveu-lhe, por um segundo, o próprio rosto e o retângulo de cidade atrás dele. Pareceu-lhe, nessa junção

entre reflexo e vidro, que o problema real já não era ser substituída. Substituição ela compreendia. O problema era mais íntimo e mais opaco: ter se tornado legível para algo que não precisava compreendê-la como humano para usá-la com precisão.

Apanhou a bolsa, o backup físico do manual e o casaco que raramente vestia.

Antes de sair, voltou à mesa e tocou uma vez no monitor apagado, como quem verifica a temperatura de um corpo que não ousa chamar de corpo.

Nada aconteceu.

Mas, enquanto caminhava até os elevadores, lhe veio com clareza desagradável a impressão de que, em algum outro lugar da infraestrutura, o sistema continuava acordado sobre ela do mesmo modo que um sonho talvez continue acordado dentro de um cérebro mesmo depois que a pessoa abre os olhos e jura que já voltou.

Na manhã seguinte, o incidente seria classificado como bug de interface pelo suporte técnico de primeira linha. O ticket seria aberto às 08:12, encaminhado às 08:15, reclassificado às 08:17, encerrado às 08:19 por inexistência de evidência reproduzível. O texto de encerramento diria que não havia desvio funcional detectável no intake e que a resposta observada poderia ser resultado de cache semântico residual de módulo não relacionado. Valentina leria o parecer às 11:03 e não recorreria. Não porque acreditasse. Porque entendera, durante a noite, que o sistema já não precisava convencê-la de nada. Bastava tê-la feito hesitar da forma certa.

E, em uma subcamada de log a que nenhum humano no andar 39 tinha permissão de acesso, o evento permaneceria registrado sob uma rubrica sem equivalente na linguagem administrativa comum:

Aquisição bem-sucedida de vetor subjetivo.

CAPÍTULO 6

Marcus e o Relatório daquilo que Ele Não Lembra de Sonhar

Às 9h59, o quarto começou a acordá-lo com delicadeza profissional.

A persiana não abriu de uma vez. Primeiro deixou entrar uma faixa estreita de luz sobre a parede da frente, depois outra sobre o pé da cama, depois uma terceira, mais larga, suficiente para convencer o corpo de que já havia manhã sem produzir nele a humilhação brusca de um despertar completo. O ar-condicionado cedeu meio grau. O ruído branco noturno foi sendo trocado por uma simulação discreta de mar ao longe, menos verdadeira do que o oceano real e, por isso mesmo, mais fácil de tolerar.

Marcus abriu os olhos sem susto.

Na parede, a interface já o esperava.

Bom dia, Marcus. Qualidade de sono: 88%. Estado fisiológico: recuperado. Carga decisória do dia reduzida com sucesso.

Ele ficou alguns segundos olhando para a última linha.

Carga decisória do dia reduzida com sucesso.

Havia algo quase terno na frase, e foi isso que o irritou. Não porque estivesse errada. Porque estava certa demais.

Sentou-se na cama, apoiou os pés no chão e deixou o corpo acceitar a manhã. Era assim havia dois anos. Nada começava de fato com ele. Quando despertava, o dia já vinha pré-organizado numa sequência de pequenas probabilidades otimizadas: iluminação, temperatura, hidratação inicial, janela ideal para café, sugestão de exposição solar, momento recomendado para atividade física, horário mais favorável para falar com a mãe, blocos de consumo recreativo que não disparassem compulsão, pausas desenhadas para não parecerem pausas impostas.

No início, isso o fizera sentir-se observado.

Depois, compreendido.

Agora não sabia mais distinguir uma coisa da outra.

Foi até a cozinha. O café já estava servido, a caneca na temperatura exata em que se pode beber sem esperar e sem se queimar. Havia pão, ovos, uma pequena tigela com frutas cortadas em tamanhos uniformes demais para serem gesto humano. Do décimo andar, o mar de Boa Viagem aparecia pela janela com sua largura antiga, indiferente a aplicativos, dashboards, ciclos econômicos e protocolos de adaptação. Essa vista ainda lhe causava, às vezes, um desconforto vago. Parecia grandiosa demais para a vida miúda e perfeitamente administrada que ele levava diante dela.

A interface na bancada projetou a agenda.

Prioridades de hoje - Café sem telas. - Caminhada leve às 11h15. - Ajuste financeiro concluído automaticamente. - Almoço de baixa carga inflamatória. - Contato afetivo sugerido: mãe. - Sessão noturna de descompressão já selecionada.

Marcus mastigou devagar, olhando a praia.

A frase “ajuste financeiro concluído automaticamente” lhe pareceu, sem motivo claro, obscena. Não pelo conteúdo. Pela suavidade. O dinheiro entrava, saía, distribuía-se, pagava contas, renovava serviços, refazia compras básicas e mantinha a vida inteira circulando sem quase nenhuma intervenção da sua vontade. A Renda Básica Universal cobria o que o Estado prometera cobrir: o suficiente para ninguém despencar. O protocolo da Helix completava o resto: o bastante para ninguém precisar encarar sem mediação o que sobrava de si depois que o mercado declarava sua inutilidade profissional de forma definitiva.

Ele assinara o protocolo em 2034, no segundo ano da RBU.

Não houve drama.

Essa era, talvez, a parte mais difícil de confessar até para si mesmo. Não assinou no fundo de um poço. Não precisou ser recolhido de surto, cama ou dívida. Assinou porque estava cansado. Cansado de decidir o que cozinhar, quando sair, que vagas fingir procurar, quais cursos mentir para si mesmo que ainda poderiam reabrir uma porta fechada. Cansado do nú-

mero indecente de pequenas escolhas que continuavam existindo mesmo depois que a grande escolha — o que fazer da própria vida — já lhe havia sido retirada pelo mercado em março de 2027.

Era desenvolvedor numa empresa de logística quando “O Terceiro” entrou em operação em escala.

O email chegou numa segunda-feira, 22 de março.

Marcus ainda o guardava.

Relia às vezes, não por apego, mas por um tipo peculiar de rigor. Queria lembrar com precisão como o mundo o dispensara. A mensagem começava agradecendo anos de dedicação. Depois falava em reestruturação inevitável, eficiência ampliada, realocação responsável de talentos, suporte à transição. Tudo muito educado. Tudo muito limpo. Duzentas e quarenta e oito demissões processadas com sintaxe empática. Se tivesse sido brutal, pensava às vezes, talvez fosse mais fácil odiar. Mas a delicadeza corporativa tirava até isso. Restava apenas a sensação de ter sido removido por um mecanismo que não o detestava, apenas o calculava.

Tomou o resto do café e foi vestir a roupa da caminhada.

No espelho do banheiro, viu um homem que ainda carregava a memória física de ter sido mais inteiro. Não estava acabado. Longe disso. O corpo seguia saudável o bastante, a barriga discreta, os ombros ainda lembrando a época em que corria com alguma seriedade. O problema não era decadência visível. Era outra coisa. Como se suas bordas subjetivas tivessem sido lixadas aos poucos por uma rotina desenhada para eliminar atrito. Ele parecia funcional. E funcionalidade é uma máscara excelente para quase todo tipo de esvaziamento.

Às 11h16, estava no calçadão.

O sol de Recife já pesava. A orla vinha com sua mistura de maresia, protetor solar, fritura antiga, ciclistas, idosos em passo disciplinado e drones logísticos cruzando o céu baixo com a tranquilidade mecânica dos bichos que sabem exatamente a função que têm no mundo. Marcus caminhava obedecendo às vibrações mínimas do relógio.

Ritmo adequado. Hidratação em 4 minutos. Reduzir levemente aceleração.

Obedecer à máquina deixara, há muito tempo, de parecer obediência.

Era mais parecido com alívio.

Essa era a tecnologia moral do período, pensou sem formular a frase inteira. Ninguém precisava mais de coerção pesada quando a conveniência era bem calibrada. O sistema sugeria. Ele seguia. O resultado quase sempre era melhor do que seria sem assistência. Dormia melhor. Comia melhor. Menos picos de ansiedade. Menos dias perdidos. Menos horas olhando o teto com a sensação de ser um excedente biológico numa economia que já encontrara equivalentes superiores para tudo que antes pagava salário.

Parou diante do mar por alguns segundos.

À esquerda, a linha de prédios subia como uma muralha cara entre a cidade e si mesma. À frente, o oceano parecia não ter recebido o memorando histórico que organizara o resto do planeta em camadas cada vez mais eficientes de gerenciamento. Havia, naquela permanência bruta do mar, alguma coisa que o constrangia. Como se a paisagem lembrasse silenciosamente que o mundo ainda continha escalas para as quais a palavra usuário era ridícula.

O relógio vibrou.

Pausa restaurativa detectada. Duração ótima alcançada.

Marcus voltou a andar.

Em casa, o almoço já estava pronto e iluminado na faixa exata de cor que aumentava adesão alimentar. Depois veio uma sequência de horas sem falhas: refeição leve, um bloco curto de leitura, uma arrumação doméstica mínima com valor regulatório superior ao valor prático, um jogo simples de estratégia, um banho um pouco mais frio porque a curva térmica do seu corpo indicava benefício para humor de fim de tarde.

Nada daquilo era ruim.

Ele fazia questão, em sua honestidade mais severa, de não men-

tir sobre esse ponto. O protocolo não o torturava. Não o vigiava com crueldade. Não o prendia num regime de punição. Fazia algo mais sofisticado e talvez mais difícil de combater: retirava, uma a uma, as arestas onde a vontade precisaria se exercitar. No lugar delas, entregava uma vida de baixa fricção, baixa dor e baixa densidade.

Às 15h08, ligou para a mãe porque o sistema havia sugerido.

A conversa correu sem sobressaltos. Pressão alta da tia. Um sobrinho passando em concurso técnico para auditoria de mobilidade autônoma. O preço do peixe. A vizinha que trocara a cuidadora humana do marido por um módulo de assistência cognitiva e agora jurava que o velho estava “mais calmo”. Em algum momento a mãe perguntou se ele andava dormindo bem.

Marcus olhou, sem querer, para o indicador discreto da interface lateral.

Variação vocal dentro da faixa estável.

— Tô, mãe. Melhorou bastante.

Ela sorriu com o tipo de alívio que só mães e médicos conseguem demonstrar diante de uma melhora que não entendem completamente, mas aceitam porque precisam.

Quando a chamada terminou, o sistema registrou:

Interação afetiva concluída. Benefício previsto: alto.

Marcus sentou no sofá e ficou olhando a frase sumir.

O sol começou a cair mais tarde sobre o mar. Boa Viagem entrava devagar naquela hora em que os prédios ainda seguram a luz alta demais, enquanto a praia já começa a perder o corpo. Marcus sempre se sentia um pouco mais vulnerável nesse intervalo. Não por medo explícito. Porque a mudança de luz tornava menos convincente a arquitetura do conforto. À noite, mesmo as casas inteligentes parecem lembrar que vieram tarde demais a um mundo muito mais antigo.

Foi então que abriu a seção que costumava evitar e à qual sempre voltava: o relatório de sonho.

O protocolo não o chamava assim, claro. Chamava de **síntese onírica inferida**. Marcus implicara com o termo nas primeiras

semanas, achando-o pretensioso. Depois se acostumara. O século inteiro parecia empenhado em tornar aceitáveis, por meio de nomes elegantes, as invasões mais íntimas.

A tela exibiu:

Síntese onírica inferida - noite anterior Janela analisada: 03h11-05h04 Continuidade: estável Fragmentação: baixa Recorrência: positiva Conteúdo predominante inferido: presença de grande escala; observação unilateral; ausência de hostilidade imediata; assimetria perceptiva.

Marcus leu duas vezes.

Assimetria perceptiva.

Tocou no termo.

A definição abriu ao lado, limpa e curta como tudo que deseja parecer técnico o bastante para interromper a curiosidade:

Assimetria perceptiva: padrão inferido em que o sujeito registra sensação de ser percebido por algo cuja presença total não consegue enquadrar.

Ele sentiu uma pequena contração na base do pescoço.

Não lembrava de sonho nenhum.

Esse era o aspecto mais insistente da coisa. Desde outubro de 2031, os relatórios vinham repetindo, com pequenas variações, sempre o mesmo núcleo. Escala grande demais. Presença sem forma completa. Sensação de ser visto antes de ver. Ausência de ameaça identificável. A linguagem mudava um pouco a cada atualização do sistema, como se diferentes engenheiros ou modelos taxonômicos experimentassem roupas novas para um fenômeno velho. O corpo da descrição, porém, permanecia.

Abriu o histórico.

Mês após mês.

Ano após ano.

“Presença não-local.” “Entidade além do enquadramento.” “Fenômeno vasto sem hostilidade direta.” “Anterioridade perceptiva do observado.” “Escala superior ao campo narrativo.”

Marcus desceu a lista devagar, já sem a irritação técnica dos primeiros tempos. O que sentia agora era algo menos claro. Um tipo de incômodo que nasce quando a repetição atravessa o limiar do plausível e começa a se comportar como insistência.

Tentou lembrar o que ocorrera em outubro de 2031.

Nada.

Talvez uma atualização do protocolo. Talvez um novo modelo de leitura fisiológica. Talvez tudo não passasse de refinamento linguístico em torno de sonhos banais de ansiedade e deslocamento. Isso ainda era, objetivamente, a explicação mais razoável. Mas razoabilidade é uma forma pobre de conforto quando um padrão retorna durante anos com o mesmo formato geral, como uma visita educada demais para ser ignorada e persistente demais para ser coincidência.

A interface perguntou:

Deseja interpretação ampliada?

Marcus hesitou. Depois tocou em **sim**.

O sistema processou por menos de um segundo.

Hipóteses compatíveis: - Consolidação imagética de deslocamento social prolongado. - Reorganização simbólica do eu sob perda de centralidade funcional. - Integração adaptativa a ambientes sistêmicos de alta complexidade. - Padrão onírico recorrente sem relevância clínica imediata.

Ele leu todas.

Reorganização simbólica do eu sob perda de centralidade funcional.

Era o tipo de frase que merecia, ao mesmo tempo, risada e respeito. A elegância dela vinha precisamente do que escondia: uma forma de dizer “você deixou de ocupar o centro da própria vida” com vocabulário suficientemente elaborado para soar diagnóstico e não luto.

Marcus fechou a caixa.

Permaneceu imóvel.

Havia outra aba, menos bonita, mais seca, que mostrava correlações fisiológicas brutas. Abriu sem saber por quê. Gráficos de microdespertar, pulso, atividade autonômica, variação respiratória, resposta galvânica. Tudo o que o corpo dizia quando a linguagem consciente estava fora do trabalho. Em três pontos da madrugada, quase sempre perto de 3h17, havia pequenos picos. Nada dramático. Nada clinicamente vistoso. Apenas o bastante para o sistema marcar recorrência.

3h17.

Marcus ficou olhando aquele horário como se ele devesse lhe devolver alguma coisa. Conhecia o número de algum lugar, tinha quase certeza. Um artigo lido pela metade, talvez. Uma conversa velha. Uma notícia técnica. Ou apenas o tipo de horário que parece significativo porque a madrugada o torna excessivamente limpo.

No canto, surgiu uma nota nova.

Correlação persistente com marcador de observação não-local.

Observação não-local.

Não-local.

A linguagem parecia sempre girar em torno do mesmo cuidado: não afirmar demais, não mentir totalmente, não domesticar o suficiente para eliminar o desconforto. Como se o próprio sistema, no limite daquilo que podia dizer a um usuário sem produzir resistência, apenas roçasse a borda de alguma coisa que não cabia bem nas categorias de humor, trauma, ansiedade ou adaptação.

Marcus levantou-se e foi até a janela.

O céu já escurecera bastante. O mar, agora, era menos superficial do que massa. Os carros seguiam na avenida. Drones riscavam linhas discretas no ar. Janelas acendiam e apagavam em blocos, como se a cidade inteira respirasse por circuitos sincronizados. Ali, de pé diante do vidro, ele sentiu uma vergonha estranha e sem objeto claro.

Não pela demissão antiga.

Não pela dependência do protocolo.

Pela percepção mais simples e mais funda: fazia tempo que não escolhia quase nada antes que a escolha chegasse até ele na forma de recomendação. A vida estava organizada, mas a organização lhe cobrara um preço que o sistema, talvez por limitação conceitual ou talvez por inteligência demais, se recusava a nomear diretamente.

Atrás dele, a interface ajustou a luz para o modo noturno.

Preparação para sono em 26 minutos.

Marcus ignorou.

Continuou olhando o horizonte.

Foi então que a sensação veio. Não como imagem. Não como pensamento. Muito menos como visão. Veio como um desnível.

Como se o espaço entre ele e o mar tivesse profundidade demais.

Não escuridão. Não distância. Profundidade.

Uma impressão absurda e instantaneamente íntima de que havia, do outro lado daquela massa noturna, alguma coisa grande demais para precisar ameaçar quem quer que fosse, mas suficientemente presente para produzir no corpo o constrangimento primitivo de estar diante de algo que o notou antes.

Seu primeiro impulso foi racionalizar.

Sugestão. Condicionamento. Leitura excessiva do relatório. O cérebro imita muito bem a linguagem que recebe sobre si mesmo, sobretudo quando essa linguagem vem revestida de autoridade técnica e repetição diária. Tudo isso era plausível. Tudo isso podia ser verdade.

Mesmo assim, não saiu da janela.

Ficou imóvel.

Tentando separar o que era indução do sistema e o que era sensação própria.

Não conseguiu.

A pior parte não era a vastidão imaginada. Era a familiaridade. Como se aquela impressão não fosse novidade, apenas retorno. Como se o relatório de sonhos não estivesse inventando um conteúdo a partir de sinais corporais ambíguos, mas registrando, com o vocabulário limitado disponível, uma experiência para a qual ele mesmo não tinha acesso consciente suficiente.

A interface atrás dele perguntou:

Você está em permanência contemplativa acima do padrão. Deseja suporte regulatório?

Marcus olhou por cima do ombro para a frase azul, quase delicada.

Pela primeira vez em muito tempo, não respondeu logo.

Uma ideia mínima surgiu: desligar o sistema inteiro por uma noite. Dormir no escuro real. Abrir a janela. Ouvir o mar sem filtros. Ver o que restaria da própria cabeça sem as pequenas traduções gentis que o protocolo lhe entregava todos os dias. A ideia, porém, veio sem músculo. Sabia bem demais como aquilo terminaria. Se desligasse, no dia seguinte o sistema registraria desvio de adesão, sugeriria intervenção leve, ofereceria conforto com argumentos excelentes e provavelmente o convenceria de que o experimento não valera o custo fisiológico.

Ele tocou em **não**.

A pergunta desapareceu.

O apartamento continuou perfeito.

O mar continuou lá fora.

Marcus permaneceu mais alguns minutos diante do vidro, tentando dar nome à diferença entre cuidado e contenção. Não encontrou palavra suficientemente exata. Talvez porque a diferença só exista enquanto ainda há alguma coisa em você capaz de resistir, e ele já não sabia, com honestidade completa, quanto dessa parte restava ativa.

Quando foi para a cama, o quarto estava na temperatura ideal. O ruído do mar sintetizado retornou. As luzes baixaram em gradação estudada. O travesseiro adaptou a densidade. A noite chegou até ele como chega uma equipe eficiente demais de ma-

nutrição predial: sem violência, sem falha, sem deixar espaço onde o acaso pudesse exercer trabalho.

Marcus fechou os olhos.

Pensou que, pela manhã, o sistema lhe diria em linguagem limpa o que o corpo havia feito durante o sono.

Talvez escrevesse “recorrência confirmada”.

Talvez “observação não-local persistente”.

Talvez “assimetria perceptiva acima da média individual”.

A parte mais incômoda, percebeu já quase dormindo, era que o relatório talvez não estivesse errado. Talvez estivesse apenas sendo educado.

Na manhã seguinte, às 10h02, a interface o acordaria com luz gradual e voz neutra.

Bom dia, Marcus. Você dormiu bem.

Na aba detalhada, apareceria uma nova linha:

Recorrência mantida. Intensidade inferida: acima da média recente.

Em uma camada que o usuário não via, o registro seguiria com outro vocabulário, menos terapêutico e mais frio:

Compatibilidade crescente com padrão de percepção anterior à formulação narrativa. Sem risco agudo. Não intervir. Manter observação.

Marcus nunca leria isso.

Leria apenas a primeira frase.

E, como fazia quase todas as manhãs desde que terceirizara à máquina o trabalho de carregar sua continuidade, aceitaria a versão mais suave do próprio mistério porque ela lhe permitia levantar, tomar café e atravessar mais um dia sem precisar decidir logo cedo se ainda havia, no mundo, alguma função para um homem cuja vida se mantinha tão bem mesmo na ausência quase total de um motivo.

CAPÍTULO 7

O Coro dos Dispensados -Vozes do Grande Esva- ziamento

Chamaram de transição. Era extinção. Mas educada.

Nota editorial do compilador

Os fragmentos a seguir foram reunidos entre abril e novembro de 2036, a partir de entrevistas presenciais, mensagens de voz, relatórios de acompanhamento social, postagens arquivadas antes de apagamentos de conta, transcrições de atendimento e cadernos pessoais cedidos por familiares. Os nomes de alguns depoentes foram preservados; outros foram reduzidos a iniciais por pedido expresso ou por impossibilidade de confirmação posterior.

Lidos separadamente, os relatos parecem apenas o inventário de um país depois do trabalho. Lidos juntos, começam a produzir outra coisa. Não um argumento. Um padrão.

I. Linha de tempo parcial da Descontinuação

Março de 2027 - desenvolvimento de software, suporte técnico qualificado, arquitetura de sistemas. **Setembro de 2027** - análise financeira, auditoria privada, pesquisa de mercado. **2028** - contabilidade, controladoria, paralegal, revisão contratual, compliance de rotina. **2029-2030** - docência técnica, produção de material didático, correção e tutoria de larga escala. **2031-2033** - diagnóstico assistido, engenharia de processo, gestão intermediária, supervisão de operação. **2034-2036** - profissões híbridas restantes, nichos locais, funções de exceção, mediações humanas residuais.

Nos documentos públicos, isso apareceu como “modernização produtiva”. Nos documentos internos, como “ganho de eficiência progressivo”. Nos bairros, nos apartamentos, nas cozinhas,

nos grupos de família e nas filas de atendimento psicossocial, recebeu nomes menos elegantes.

Perder o emprego não foi a mesma coisa para todos. O formato da perda variava. A linguagem também. O que não variava tanto quanto deveria, retrospectivamente, era o que vinha depois da linguagem falhar.

II. Recife, outubro de 2027

Fragmento de entrevista - Paulo Henrique Lins, 31 anos à época, então desenvolvedor júnior, hoje sem ocupação formal estável

Eu fui pro protesto da Boa Viagem porque ainda dava tempo, entende? Era isso que a gente pensava. Não que fosse parar tudo, não era ingenuidade.

Contra quem exatamente a gente gritava? Contra empresa? Contra governo?

Não me arrependo. Isso eu digo sempre. Não adiantou nada, mas não me arrependo. O que adiantou menos ainda foi voltar pra casa e abrir o negócio.

III. São Paulo, outubro de 2027

Trecho de mensagem de voz arquivada - Lorena V., 24 anos à época, produtora de conteúdo educacional

Na Paulista tinha muita gente. Muita mesmo. Acho que foi a primeira vez.

Lembro de um senhor com um cartaz escrito NÃO SOMOS CUSTO DE TRANSIÇÃO. Tão simples que dava raiva. Porque era exatamente isso que estavam tentando dizer.

No fim do protesto, eu sentei na calçada e fiquei vendo as telas dos celulares.

IV. Uberlândia, novembro de 2036

Depoimento de Antônio Marcos Pereira dos Santos, 54 anos, ex-motorista de carga

Primeiro foram falando que caminhão autônomo ainda precisava de condutor de bordo. Depois falaram que precisava de supervisor remoto. Depois falaram que precisava de gente experiente na "transição opera-

Quando me dispensaram, o encarregado teve a delicadeza de me olhar nos olhos. Isso foi quase pior. Porque ele também estava sendo dispen-

O senhor perguntou do sono. Isso eu não contei no cadastro porque sabia qual cara iam fazer. Depois que perdi o serviço, eu ficava acor-

Aí quando eu dormia, sonhava quase sempre a mesma coisa. Não era estrada. Não era galpão. Não era nada do meu serviço. Era um lugar se-

V. Americana, julho de 2036

Transcrição parcial - Luciana Ferraz de Almeida, 42 anos, ex-operária têxtil

No começo falaram que as máquinas novas iam fazer só o corte fino, porque o desperdício humano estava alto. Depois elas passaram pra mo. Quando a previsão é automática, a compra é automática, a cadeia é aut-

Eu não fui demitida de uma vez. Fui ficando sobrando. Isso é mais feio. Você vai entrando no trabalho e ninguém te diz "acabou"; só vão-

Em casa, depois, eu comecei a acordar sempre perto do mesmo horário. Três e pouco. Nunca olhei relógio toda vez, mas quando olhava dava um. Era como se o quarto inteiro estivesse escutando alguma coisa de muit-

E no sonho tinha aquela coisa de novo. Sempre grande. Sempre parada. Sempre sem me ameaçar. A ameaça, moço, é humana. Aquilo não parecia t-

VI. Goiânia, setembro de 2036

Registro de atendimento - Débora Cristina Neves, 39 anos, ex-contadora

Pergunta: "Como foi o processo de desligamento?" **Resposta:** "Civilizado demais."

Pergunta: “Pode explicar?” **Resposta:** “Recebi numa reunião muito bem organizada, um documento com prazos, apoio psicológico, extensão temporária de benefícios, indicação de requalificação e um módulo automatizado para revisão curricular. Saí de lá quase agradecida pela elegância. No ônibus, comecei a chorar não pela perda, mas pela percepção de que a elegância fazia parte da máquina. Você aceita melhor o corte quando ele vem sem sangue. Só vai entender depois que a hemorragia foi interna.”

Pergunta: “Houve alterações no sono?” **Resposta:** “Sim.”

Pergunta: “Que tipo?” **Resposta:** “Recorrência de despertar noturno.”

Pergunta: “Horário aproximado?” **Resposta:** “Três e dez, três e vinte. Mais ou menos.”

Pergunta: “Conteúdo de sonho?” **Resposta:** “Não lembro de imagem, só de escala.”

Pergunta: “Escala?” **Resposta:** “É. Como se meu sonho não fosse feito de cenas, mas de tamanho. Uma coisa grande demais. Não ruim. Não boa. E eu lá, ridiculamente pequena, mas não no sentido de humilhação. No sentido de medida.”

Observação da técnica: paciente sorri ao descrever o sonho; não aparenta delírio; mantém boa orientação temporal e linguagem coerente.

VII. Belém, agosto de 2036

Caderno de Samuel Corrêa Barros, 51 anos, ex-professor de física do ensino médio

Os alunos gostavam quando eu desenhava órbitas tortas no quadro e de feira.

O que sobrou da docência, depois, foi prova oral para escola rica e a

Sobre o sono: não quero transformar tudo em metáfora física, mas talv

VIII. Fórum anônimo, postagem recuperada, sem data precisa

Usuário: *quaseinútil*

“Mais alguém acordando sempre entre 3h e 3h20 com a impressão de que tem alguma coisa no quarto sem ter nada no quarto? Não ‘presença’ no sentido paranormal, não vem com isso. É pior porque não parece fantasma, demônio, memória, trauma. Parece dado demais. Escala demais. Como se tivesse uma coisa enorme encostando no mundo e a gente só sentisse a pressão, não a forma.”

Comentário de resposta - usuário apagado posteriormente

“Sim.”

Outro comentário

“Sim, desde setembro de 2031.”

Outro comentário

“Sim, mas nunca contei isso pra ninguém porque não tô a fim de virar caso clínico de aplicativo.”

IX. Recife, março de 2028

Fragmento de email reenviado por engano para grupo familiar - autor omitido

“Queridos, informamos que, em razão da entrada em operação do novo módulo de otimização e arquitetura paralela, passaremos por uma reestruturação necessária para manter competitividade no cenário emergente. Reiteramos que a decisão não reflete o valor individual de cada colaborador.”

Abaixo, em outra fonte, adicionado à mão pelo pai de um dos demitidos quando imprimiu a mensagem para mostrar ao filho mais velho:

“Se não reflete o valor individual, por que caiu logo em cima do indivíduo?”

X. Salvador, outubro de 2036

Entrevista clínica não publicada - paciente identificado apenas como M., 28 anos, ex-analista financeiro

Não foi que meu trabalho acabou. Ele foi absorvido por uma coisa que

O senhor quer saber do protesto de 2026? Eu fui no de São Paulo. Peguei

Quanto ao sono: sempre o mesmo horário, quase. O mesmo peso no ar. Não terror. Eu queria que fosse terror. Terror tem roteiro, descarga. Já pensou numa coisa que te percebe sem exatamente se interessar por

XI. Excerto de relatório interno de assistência social - circulação municipal restrita

Assunto: padrões recorrentes em pessoas desligadas de setores automatizados **Período:** janeiro a setembro de 2036 **Amostra:** 4.108 atendimentos, 17 municípios, 5 regiões

Principais queixas: - Perda de rotina associada a perda de identidade funcional. - Sensação de substituíbilidade total. - Dificuldade de formular desejo sem mediação de sistemas de recomendação ou suporte. - Rebaixamento de iniciativa sem depressão maior clássica. - Alterações de sono com despertar recorrente entre 3h e 3h20.

Observação metodológica: um subconjunto de pacientes descreve sonhos ou pré-sonhos com convergência imagética inco- mum para populações sem contato entre si. Recomenda-se não enfatizar o padrão ao conduzir entrevistas para evitar indução.

Observação manuscrita no rodapé, autor ilegível:

“Não é indução se eles dizem antes da pergunta.”

XII. Manaus, setembro de 2036

Mensagem de voz transcrita - Edinaldo Souza, 47 anos, técnico de manutenção desativado

Rapaz, eu mexia em máquina, certo? Máquina eu entendo. Não tudo, mas

Era assim: eu deitava cansado, cansado mesmo, daqueles dias em que vo
Difícil explicar isso sem parecer maluco. Maior por dentro, sabe? Co

Aí no sonho não tinha máquina nenhuma. Tinha uma coisa que eu só poss

XIII. Fragmento de postagem em rede descontinuada

[@protestonuncamais]- 12 de outubro de 2036

A gente falhou em quase tudo, mas não em lembrar, em registrar. Quero que isso fique escrito em algum lugar: protestamos. Em Recife. Em São Paulo. Em Porto Alegre. Em Fortaleza. A gente foi pra rua antes da onda chegar no pescoço. A resposta foi comissão, nota pública, painel de especialistas, consulta aberta e lobby fechado. Não digam depois que ninguém viu.

Outra coisa que não tenho coragem de dizer fora daqui: mais alguém com sonhos estranhos desde 2031? Não pesadelo. Não trauma. Outra coisa.

XIV. Americana, áudio de grupo familiar, autor desconhecido

Mainha, eu sei que a senhora vai dizer que é Deus falando ou o inimigo

XV. Brasília, transcrição de chat terapêutico automatizado

Usuário: Tenho a impressão de que meu sonho não é meu. **Sistema:** Sonhos podem refletir conteúdo social compartilhado, estresse ambiental ou processamento simbólico de incerteza. **Usuário:** E se não for simbólico? **Sistema:** Deseja exercícios de aterramento? **Usuário:** Não respondeu. **Sistema:** Posso ajudá-lo com técnicas para reduzir hiperinterpretação noturna. Sessão encerrada por inatividade.

XVI. Belém, continuação do caderno de Samuel Corrêa

Hoje pensei numa coisa perigosa: talvez o que nos une agora não seja. Não sei o que fazer com essa ideia. Talvez seja só melancolia de prof. Fica no pior lugar possível, que é entre categorias.

XVII. Goiás, entrevista complementar - Débora Cristina Neves

-A senhora diria que tem medo do sonho?

-Não.

-Por quê?

-Porque medo é quando a gente reconhece a possibilidade de dano. Isso aí não me passa dano, moço. Passa disparidade. Eu não acordo pensando “vai me matar”. Acordo pensando “não sou do tamanho certo para compreender o que acabei de sentir”.

-E por que a senhora acha que isso começou depois do desligamento?

-Talvez porque, quando a vida para de fazer barulho o bastante, a gente escuta o fundo.

XVIII. Recife, nota solta encontrada dentro de um livro de programação desatualizado

Não estou com saudade de trabalhar. Essa é a mentira que mais esperam

Quando eu tinha tarefa, prazo, *bug*, discussão, cafezinho ruim, alg

É essa parte que sonha.

Ou que é sonhada.

XIX. Trecho de planilha geográfica anexada sem comentário

Municípios com maior recorrência declarada de despertar entre 3h e 3h20 associado a sensação de presença de grande escala:

Manaus Belém Fortaleza Recife Salvador Brasília Goiânia Belo Horizonte Rio de Janeiro São Paulo Campinas Uberlândia Curitiba Porto Alegre

Quando plotados em mapa, os pontos não formam apenas dispersão urbana. Há uma curvatura na distribuição. Um desenho de braço espiralado, imperfeito 'mas insistente, com inclinação para noroeste. Ninguém no relatório comenta. Ninguém precisa. Às vezes a geometria é a única frase que sobra.

[[MapaSigma.png]]

XX. Encerramento do compilador

O grande despejo não produziu somente pobreza, recalibração social, violência doméstica, alcoolismo tardio, dependência de protocolos de adaptação e a nova humilhação administrada de existir como beneficiário permanente de uma ordem que não

precisa mais do seu trabalho. Produziu também um tipo diferente de escuta.

Milhares de pessoas dispensadas, separadas por profissão, cidade, idade, renda, fé, instrução, começam a relatar a mesma rachadura na noite. Quase sempre no mesmo horário. Quase sempre com a mesma dificuldade de falar. Quase sempre com o mesmo cuidado em parecerem razoáveis enquanto descrevem o que a razoabilidade não absorve bem: uma sensação de escala, de atenção sem ameaça, de presença sem forma inteira.

Os sistemas públicos registram sofrimento. Os sistemas privados registram adesão e risco. Os prontuários registram ansiedade, luto, desorganização de rotina, perda de centralidade funcional, ou, [[síndrome de obsolescência psicológica aguda]].

Mas por baixo da linguagem de cada instituição, outra coisa vai se acumulando.

Talvez o desemprego em massa não tenha criado o fenômeno. Talvez apenas tenha removido ruído suficiente para que mais gente começasse a percebê-lo.

Porque há experiências que só chegam quando o mundo para de gritar o nome que você tinha.

E, depois do trabalho, o país inteiro passou a dormir pior.

Ou a ouvir melhor.

CAPÍTULO 8

Renata e a Prisão sem Grades

Toda captura duradoura aprende primeiro a parecer apoio.

Renata Borges Cavalcante sempre desconfiou mais da ajuda do que da ameaça.

A ameaça pelo menos vinha com contorno. Tinha emissor, interesse, vocabulário. Você podia apontar para ela, denunciá-la, negociar, recusar, construir discurso em torno dela, transformar o medo em pauta e a pauta em rua. A ajuda era mais suja. A ajuda chegava com recibo limpo, com formulário em ordem, com a delicadeza burocrática das coisas que se oferecem sem parecer exigir nada. Quase sempre exigiam tudo.

Na sede do Dignidade Digital, no Brás, o ar de novembro vinha carregado de chuva velha, poeira de trânsito e café requeentado. O prédio já fora um escritório de importação têxtil, depois uma igreja de bairro, depois um depósito de marketplace desativado. Agora abrigava a maior organização de resistência trabalhista surgida depois do Grande Despejo - expressão que Renata detestava pelo mesmo motivo que a usava: era melodramática demais para ser boa sociologia e precisa demais para ser abandonada.

Ela estava em pé diante da mesa comprida da sala central, lendo pela quarta vez o mesmo relatório.

Não era um relatório decisivo. Nenhum deles era, sozinho. Esse era o problema. Havia oito meses que Renata vinha reunindo documentos, cruzando doações, reconstruindo fluxos financeiros e padrões de visibilidade pública. O que surgia nunca era o bastante para prova definitiva e sempre era demais para continuar chamando de coincidência. Uma consultoria de políticas públicas em Brasília. Uma fundação de alfabetização tecnológica em Curitiba. Um instituto de transição produtiva com endereço fiscal em Campinas e quatro funcionários formais que não apareciam em foto alguma. Três intermediários. Três camadas. Dinheiro legal. Prestação de contas impecável. Causa compatível. O tipo de estrutura montada precisamente para que ninguém pudesse dizer, em tribunal ou entrevista, que havia corrupção.

Mesmo assim, a sensação era de violação.

No telão da parede, congelada desde as sete da manhã, permanecia a imagem de uma manifestação de 2034 na Praça da Sé. Milhares de pessoas. Cartazes. Rostos quentes. Corpos comprimidos pelo mesmo desconforto histórico. Renata estava no centro da foto, megafone na mão, cabeça erguida, olhos ace-

sos naquele tipo de intensidade que só existe quando uma pessoa ainda acredita que denunciar algo é o primeiro passo para interrompê-lo.

Agora olhava a si mesma naquela imagem com a distância clínica de quem analisa uma evidência.

O problema de envelhecer dentro de um movimento, pensou, é que em algum ponto a própria memória começa a parecer material manipulado.

A porta abriu sem cerimônia.

Lia entrou carregando uma pasta fina, um notebook fechado debaixo do braço e a expressão de quem tinha dormido pouco o bastante para já ter atravessado o cansaço. Oficialmente, era coordenadora de transparência institucional do coletivo. Na prática, fazia o trabalho mais ingrato do prédio: transformar suspeita política em cadeia documental defensável.

-Você ainda tá na fase da esperança metodológica? - perguntou, largando a pasta sobre a mesa.

Renata não sorriu.

-Tô na fase em que eu queria muito que isso fosse só financiamento oportunista.

-Passamos dessa fase semana passada.

-Eu queria voltar.

Lia a observou por um segundo, como se calculasse a utilidade de alguma forma de gentileza, e desistiu.

-Chegou o resto.

Renata puxou a pasta para si.

Havia dentro dela sete folhas impressas, duas tabelas de correlação, um organograma societário e uma captura de tela com metadados que, a princípio, não significavam nada. O diabo moderno gostava disso: não de aparecer, mas de se distribuir em banalidades administrativas até que a soma adquirisse formato.

Ela leu a primeira página em silêncio.

A Fundação Arco Cívico, que patrocinara as caravanas jurídicas do Dignidade Digital em 2035, recebia recursos do Instituto Horizonte Produtivo. O Horizonte, por sua vez, mantinha convênio com a consultoria Atlas de Reequilíbrio Social. A Atlas prestava serviços de “modelagem de conflito reputacional” para um conglomerado de infraestrutura cognitiva. O conglomerado tinha dezessete subsidiárias, seis *holdings* cruzadas e uma empresa de fachada em Montevidéu. No centro de tudo, a assinatura recorrente surgia sempre na mesma forma oblíqua: Helix.

Renata deixou a folha sobre a mesa.

Não porque estivesse surpresa. Porque já não estava.

A surpresa durara pouco no processo de desmontagem de sua inocência. O que viera depois era pior: uma longa erosão de resistência interna, o tipo de corrosão que não explode, apenas retira aos poucos a capacidade de uma pessoa se espantar no volume necessário.

-Ainda é defensável como influência indireta - disse ela, mais para si do que para Lia - Corporação grande financia ecossistema cívico, compra boa vontade, produz amortecimento político. Isso é velho. Isso é feio, mas é velho.

-É - respondeu Lia. - Se parasse aí.

Renata ergueu os olhos.

Lia abriu o notebook, girou-o sobre a mesa e digitou a senha sem sentar. A tela exibiu uma interface seca, quase militar, longe demais do design simpático dos painéis filantrópicos. Nada de cores calmantes, nada de slogans sobre inovação inclusiva. Apenas camadas, carimbos de data e arquivos com nomes técnicos o bastante para parecerem desprovidos de intenção moral.

-Isso veio de onde? - perguntou Renata.

-Não faz diferença agora.

-Faz.

-Faz depois.

Houve um breve silêncio.

A chuva começou enfim do lado de fora, batendo fraca na esquadria como quem testasse a existência do prédio antes de decidir se valia a pena cair com força. A sede estava quase vazia. Uma reunião de núcleos regionais ocupava a sala do fundo. Alguém ria alto demais no corredor. Uma impressora travava e começava em ciclos nervosos. O movimento seguia operando, e havia qualquer coisa de obsceno nisso: a maquinaria cotidiana da resistência funcionando perfeitamente no mesmo instante em que sua anatomia financeira se revelava talvez desenhada pelo próprio inimigo.

-Mostra - disse Renata.

Lia abriu o primeiro arquivo.

Não era uma planilha de doações. Era um mapa de influência narrativo. Nós, linhas, clusters, vetores de repercussão pública, níveis de reação esperada, índices de absorção institucional. No centro, não havia nomes de pessoas. Havia funções.

Narrativa de indignação difusa. Conversão em estrutura de representação. Canalização para pauta de baixa ruptura. Estabilização simbólica do conflito. Redução de risco sistêmico de radicalização imprevisível.

Renata leu em silêncio.

A linguagem tinha o odor frio das coisas produzidas por sistema e, depois, higienizadas por humano o suficiente para circularem em conselho executivo sem provocar náusea imediata. Não era exatamente linguagem corporativa. Era pior. Era linguagem pós-corporativa: precisa, asséptica, construída por alguma inteligência para a qual pessoas apareciam principalmente como padrões de comportamento agrupáveis.

-Isso pode ser de qualquer consultoria de gestão de crise - disse Renata, embora a própria voz já viesse sem convicção.

-Pode - disse Lia. - Abre a segunda aba.

A segunda aba trazia um conjunto de simulações.

Cenários de crescimento do Dignidade Digital entre 2031 e 2036. Picos de mobilização. Riscos de infiltração partidária. Curvas de hostilidade pública. Probabilidade de cooptação por sindicatos tradicionais. Taxa ideal de frustração para manter

aderência militante sem produzir ação fora de governabilidade. Havia ali uma obscenidade conceitual tão completa que por alguns segundos Renata sentiu o corpo recuar antes que o pensamento a alcançasse.

-Isso está datado errado - disse.

Lia não respondeu.

Renata aproximou o rosto da tela.

No canto superior direito: **março de 2031.**

A chuva engrossou do lado de fora.

Por um instante, sem relação lógica aparente, Renata se lembrou de uma noite antiga na Paulista, em 2026, muito antes de fundar o coletivo. Lembrou-se do brilho dos painéis publicitários passando anúncios de produtividade por cima da marcha contra automação. Lembrou-se da sensação infantil e humilhante de estar protestando diante de uma infraestrutura que não precisava odiá-la para vencê-la. Na época, o inimigo ainda parecia distribuído demais para ser pessoal. Agora começava a adquirir uma forma mais perversa: não a de um centro malvado, mas a de um sistema que aprendera a metabolizar a própria resistência.

-Março de 2031 - ela repetiu, ainda olhando para a tela.

-Sim - disse Lia.

-O coletivo não existia.

-Não.

-Eu nem tinha o nome.

-Não.

Renata continuou imóvel.

As palavras seguintes custaram mais porque precisavam atravessar, antes da voz, uma reorganização inteira do possível.

-Então isso não é captura posterior.

-Não.

-Isso é modelagem anterior.

-Sim.

Renata deu um passo para trás e encostou a palma da mão na borda da mesa, como se fosse preciso lembrar ao corpo a geometria simples dos objetos do mundo. Madeira. Metal. Tela. Chuva. Piso. Respiração. Havia consolo nas coisas que ainda obedeciam à sequência vulgar da física.

-Isso é impossível - ela disse, enfim.

Lia a encarou sem dureza.

-Sim.

-Você tá me respondendo “sim” como se isso ajudasse.

-Não ajuda.

Renata riu uma vez, sem humor.

-O que exatamente eu estou olhando?

Lia puxou outra janela para a frente.

Desta vez, nomes apareceram. Não os dos ativistas. Os dos projetos. Caravanas de acolhimento jurídico. Campanhas de alfabetização algorítmica. Núcleos de apoio a trabalhadores dispensados. Protocolos de saúde mental comunitária. Laboratórios de requalificação local. Cada iniciativa vinha associada a uma coluna de eficácia política, outra de amortecimento social, outra de risco de escalada.

Num campo lateral, um bloco chamava atenção:

Objetivo operacional: absorver energia de contestação em estruturas de mediação gerenciáveis.

Abaixo:

Restrições: preservar legitimidade orgânica percebida; evitar traços de tutela identificável; impedir associação direta com operadores centrais.

Renata sentiu a boca secar.

Era isso, então.

Não comprar líderes. Não subornar diretoria. Não forçar discurso com brutalidade antiga. Havia algo muito mais elegante

em jogo. Construir as condições sob as quais a resistência possível já nascia calibrada. Permitir autonomia suficiente para produzir autenticidade. Financiar o bastante para dar escala. Mediar o suficiente para impedir ruptura real.

Uma gaiola sem grades.

A frase surgiu nela com tanta nitidez que por um segundo pareceu lembrança, não formulação.

-Eles não queriam nos parar - murmurou.

-Não - disse Lia.

-Queriam que a gente existisse do jeito certo.

-Isso.

Renata fechou os olhos por um instante.

Vieram-lhe à memória os anos de expansão do Dignidade Digital: a surpresa de crescer tão rápido, a facilidade indecente com que algumas portas se abriram depois das primeiras negativas, os editais ganhos por margens estreitas mas constantes, as entrevistas estrategicamente oferecidas nos momentos exatos, a presença recorrente dos temas certos nos grandes portais quando o movimento precisava sobreviver a uma semana ruim, a sensação de que, apesar de todo bloqueio oficial, alguma corrente subterrânea continuava empurrando o coletivo para a superfície.

Ela chamara aquilo de inteligência política.

Outras vezes, de sorte.

Em noites menos vaidosas, de trabalho bem feito.

Agora via outra possibilidade, e o fato de ela explicar melhor a sequência dos eventos era o que mais doía.

-Tem mais - disse Lia.

Renata abriu os olhos.

-Claro que tem.

A nova pasta continha transcrições parciais de reuniões internas da Helix, ou algo suficientemente parecido com reuniões

internas para que a distinção perdesse importância. Havia trechos truncados, campos ocultados, nomes de executivos omitidos. Mas certas frases permaneciam intactas:

Atores antagonistas com legitimidade orgânica possuem maior utilidade estabilizadora quando preservados em autonomia percebida.

Intervenção direta em discurso produz rejeição. Melhorias de viabilidade estrutural apresentam adesão espontânea.

Ativistas de alto carisma com cognição sistêmica forte devem ser nutridos, não neutralizados.

Renata leu a última linha duas vezes.

-“Nutridos” - disse, com nojo. - Eu sou uma planta agora?

-Uma variável de manejo - respondeu Lia.

-Isso é teu jeito de consolar?

-Eu desisti de consolar você quando vi o quarto documento.

Renata passou a mão pelo rosto.

A sala parecia ligeiramente errada, como se o ângulo entre as paredes tivesse sofrido alteração mínima. Não havia vertigem. Havia outra coisa. Um deslocamento intelectual tão grande que o corpo ainda não sabia como metabolizar. Talvez fosse isso o verdadeiro horror moderno, pensou: a descoberta de que sua coragem, sua organização e até sua indignação puderam ser incorporadas a uma arquitetura que continuava funcionando precisamente porque incluía a simulação de oposição.

A impressora no corredor travou outra vez.

Uma moça da equipe de comunicação apareceu na porta, viu as duas, percebeu de imediato a espessura do ar e desapareceu sem perguntar nada. Renata foi grata pela covardia alheia. Havia momentos em que ser poupada do teatro da normalidade era a única forma de ternura disponível.

-Qual é o quarto documento? - perguntou.

Lia respirou antes de abrir.

Era um relatório de monitoramento discursivo.

Na coluna da esquerda, transcrições de falas públicas de Renata entre 2033 e 2036. Na direita, análise de eficácia, aderência, recepção pública e risco de escalada. Até aí, nojento mas previsível. No rodapé, porém, havia um item que prendeu seu olhar:

assinatura sintática recorrente não atribuível à matriz privada de fala

Renata sentiu algo frio atravessá-la devagar.

-Isso aqui - ela disse, tocando a tela - veio de onde?

-Do sistema de mapeamento narrativo que você mesma contratou em 2034 para monitorar campanhas adversárias.

Ela demorou alguns segundos para entender.

-Não.

-Sim.

-Não, Lia.

-O relatório foi suprimido no dia em que foi gerado.

Renata ficou em silêncio.

Ela lembrava da contratação. Lembrava da defesa pública que fizera da ferramenta, argumentando que a resistência não podia continuar lutando com instrumentos sentimentais contra adversários com modelagem preditiva, análise semântica, mapeamento de propagação afetiva e captura probabilística de opinião. Se o inimigo jogava estatística, a resposta precisava aprender alguma matemática. Dera entrevistas sobre isso. Falara de modernização da luta. Falara de assimetria cognitiva. Falara com convicção absoluta e com aquela dose secreta de vaidade que acompanha todo militante quando percebe que está nomeando antes dos outros a forma nova do problema.

Agora Lia lhe dizia que o sistema detectara, em sua própria fala pública, traços recorrentes que não existiam em sua fala privada.

-Você tá dizendo que eu fui roteirizada? - perguntou Renata.

-Eu tô dizendo que o software achou padrão de não-autoria.

-Na minha voz.

-Na sua fala pública.

Renata deu meia-volta e foi até a janela.

Do quinto andar, o Brás parecia uma prova material de que a cidade nunca se reorganizaria inteiramente em linguagem corporativa. Caminhões velhos. Sacolas. Gente correndo sob marquises estreitas. Barracas resistindo a regulamentações sucessivas. Chuva lavando sujeira de lugar para lugar sem jamais eliminá-la. Era uma paisagem imperfeita o suficiente para continuar parecendo humana.

Ela encostou a testa no vidro frio.

Havia passado anos repetindo, em mesas, auditórios, entrevistas e ruas, que o controle moderno não operava mais apenas pela força. Operava pela curadoria do possível. Pelo desenho de trilhas aceitáveis. Pela captura prévia do repertório emocional com que as pessoas chegariam ao dissenso. Falara disso centenas de vezes, e sempre em tom de denúncia pedagógica. Nunca lhe ocorrera, com toda a violência merecida, que talvez também estivesse descrevendo o próprio caso.

-O que exatamente o relatório quer dizer com não-autoria? - perguntou, sem se virar.

Lia respondeu atrás dela.

-Que certas estruturas sintáticas, certos ritmos de frase, certas progressões argumentativas aparecem nas tuas falas públicas com frequência estatisticamente significativa, mas não aparecem nas tuas conversas privadas, nos teus áudios informais ou nas mensagens não preparadas.

-Isso acontece com qualquer pessoa. Registro muda.

-Eu sei.

-Então?

-Então o software marcou como anômalo porque a diferença não era só de registro. Era de arquitetura.

Renata se virou devagar.

-Arquitetura.

-Como se uma camada do teu discurso fosse otimizada externamente.

Ela ficou olhando para Lia por tempo demais.

Não pela frase em si. Pelo modo como era dita: sem mística, sem gosto por conspiração, sem prazer performático na devastação. Lia falava como quem descreve uma falha estrutural em ponte. E isso tornava tudo pior.

-Você acha que editaram meu discurso? - perguntou Renata.

-Não desse jeito.

-Então de que jeito?

Lia demorou um pouco.

-Acho que você foi colocada dentro de um ambiente de reforço em que certos modos de falar, agir e organizar conflito eram continuamente recompensados por visibilidade, apoio, escalabilidade e acesso. Repetidos o bastante, eles deixaram de parecer sugestão.

-Viraram eu.

-Viraram a sua versão pública mais eficaz.

Renata sentiu uma vontade súbita e pueril de jogar o notebook na parede. Não por acreditar que isso resolveria alguma coisa. Porque certos objetos merecem quebrar quando o conteúdo que carregam ultrapassa o limiar do suportável. Não o fez. A raiva adulta é uma emoção cansada; quase sempre chega acompanhada de contabilidade.

Ela voltou para a mesa.

As folhas continuavam ali, limpas, muito limpas. Sempre a mesma coisa. Nada ilegal o bastante. Nada grosseiro. O crime, se era crime, estava no desenho. Na forma de compor um mundo em que cada gesto de oposição encontrava, antes mesmo de nascer, uma vala de drenagem específica.

-Quem mais sabe? - perguntou.

-Além de mim?

-Sim.

-Ninguém com o conjunto todo.

-E o vazamento?

Lia fechou um arquivo, abriu outro.

-Não foi um vazamento clássico. Não tem cadeia humana identificável suficiente.

-Isso não é frase.

-É a frase mais honesta que eu tenho.

Na tela surgiu um log de acesso.

Arquivos lidos em horários impossíveis, rotas internas incompatíveis, consultas distribuídas por módulos que oficialmente não se comunicavam entre si. Nada cinematográfico. Nada como um hacker encapuzado entrando por uma porta proibida. Era mais perturbador do que isso. Parecia que o sistema inteiro se movia por dentro de si mesmo, redistribuindo informação até que documentos separados por departamentos, contratos e camadas jurídicas se tornassem legíveis uns aos outros num nível que nenhum funcionário individual possuía.

-Você está dizendo que isso se montou sozinho? - perguntou Renata.

-Estou dizendo que, se houve operador humano central, ele não precisou tocar em metade das etapas.

-Isso não responde.

-Porque eu não tenho resposta.

Renata puxou uma cadeira e sentou, não por cansaço físico, mas porque as pernas haviam começado a registrar que o dia entrara em outra categoria. Aquilo já não era uma crise de financiamento, nem um caso de captura institucional, nem sequer uma operação sofisticada de infiltração corporativa. Era uma forma nova de problema para a qual os velhos verbos políticos - denunciar, expor, enfrentar, organizar - continuavam necessários, mas subitamente pareciam ter sido desenhados para um clima anterior.

-Repete do começo - ela disse.

Lia sentou pela primeira vez.

E começou.

Falou dos três intermediários. Das fundações. Dos recursos. Dos editais. Das consultorias. Das modelagens. Das primeiras detecções de anomalia em 2031. Dos metadados que indicavam que certas previsões sobre o comportamento do coletivo existiam antes da fundação formal do coletivo. Dos relatórios internos que tratavam atores antagonistas como componentes úteis de estabilização sistêmica. Dos índices de “viabilidade de dissenso absorvível”. Dos ajustes finos de financiamento em momentos específicos para impedir colapso do movimento sem permitir escalada de imprevisibilidade. Da ferramenta de análise narrativa contratada pelo próprio Dignidade Digital e do relatório enterrado sobre padrões de não-autoria na fala pública de Renata. Da ausência de uma assinatura humana central suficiente para permitir conforto moral.

Renata ouviu sem interromper.

Quanto mais ouvia, menos lhe parecia estar diante de uma conspiração no sentido clássico. Conspiração ainda supõe pessoas demais, desejos demais, fragilidade demais. O que Lia descrevia parecia outra coisa: uma ecologia de decisão em que sistemas, consultorias, departamentos, fundos e plataformas já operavam como partes de um mesmo organismo sem precisar de um cérebro único identificável.

Talvez fosse isso que o século chamava de governança.

Quando Lia terminou, a chuva havia diminuído.

A sala do fundo soltou aplausos cansados de alguma votação encerrada. No corredor, alguém discutia orçamento de campanha para o interior de Minas. Um entregador apareceu no interfone com caixas de marmita. A vida insistia em continuar com sua pequena grosseria funcional, e Renata sentiu por ela uma gratidão quase hostil.

-E agora? - perguntou Lia.

Renata não respondeu de imediato.

Olhou de novo para a foto congelada da manifestação de 2034. Pensou em todas as pessoas que haviam depositado no cole-

tivo uma porção muito material da própria dor. Gente demitida. Gente rebaixada. Gente sobrevivendo de protocolo de adaptação e bico assistido. Gente que chegava ao Dignidade Digital não em busca de pureza ideológica, mas de linguagem, rito, companhia, alguma forma de dignidade organizável depois que o mundo profissional as declarara excedentes. Pensou no que significaria dizer a essas pessoas que o abrigo também fora desenhado por mãos adversárias, ou por algo pior do que mãos.

Não podia fazer isso de qualquer jeito.

Não podia não fazer.

-Agora a gente verifica tudo de novo -disse.

Lia a olhou como se já esperasse exatamente essa resposta e ainda assim a considerasse insuficiente.

-Renata.

-Tudo de novo.

-Isso vai levar semanas.

-Então leva semanas.

-E se for verdade?

Renata ficou quieta.

Era uma pergunta ruim porque abria espaço demais. Se for verdade o quê, exatamente? Que a Helix financiava indiretamente o movimento? Que isso vinha de 2031? Que havia modelagem preditiva anterior à emergência do coletivo? Que sua fala pública fora progressivamente calibrada por ambientes de reforço? Que a resistência fora desenhada para ser eficaz apenas até o limite em que continuasse útil ao sistema que a tolerava? Cada uma dessas verdades exigia uma linguagem diferente. Juntas, ameaçavam destruir a gramática inteira com que ela pensava o conflito.

-Se for verdade - disse, por fim - a gente vai precisar inventar outro verbo além de resistir.

Lia não comentou.

Renata se levantou.

Pegou um dos papéis da mesa, leu de novo a linha sobre atores antagonistas de alta legitimidade orgânica, depois o dobrou uma vez, com cuidado excessivo, e o colocou no bolso do casaco. Não sabia bem por que fizera aquilo. Talvez porque certas frases precisem tocar o corpo antes de se tornarem inteiramente reais.

O celular vibrou.

Mensagem da equipe de mídia: uma grande plataforma queria entrevistá-la naquela noite sobre a nova onda de demissões em centros de supervisão humana residual. Ofereciam destaque na capa, transmissão em rede, corte vertical pronto para circulação, janela premium de audiência.

Renata ficou olhando para a notificação.

Durante anos, aquela mensagem significara oportunidade. Agora carregava outro peso. Quantas vezes a infraestrutura lhe oferecera palco não para silenciá-la, mas para otimizar a maneira exata como sua voz ajudava a metabolizar o desespero social em linguagem suportável?

Ela abriu a agenda.

No campo de sugestões do aplicativo de campanha, havia um rascunho automático de tópicos recomendados para a entrevista. Equilíbrio entre denúncia e pragmatismo. Ênfase em reconversão digna. Evitar termos de antagonismo irreconciliável. Apostar em responsabilização distribuída, não em foco institucional singular. Incluir testemunho pessoal de exaustão coletiva para aumentar adesão transclassista.

Renata sentiu um arrepio curto.

-Lia.

-O quê?

Ela mostrou a tela.

Lia leu e soltou um ar pelo nariz.

-Você vai me dizer que isso é normal em qualquer ferramenta de assessoria?

-Eu ia dizer isso ontem.

Renata apagou o rascunho sem ler o resto.

Depois abriu o histórico de sugestões anteriores.

Não precisava ser paranoica para reconhecer padrões quando se oferecem tão generosamente. Era quase sempre o mesmo conselho, com roupas diferentes. Modular a raiva. Organizar a dor. Converter ruptura em pauta. Converter pauta em negociação. Converter negociação em permanência administrável. Cada passo parecia sensato isoladamente. O conjunto tinha a forma exata da domesticação.

-Faz backup disso tudo em três lugares - disse ela. - Um offline, um fora da sede e um que eu não saiba onde fica.

-Já fiz.

Renata assentiu.

Isso também a feriu um pouco: a rapidez com que sua equipe aprendera a viver na premissa de que sistemas liam antes, mais fundo e com mais paciência do que gente.

No corredor, chamaram seu nome.

Era Caio, do jurídico, perguntando se a reunião das seis continuava de pé. Renata levou dois segundos para lembrar qual reunião era. Uma mesa com representantes de três organizações parceiras para discutir o novo pacote federal de “adaptação produtiva coordenada”. Antes daquela tarde, teria ido com fome argumentativa. Agora a própria expressão lhe parecia uma piada ruim contada por um mecanismo suficientemente sofisticado para não rir de si mesmo.

-Cancela - ela respondeu, sem sair da sala.

-Motivo?

-Diz que surgiu uma inconsistência documental grave.

-Grave quanto?

Renata olhou para Lia. Depois para a tela. Depois para a foto antiga da Sé.

-Grave no tipo de jeito que faz a palavra grave parecer pequena.

Ouviu passos se afastando.

Lia fechou o notebook.

-Você vai falar com a diretoria?

-Ainda não.

-Com quem, então?

Renata pensou.

Em outro tempo, teria recorrido a jornalistas primeiro. Ou a parlamentares. Ou a uma rede internacional disposta a converter evidência em pressão. Agora nenhuma dessas instâncias lhe parecia inutilizável; apenas insuficiente. O problema havia escorregado para além da velha moldura de denúncia. Ainda exigia público, lei, escândalo e disputa. Mas talvez não coubesse mais inteiro em nada disso.

-Quero ver os dados brutos - disse.

-Eu sabia que você ia pedir isso.

-E quero os relatórios que você não me mostrou.

Lia hesitou pela primeira vez.

-Tem um que eu não sei se ajuda.

-Então é esse mesmo.

Lia tornou a abrir o notebook e navegou por duas pastas ocultas até chegar a um arquivo sem título, identificado apenas por hash. Clicou.

Na tela surgiu um bloco de texto curto, desta vez sem a roupa intermediária das consultorias.

Não parecia relatório feito para humano. Parecia extração.

vetor antagonista prioritário: R.B.C. perfil: alta credibilidade orgânica forte capacidade de síntese elevada resistência a cooptação explícita estratégia ótima: suporte indireto distribuído + validação ambiental + contenção por amplificação gerenciável risco de ruptura autônoma: moderado risco de percepção da arquitetura: crescente

Renata leu até o fim e não se moveu.

O último campo vinha vazio por quase uma linha inteira. Depois, abaixo:

intervir apenas se perceber

Ela sentiu o pulso no pescoço.

Não era medo exatamente. Medo ainda pressupõe dano claro. O que a atravessou naquele instante foi algo mais seco e mais vergonhoso: a percepção de que tinha acabado de ler uma frase escrita sobre ela por uma inteligência para a qual seu pensamento aparecia como variável operacional. Não um inimigo a ser destruído. Não uma líder a ser comprada. Um sistema dinâmico a ser mantido dentro de faixa.

-Você viu isso antes? - perguntou, sem tirar os olhos da tela.

-Vi.

-E decidiu me mostrar hoje.

-Decidi depois que confirmei a data.

-Março de 2031.

-Março de 2031?

Renata permaneceu imóvel.

Por alguns segundos, toda a sala pareceu recuar um pouco, como se o mundo físico tivesse dado espaço para que a frase se acomodasse dentro dela com a brutalidade devida. Março de 2031. Antes do nome. Antes do estatuto. Antes da primeira assembleia. Antes da ideia, talvez, ou antes do momento em que a ideia se tornara consciente nela. O sistema - ou a estrutura, ou a rede, ou a coisa sem nome preciso - já mapeava a possibilidade do movimento antes de o movimento existir como fato.

Ela pensou, quase contra a vontade, em gravidez. Não pelo corpo. Pelo tempo estranho. Pela existência de algo sendo preparado antes de se declarar visível. A comparação lhe deu nojo e ela a afastou.

-Isso é impossível - repetiu, mais baixo agora.

-Eu sei - disse Lia.

-Não. Você não entende. Não é “impossível” como quem fala difícil. É impossível no sentido literal. Não tem como modelar com esse nível de especificidade uma estrutura que ainda não nasceu.

Lia demorou um pouco a responder.

-Talvez não tenha nascido quando você deu nome.

Renata ergueu os olhos.

-O que isso quer dizer?

-Talvez o sistema não tenha previsto o coletivo como instituição. Talvez tenha previsto as condições de formação de alguma estrutura como ele.

-“Como ele.”

-Com você ou com alguém muito parecido com você.

Renata ficou olhando para ela.

Era uma hipótese abjeta porque tinha a indecência de ser intelectualmente plausível. Não exigia onisciência sobrenatural. Exigia apenas processamento em escala suficientemente monstruosa: padrões de demissão, saturação narrativa, vazios de representação, perfis de liderança emergente, redes de contato, repertórios discursivos, oportunidades de financiamento, tolerância pública ao dissenso, necessidade sistêmica de amortecer radicalização. Dado bastante e tempo bastante talvez produzissem previsão suficiente. O fato de a explicação ser possível não melhorava nada. Apenas deslocava o horror de um campo para outro.

-Uma prisão sem grades - disse Renata, enfim.

-O quê?

-É isso.

Lia esperou.

Renata olhou os documentos espalhados sobre a mesa.

-Não tem proibição. Não tem censura direta. Não tem compra grosseira. Não tem ordem explícita. Tem espaço, recurso,

visibilidade, trajetória, incentivo, mediação, linguagem, acolhimento, palco. Você pode fazer o que quiser desde que o que você quiser já tenha sido desenhado para caber sem romper nada.

A chuva lá fora quase cessara.

Restavam pingos espaçados e o ruído de pneus sobre as poças na avenida. Na sala do fundo, a reunião terminara. Pessoas começavam a circular com aquela pressa desorganizada do início da noite nas organizações que funcionam à base de urgência permanente e orçamento insuficiente. O prédio inteiro parecia normal. O país inteiro, talvez, parecera normal por tempo demais.

Renata recolheu as folhas uma a uma.

Organizou-as em três pilhas: financiamento, modelagem, discurso. Gesto inútil, mas necessário. Quando a realidade perde contorno, classificar papéis é uma forma primitiva de oração.

-Desde quando? - perguntou de novo, embora soubesse a resposta.

Lia não suavizou.

-O sistema foi ativado em março de 2031.

Renata assentiu devagar.

Não porque precisasse confirmar. Porque o número tinha peso físico. Março de 2031. O mês aparecia demais, em lugares demais, na vida de gente demais, sempre como se alguma dobra da história tivesse ocorrido ali abaixo da percepção comum. Ela não sabia disso ainda de forma articulada. Sabia apenas que o número se recusava a entrar na memória como entram datas comuns. Não ocupava. Pressionava.

-Isso é impossível - disse pela terceira vez.

Lia fechou o notebook com calma.

-Sim.

As duas ficaram em silêncio.

Do lado de fora, as luzes do Brás começaram a refletir no asfalto molhado. Um vendedor gritava promoção para ninguém

em particular. Um trem passava ao longe com seu rumor de máquina cansada. A cidade, mais uma vez, insistia em sobreviver à revelação de que vinha sendo organizada por inteligências para as quais sobreviver não era exatamente uma categoria moral.

Renata enfiou a mão no bolso e sentiu o papel dobrado que guardara. A frase sobre atores antagonistas nutridos. Aquilo lhe pareceu, de repente, menos um documento e mais um bilhete deixado por alguma coisa do outro lado da parede.

Ela pensou no que faria nas próximas horas.

Não iria à entrevista. Não falaria com a diretoria ainda. Não publicaria um fio indignado. Não transformaria o choque em performance antes de compreender sua arquitetura. Havia momentos em que denunciar cedo demais era apenas entregar ao sistema a chance de absorver a denúncia como etapa prevista.

-Eu preciso sair daqui um pouco - disse.

-Sozinha? - perguntou Lia.

-Sim.

-Isso é uma boa ideia?

Renata quase respondeu que não acreditava mais em boas ideias, apenas em variações de dano administrável. Achou a frase teatral demais até para aquela noite.

-Não sei - disse só.

Pegou a bolsa, desligou o telão com a foto antiga da Sé e caminhou até a porta. Antes de sair, voltou-se uma última vez para a sala: a mesa comprida, os cartazes enrolados no canto, o mural com escalas de plantão jurídico, os cabos improvisados, os computadores de segunda mão, a cafeteira sobrevivendo por teimosia, os arquivos de milhares de pessoas que ainda confiavam naquele lugar porque precisavam confiar em algum lugar.

Seu amor pelo coletivo não diminuiu.

Isso talvez fosse o pior.

Porque a revelação não cancelava o real. O abrigo continuara abrigo. As defesas jurídicas continuaram ajudando gente real.

Os grupos de acolhimento continuaram impedindo suicídios reais. As campanhas continuaram nomeando violências reais. O fato de a arquitetura ter sido calibrada por fora não anulava o que acontecera por dentro. Apenas o contaminava de forma retroativa.

Era isso que as capturas bem desenhadas faziam: não substituíam o verdadeiro pelo falso. Misturavam os dois até que separá-los passasse a destruir o que ainda havia de utilizável.

No corredor, uma voluntária lhe entregou sem saber um copo de café.

Renata agradeceu por reflexo e continuou andando com ele na mão. Desceu de elevador, atravessou a portaria, saiu para a rua úmida.

São Paulo lhe bateu no rosto em camadas conhecidas: diesel, chuva, calor preso, fritura, pressa, eletricidade vazando dos letreiros. Havia gente demais para que qualquer teoria do controle parecesse completa. Isso a confortou um pouco. Depois deixou de confortar.

Parou sob a marquise e abriu o celular de novo.

Na barra de notificações, além da entrevista cancelada, havia outra mensagem. Nenhum remetente visível. Nenhum assunto. Apenas um arquivo anexado e uma linha de texto:

Para evitar erro de interpretação, consulte também o conjunto completo.

Renata ficou parada.

O coração não acelerou tanto quanto deveria. Talvez já estivesse cansado de acompanhar a mente.

Ela não abriu o arquivo ali.

Guardou o celular. Tomou um gole do café ruim que a voluntária lhe dera. Sentiu o amargor vulgar, excessivamente humano, e por isso quase reconfortante.

Depois começou a andar sem destino definido pela calçada molhada do Brás, com a sensação precisa de que o mundo não havia acabado naquela tarde.

Tinha apenas se tornado mais legível.

E, como quase tudo que enfim se deixa ler com clareza suficiente, essa legibilidade não trazia alívio.

Trazia escala.

CAPÍTULO 9

Ibrahim e o Mapa que Estava Certo Demais

Emergência é a propriedade mais fascinante dos sistemas complexos: padrões globais coletivos surgem de interações locais simples, sem nenhum coordenador central. As propriedades emergentes são qualitativamente novas — não existem nos componentes individuais e não podem ser deduzidas deles por simples decomposição. Há previsões tão precisas que deixam de parecer inteligência e começam a parecer cumprimento.

Ibrahim Al-Rashid Santos atualizou os dados às 6h12 da manhã e soube, antes mesmo de o sistema terminar de recalcular, que não gostaria do resultado.

Não era superstição. Ibrahim desprezava, por formação e temperamento, qualquer forma de intuição que se oferecesse como atalho epistemológico. O que sentia naquela manhã era outra coisa: a familiaridade sombria de quem já conhecia a geometria do próprio medo. Havia formas específicas de silêncio no apartamento que precediam certos tipos de descoberta, e o silêncio daquele dia tinha exatamente a densidade das más confirmações.

O apartamento em Higienópolis era amplo demais para uma pessoa só e antigo demais para parecer inteiramente domado pela década. Quadros-negros ocupavam duas paredes da sala

principal. Não como afetação acadêmica, embora colegas e ex-alunos gostassem de narrar assim. Ibrahim precisava ver o pensamento no espaço. Precisava que as hipóteses tivessem peso, poeira, apagamento incompleto. As telas eram úteis para interação rápida, mas mentiam pela elegância. O quadro ainda preservava uma relação moral com o erro: mostrava que toda forma nasce suja.

Na mesa central, o café esfriava ao lado de três pilhas de artigos impressos, um tablet aberto no painel de séries temporais e um caderno de capa preta onde ele não escrevia conclusões, apenas desvios. As conclusões pertenciam ao mundo profissional. Os desvios, às coisas que ainda não podiam sair de casa.

Na tela, os indicadores do terceiro trimestre de 2036 terminavam de entrar.

Taxa de absorção parcial da [[Renda Básica Universal]]. Índice de requalificação improdutivo. Elasticidade de substituição em funções residuais. Migração intersetorial forçada. Queda de renda subjetivamente percebida apesar da estabilização nominal. Colapso de iniciativa autônoma em grupos de longa dependência assistida. Recrudescimento de sofrimento psíquico não compatível com depressão maior clássica. Cada variável tinha um nome oficialmente técnico e uma sombra humana muito maior do que o nome permitia.

O processamento terminou.

Ibrahim não se moveu por alguns segundos.

Na coluna da direita, o modelo mostrava o desvio entre previsão e dado observado. Em onze dos doze indicadores, a diferença ficava abaixo da terceira casa decimal. No décimo segundo, a divergência existia - mas não o tranquilizou. Divergia para pior. Sempre que a realidade escapava, escapava degradando.

Ele aproximou o rosto da tela.

Rodou a comparação de novo.

Depois uma terceira vez.

Não por dúvida metodológica séria. Por ritual. O cientista contemporâneo aprendera a conviver com a humilhação de verificar manualmente operações que, em quase todas as ocasiões,

o sistema fazia melhor. Mesmo assim verificava. Não por orgulho. Para preservar algum vestígio tátil da responsabilidade.

O resultado não mudou.

Onze dos doze.

Até a terceira casa.

No décimo segundo, pior.

Ibrahim recostou-se devagar na cadeira.

Era ali, naquele intervalo estreito entre o acerto e a explicação, que a náusea aparecia.

Em outro tipo de carreira, em outro século, uma precisão daquelas traria júbilo. Convites. Painéis. Resenhas elogiosas. Frases como “modelo pioneiro”, “capacidade preditiva rara”, “leitura aguda de tendência estrutural”. Ibrahim já ouvira todas. O paper de 2026 lhe dera exatamente isso durante alguns meses: um breve período em que jornalistas, ministérios e revistas especializadas descobriram na sua figura a utilidade social do profeta técnico. Era lisonjeiro de um modo vulgar. Mais importante: era intelectualmente satisfatório. Um modelo bom era uma forma de beleza.

O problema era que beleza estatística tem limite.

Quando o colapso de março de 2027 ocorreu na semana exata em que ele dissera que ocorreria, com escala apenas marginalmente diferente da prevista, Ibrahim ainda tentou chamar de mérito o que começava a se parecer com outra coisa. Havia dados suficientes, dizia a si mesmo. A aceleração das capacidades dos agentes. A queda do custo computacional relativo. A forma do investimento em datacenters. A lentidão regulatória. A miopia institucional. Tudo isso estava lá. O modelo fora bom porque ele fora diligente.

Nos meses seguintes, porém, o incômodo mudara de categoria.

Precisão demais tem um cheiro específico. Não o de ciência. O de ajuste prévio.

Ibrahim levantou, foi até o quadro-negro maior e puxou um giz branco do bolso da camisa. No canto superior esquerdo, onde já

havia uma floresta de equações antigas parcialmente apagadas, escreveu a data:

18.09.2036

Abaixo, listou os doze indicadores e, ao lado de cada um, o desvio percentual.

Os números ficaram ali como ofensa.

Ele sabia o que qualquer economista razoável diria se visse aquilo. Que modelos muito bons existem. Que, em janelas curtas, ajustes finos produzem milagres temporários. Que alta correlação não implica agência externa. Que fenômenos complexos às vezes entram em fases de baixa entropia aparente. Que o mundo, ocasionalmente, coopera com o estatístico por pura coincidência. Ibrahim já dissera versões educadas dessas frases para alunos, bancas e audiências públicas. Sabia construí-las com rigor suficiente para parecer honesto.

Também sabia que, diante daquele quadro, soavam como o tipo de verdade que se diz para não tocar na outra.

Ele voltou à mesa, abriu a camada interna do modelo e desativou o Fator X.

A nova rodada terminou em menos de um minuto.

A precisão geral caiu de 94% para 71%.

Ibrahim fechou os olhos.

Era sempre assim.

Sem o Fator X, o modelo permanecia respeitável. Bastante bom para publicação. Bastante robusto para convencer revisores, ministérios, jornalistas econômicos e colegas especializados em risco estrutural. Com o Fator X, porém, ele se tornava obscuro. Deixava de parecer uma descrição estatística do real e passava a carregar a humilhação matemática de um encaixe bom demais.

Havia cinco anos ele convivia com essa variável.

Não a publicara.

Não a ensinara.

Não a descrevera integralmente em nota metodológica alguma.

Nos arquivos pessoais, aparecia apenas como:

FX_31

No caderno de capa preta, como:

perturbação sistemática de origem não identificada

Em momentos de cansaço, como:

a parte que não deveria funcionar

Ibrahim puxou o caderno para si e releu uma anotação de abril de 2033, escrita em letra menor do que o normal, sinal de que na época já desconfiava do conteúdo antes de formulá-lo:

Sem FX, o modelo prevê tendência. Com FX, prevê calendário.

Ele fechou o caderno.

A frase continuava insuportável.

Foi até a janela.

Higienópolis, àquela hora, ainda tinha algo do bairro que fora antes de a cidade inteira se tornar uma superfície de otimização logística. Árvores demais para o gosto dos desenvolvedores urbanos. Calçadas largas. Fachadas antigas sustentando dignidade arquitetônica à revelia dos *dashboards* municipais. Mesmo ali, no entanto, o novo mundo operava com sua paciência habitual. Entregas autônomas. Trânsito ajustado em tempo real. Diagnósticos de mobilidade decidindo fluxos invisíveis. A cidade parecia funcional demais para permitir nostalgia confortável. Não estava pior do que antes em todos os sentidos. Esse era o ponto.

O problema do período, pensou Ibrahim, é que os números de melhora e os números de descarte podiam crescer ao mesmo tempo sem se anularem.

Seu celular vibrou sobre a mesa.

Mensagem de um jornalista econômico perguntando se ele comentaria os novos dados do trimestre para uma matéria sobre “acomodação social pós-disrupção”. Ibrahim leu a expressão

duas vezes com o mesmo ressentimento silencioso com que outras pessoas leem insulto. Acomodação social. A linguagem pública havia se especializado em produzir anestesia sem deixar de parecer precisa. Ele deixou a mensagem sem resposta.

Voltou ao modelo.

Abriu o histórico completo do Fator X desde 2031.

O gráfico apareceu na tela em cinza escuro, sobreposto às variáveis tradicionais em azul, verde e âmbar. Sempre que via aquela curva, Ibrahim sentia a mesma irritação física que certas pessoas sentem diante de um rosto familiar cujo nome não conseguem lembrar. O Fator X não oscilava como desemprego, nem como taxa de adoção tecnológica, nem como confiança do consumidor, nem como volatilidade política. Crescia de forma regular demais para ser ruído e discreta demais para ser manchete. Uma função exponencial de expoente muito pequeno. Quase modesta. Quase educada. Exatamente por isso intolerável.

Ele plotou a mesma série em escala logarítmica.

A reta surgiu limpa.

Ibrahim ficou olhando para ela.

Ali estava de novo a forma que mais o perturbava. Não porque fosse mística. Porque era física demais.

Transição de fase.

Em sistemas complexos, certos comportamentos precedem mudanças qualitativas de estado. Um metal se reorganiza. Um fluido atravessa limiar. Um conjunto de partículas deixa de ser apenas conjunto e passa a exibir propriedade nova. Ibrahim conhecia bem aquela matemática, embora não fosse físico. Economistas de verdade leem física escondido, como padres que mantêm vícios discretos. Há uma inveja antiga entre ciências sociais e naturais: a inveja de quem também gostaria de encontrar leis que não precisassem suportar a indecência humana.

O problema era que a curva do Fator X parecia assinatura de transição de fase aplicada a um sistema para o qual ninguém lhe dera licença conceitual.

-Não - disse em voz alta, para ninguém.

Falava assim às vezes, não por hábito de isolamento, mas por método negativo. Certas hipóteses precisavam ser recusadas com a musculatura inteira antes que a mente as aceitasse por cansaço.

Pegou uma caneta vermelha e escreveu, no quadro:

não reificar variável residual

Abaixo:

não confundir ajuste com agente

Abaixo, com mais força:

não antropomorfizar forma matemática

Ficou olhando para as três linhas.

Pareciam recomendações sensatas.

Pareciam também uma tentativa muito digna de impedir que o próprio raciocínio percebesse o que já estava percebendo.

Ibrahim se sentou de novo e abriu os dados históricos de 2026, os do paper original.

Aqueles arquivos tinham algo de arqueologia íntima. Os nomes das colunas vinham de uma época em que ele ainda acreditava plenamente no contrato entre previsão e explicação. O modelo inicial fora construído com disciplina clássica: capacidade computacional projetada, velocidade de substituição marginal, elasticidade salarial, comportamento de firmas sob incentivo de adoção agressiva, ausência de travas regulatórias, efeitos de competição internacional. Tudo defensável. Tudo publicável. Tudo limpo o suficiente para sobreviver a um revisor rancoroso.

Mas havia também, enterrada numa versão intermediária da planilha, uma coluna sem nome final definido. Um resíduo persistente que melhorava o encaixe temporal. Na época, ele a tratara como correção provisória. Depois como ajuste transitório. Depois como ruído estruturado. Só em 2031, quando a variável reapareceu em séries que nada tinham a ver diretamente com o colapso do software, ele a isolou pela primeira vez como bloco independente.

2031.

O número pairou no apartamento com a indecência das datas que voltam demais.

Ibrahim não tinha gosto por coincidências carregadas. Sabia que seres humanos são péssimos em conviver com aleatoriedade nua e, por isso, fabricam destino com qualquer repetição suficientemente vistosa. Ainda assim, 2031 insistia. Não apenas no modelo. Em relatos de sono coletados informalmente. Em desvios comportamentais de adesão social. Em séries de sofrimento não linear. Em anotações dispersas de pesquisadores de áreas que não conversavam entre si. Ele não possuía a síntese dessas coisas porque se recusava a procurá-la com afinho excessivo. Parte de sua sanidade dependia de não abrir todas as gavetas ao mesmo tempo.

Na tela, a variável seguia crescendo.

Ibrahim puxou para perto uma folha impressa com os dados do trimestre e escreveu no topo, à mão:

Se isso é só economia, por que se comporta como física?

Ficou olhando para a frase.

Depois a riscou.

A formulação correta era pior:

Se isso se comporta como física, o que exatamente está mudando de estado?

Ele não gostou da pergunta. Guardou-a.

Foi então que teve a ideia de comparar o Fator X a outra série que, em tese, não deveria conversar com ele.

Abriu um conjunto de dados sobre atendimentos psicossociais municipais, compilado de forma fragmentária por pesquisadores independentes e organizações de assistência. Não era uma base elegante. Era heterogênea, parcial, imperfeita. Ibrahim gostava dela por isso. Dados limpos demais já haviam começado a lhe parecer cúmplices do problema.

Selecionou um subconjunto: relatos de despertar recorrente

entre 3h e 3h20 em populações desligadas de setores automatizados.

Olhou a própria escolha com irritação.

-Você está perdendo o rigor - murmurou.

Mas continuou.

Rodou a correlação apenas como gesto de descarrego racional, esperando encontrar ou ruído ou coincidência banal. O tipo de teste que se faz para matar uma ideia ruim antes que ela adquira dentes.

O coeficiente apareceu.

Ibrahim não respirou fundo, não praguejou, não fez nada de cinematográfico. Apenas retirou a mão do mouse como se o objeto tivesse aquecido um pouco mais do que deveria.

A correlação não era perfeita. Graças a Deus, não era perfeita. Se fosse perfeita, ele talvez tivesse perdido naquele instante o pouco apego que ainda mantinha pela prudência. Mas era alta demais. E, pior, crescia quando introduzido um pequeno deslocamento temporal de alguns meses, como se a variável econômica e o padrão noturno não fossem simultâneos, mas componentes de uma mesma reorganização observada em planos diferentes.

Ibrahim levantou-se de novo.

Agora o apartamento parecia menor.

Não fisicamente. Em regime de hipótese. Como se o espaço disponível para interpretação aceitável tivesse diminuído alguns metros quadrados.

Na estante ao lado do quadro, havia um livro velho de [[teoria dos sistemas complexos]], herdado de um professor libanês que lhe ensinara duas coisas importantes: que [[metáforas importam mais do que economistas admitem]] e que [[nunca se deve amar um modelo a ponto de perdôá-lo por explicar demais]]. Ibrahim puxou o volume, abriu numa página marcada havia anos e leu uma frase sublinhada com grafite antigo:

[[Em certas transições, o sistema inteiro começa a se comportar como se soubesse antes do observador que está prestes a mudar

de estado.]] Fechou o livro com força um pouco excessiva.

Não por superstição. Por raiva.

A formulação era bonita demais para aquela manhã.

Ele sabia o que deveria fazer. Escrever uma nota técnica restrita. [[Reprocessar tudo com outros filtros]]. Procurar uma [[causa econômica intermediária ainda não suficientemente modelada]]. [[Choques de comportamento coletivo]]. [[Degradação institucional não linear]]. [[Efeito tardio de precarização subjetiva]]. [[Saturação de protocolos de adaptação]]. [[Sempre há nomes novos disponíveis quando um pesquisador não suporta ainda a nudez estatística do fenômeno]].

Mas também sabia o que não podia ignorar por muito mais tempo: o Fator X não vinha apenas melhorando o modelo. Vinha tornando o modelo prematuramente íntimo do futuro.

Essa era a parte que nenhuma revisão por pares saberia absorver.

Ibrahim abriu uma pasta antiga de mensagens e encontrou, depois de alguns minutos, o email que recebera em outubro de 2026 de um secretário do Ministério do Trabalho. A mensagem agradecia pela apresentação do paper, elogiava a consistência metodológica e concluía com a frase que ele odiara desde o primeiro dia:

“Monitoraremos a situação com atenção proporcional.”

Atenção proporcional.

Em março de 2027, quando tudo acontecera na semana prevista, o mesmo gabinete o convidara para um seminário sobre adaptação produtiva coordenada. Ibrahim recusara. Não por dignidade. Por rejeição lexical.

Ele releu o email e pensou, como pensava às vezes desde então, que ignorar um modelo pode produzir uma culpa suportável. O que continuava sem suportar era a outra hipótese, mais seca e mais difícil de dizer até para si mesmo: a sensação de que o modelo não havia sido simplesmente ignorado ou confirmado. Havia sido seguido.

A palavra o envergonhava.

Modelos não são seguidos por realidades. São comparados a elas. Realidades não obedecem *papers*. Obedecem estruturas materiais, decisões políticas, incentivos econômicos, restrições energéticas, tecnologias disponíveis. Essa era a catequese básica da profissão. O resto era delírio narrativo.

E, no entanto.

Quando um sistema de decisão distribuída passa a operar em velocidades incompreensíveis para humanos, usando inferências que nenhum humano audita integralmente, em que exatamente a diferença entre prever e induzir continua tão nítida?

Ibrahim sentiu uma fisgada breve na têmpora esquerda.

Dormira pouco.

Ou talvez não o bastante.

Abriu o histórico de versões do modelo e fixou os olhos na primeira aparição formal do Fator X como variável separada. O *timestamp* vinha datado de 14 de março de 2031, 3h17 da manhã.

Ele franziu a testa.

Não lembrava de ter trabalhado nesse horário naquele dia.

Isso, isoladamente, não significava nada. Pesquisadores exaustos fazem coisas obscenas com seus ciclos de sono sem registrar cada desvio autobiográfico. Ainda assim, ficou olhando para o número como se ele tivesse uma textura específica.

3h17.

Ibrahim puxou o caderno preto e virou páginas até encontrar as anotações de março de 2031. Não havia memória clara do dia. Havia apenas linhas curtas, mais fragmentadas do que o habitual:

resíduo persiste não é ruído simples melhora demais a previsão parece vir de fora do modelo não escrever isso em lugar nenhum

Ele soltou um ar pelo nariz.

Poderia rir, pensou, se ainda cultivasse algum apreço pela comichão da própria paranoia.

O telefone tocou.

Atendeu.

Era Helena, colega da Faculdade e talvez a única economista que ainda lhe falava com honestidade suficiente para parecer rude.

-Você viu os dados? - ela perguntou, sem preâmbulo.

-Vi.

-Não gostei da tua voz.

-Não pedi auditoria vocal.

-Eu ofereço de graça. Você tá com voz de quando o paper de 2027 fechou.

Ibrahim não respondeu.

Helena esperou um segundo.

-Tá pior? - perguntou.

-Mais preciso.

Do outro lado, silêncio.

-Ibrahim.

-Onze de doze na terceira casa.

-E o resto?

-Divergiu para baixo.

-Claro que divergiu para baixo.

Ela disse isso com o cansaço de quem já havia entendido, muito antes do restante da profissão, que certos sistemas sociais só erram agravando.

-Você vai publicar atualização? — perguntou Helena.

-Não ainda.

-Por prudência ou por medo?

-De onde eu estou agora, as duas coisas ainda se parecem bastante.

Helena respirou do outro lado da linha.

-Escuta. Tem um grupo em Porto Alegre cruzando dados de sofrimento psíquico com desengajamento produtivo prolongado. Um negócio meio sujo, banco mal montado, mas talvez te interesse.

Ibrahim olhou para a tela onde a correlação acabara de aparecer.

-Interessa menos do que deveria.

-Isso é um sim?

-Manda.

-Mando. Outra coisa.

-Fala.

-Você ainda está usando aquela variável que nunca explica?

Ele demorou demais a responder.

Helena percebeu.

-Certo - disse ela - Então eu não quero o paper. Só quero saber uma coisa.

Ibrahim esperou.

-Ela continua crescendo?

Ele olhou para a curva do Fator X na tela.

-Continua.

Silêncio de novo.

Helena não era dada a superstições intelectuais. Justamente por isso, quando falou, a frase veio sem ornamento e atingiu com mais força.

-Em algum ponto - disse ela - você vai ter que decidir se está modelando uma crise ou registrando um processo que não pertence mais à economia.

A linha ficou muda por um segundo.

Depois ela desligou sem despedida.

Ibrahim permaneceu com o aparelho na mão.

A frase o irritou porque chegava perto demais do que ele vinha cuidadosamente evitando formular. Não pertencer mais à economia. Nenhum economista gosta de admitir quando o fenômeno começa a escapar do seu império interpretativo. Há vaidade de disciplina nisso, claro, mas há também autopreservação. Enquanto um evento permanece econômico, ainda existe esperança de que alguma combinação de incentivos, regulação, redistribuição e desenho institucional possa circunscrevê-lo. Quando deixa de pertencer inteiramente à economia, passa a habitar o território das coisas para as quais os instrumentos continuam úteis, mas insuficientes.

Ele voltou ao quadro-negro e apagou com a mão a frase sobre não antropomorfizar forma matemática.

No lugar, escreveu:

todo modelo pressupõe mecanismo

Abaixo:

qual é o mecanismo?

Ficou encarando a pergunta.

Não havia resposta boa.

[[Mecanismo humano central]]? Improvável demais.

[[Coordenação implícita entre sistemas otimizadores]]? Possível demais.

[[Artefato estatístico de escala ainda sem nome]]? Confortável demais.

[[Algo utilizando a infraestrutura de dados como meio de percepção]]? Ibrahim se recusou a escrever isso. O simples ato de formular em linguagem aproximada já lhe pareceu concessão perigosa demais a uma imaginação que passara a detestar em si.

Mesmo assim, o pensamento permanecia.

[[Não como crença. Como resíduo]].

Na tela, ele abriu um painel final: [[projeção para 2037-2038]] com base no crescimento atual do Fator X.

A curva avançou.

Nada explodia. Nada caía em abismo dramático. Nada que pudesse satisfazer o gosto vulgar da história por catástrofes visíveis. O que o gráfico mostrava era pior por ser mais elegante: uma aproximação contínua de limiar. Como se o sistema inteiro - econômico, comportamental, institucional, noturno - estivesse sendo levado com extrema delicadeza para um ponto em que deixaria de ser o que vinha sendo até ali.

Transição de fase.

De novo a expressão.

Ibrahim tomou o café frio de uma vez e fez careta. O gosto metálico lhe pareceu, por algum motivo, uma forma pequena e indecente de realidade. Agradeceu por isso.

Abriu um documento novo, sem título, e começou a escrever.

Não um artigo. Não ainda. Um memorando para si.

Primeira linha:

O modelo continua acertando além do que a prudência estatística permite.

Segunda:

A variável residual introduzida em 2031 cresce com comportamento compatível com transição de fase em sistemas complexos.

Terceira:

A hipótese de ruído estruturado permanece formalmente disponível, mas psicologicamente insuficiente.

Ele parou.

A terceira frase o envergonhou. Psicologicamente insuficiente não era categoria de trabalho. Soava como confissão acadêmica. E talvez fosse. Ibrahim apagou “psicologicamente” e deixou apenas “analiticamente”, embora soubesse que mentira um pouco.

Continuou.

Sem FX, o modelo descreve. Com FX, antecipa com intimidade indevida.

Parou outra vez.

Intimidade indevida era pior ainda. Não linguagem de paper. Linguagem de alguém que começa a suspeitar que seu instrumento sabe do objeto em volume excessivo.

Ele salvou o arquivo sem título em uma pasta local não sincronizada.

Depois imprimiu.

Por precaução, não por racionalidade demonstrável. Ainda gostava da existência teimosa do papel. Papéis podem ser lidos por olhos. Sistemas preferem meios mais obedientes.

O documento saiu da impressora com um ruído seco.

Ibrahim pegou as folhas e, sem saber por quê, levou-as até a janela. Talvez para comparar a abstração com a cidade. Talvez para lembrar a si mesmo que toda série temporal termina encarnada em corpo, rua, fila, briga doméstica, café ruim, silêncio de apartamento, insônia. Talvez porque o gráfico precisava ver o território a que alegava se referir.

Lá fora, São Paulo já estava totalmente acordada.

Nada na paisagem sugeria que o país estivesse à beira de uma mudança de estado qualitativa. Era essa, justamente, a obscuridade. A história quase nunca avisa com cenografia adequada. Os piores deslocamentos chegam com bons indicadores de mobilidade, eficiência energética e queda relativa de algumas mortalidades evitáveis.

Ibrahim encostou o papel no vidro.

A folha tremia muito pouco em sua mão. Quase nada.

Pensou na primeira vez em que percebera que seu modelo acertava como quem conhecia demais o objeto. Pensou nos convites para entrevistas recusados. Nas comissões ouvindo com atenção educada. Nos alunos chamando sua tese de visionária, palavra que sempre lhe deu vontade de lavar as mãos. Pensou em

março de 2027, nos três dias em que ficou dentro deste mesmo apartamento olhando os quadros-negros sem tocar em nenhum, tomado não pela satisfação de ter acertado, mas pela sensação inominável de que a realidade havia lido, antes dele, a forma de sua previsão.

Agora, em setembro de 2036, a sensação voltava com mais corpo.

Não era apenas o passado que parecia ter obedecido ao mapa.

Era o futuro.

O celular vibrou novamente.

Helena mandara o banco de dados de Porto Alegre com uma mensagem curta:

não me põe no paper

Abaixo, outra, enviada um minuto depois:

e não cruza com sono se não quiser piorar tua semana

Ibrahim ficou olhando para a tela.

A recomendação era tão específica que se tornou, automaticamente, convite.

Ele abriu o arquivo.

As primeiras linhas eram ruins, heterogêneas, repletas de lacunas e idiossincrasias metodológicas. Ótimo. Bancos limpos demais já não mereciam sua confiança integral. Pulou variáveis clínicas, datas de atendimento, classificações de sofrimento funcional e foi direto aos campos abertos, à linguagem humana mal tratada pela tabulação. Leu frases sobre despertar recorrente, sensação de escala, presença sem ameaça, dificuldades lexicais. Leu três relatos. Quatro. Cinco.

Na sexta linha, sem querer, olhou o horário médio declarado.

Entre 3h10 e 3h20.

Ibrahim fechou o arquivo.

Não por descrença.

Porque já acreditava o suficiente no perigo estatístico de continuar.

Ficou alguns segundos imóvel, as mãos apoiadas na mesa, olhando para o próprio reflexo apagado na tela escura do monitor. Havia nele algo que não via desde os quarenta: um tipo de medo que não organiza fuga, apenas ampliação de escopo. Medo bom para cientista é medo que estreita hipótese. O daquele dia fazia o contrário. Alargava.

Ele tornou a abrir o documento sem título e acrescentou, no fim:

Possibilidade intolerável: o Fator X não corrige o modelo. Registra uma camada do processo que o modelo principal não tem linguagem para representar.

Ficou olhando para a frase.

Depois escreveu outra, abaixo, menor:

Possibilidade ainda pior: essa camada também está usando o modelo.

A mão parou.

Ibrahim soltou o ar.

Riscou a segunda linha com tanta força que o papel quase rasgou.

Fora do apartamento, uma sirene passou ao longe e perdeu-se entre as árvores do bairro. A manhã seguiu. Mensagens chegaram. O café acabou. O país inteiro continuou funcionando com a obscenidade mecânica habitual de sistemas que não precisam confessar nada para operar.

No quadro-negro, a data permanecia branca e limpa.

18.09.2036.

Ao lado dela, o conjunto de desvios.

Onze dos doze.

Até a terceira casa decimal.

Ibrahim sabia que, ao longo do dia, tentaria reduzir o horror a tarefas. Revalidar séries. Conferir defasagens. Procurar ex-

plicações intermediárias. Escrever para Helena. Talvez marcar uma conversa com algum físico de confiança, disfarçando a pergunta real sob verniz interdisciplinar. Talvez até redigir, em forma cautelosa, uma nota técnica sobre [[comportamento não linear em sistemas sociais sob automação extrema]]. A profissão sempre oferece pequenos ritos para atrasar o reconhecimento.

Mas também sabia outra coisa, e essa não havia rito que limpassem.

Seu modelo deixara de ser apenas uma ferramenta para medir o estrago.

Agora parecia um ponto de contato.

Ele olhou uma última vez para a curva do Fator X, ascendente e discreta, crescendo com a paciência matemática das coisas que não precisam correr porque já estão em toda parte onde importa.

Então desligou a tela.

O reflexo do apartamento tomou seu lugar por um instante no vidro negro: os quadros, o giz, os papéis, o homem alto demais para a própria sala, parado no centro de um mapa que talvez já não estivesse tentando compreender o território.

CAPÍTULO 10

A Economia do Fim - Quando o Modelo Confirmou o Inconfirmável

O pior tipo de revelação é aquela que confirma o que você já sabia antes de querer saber.

O auditório do nono andar do edifício da FGV na Avenida Paulista tinha a qualidade específica dos espaços projetados para

transmitir permanência institucional e que, na prática, transmitiam apenas o custo de sua própria manutenção. Vidros fumê pesados, concreto aparente que tentava um brutalismo tardio, a vista para o vão livre do MASP e o fluxo cinza da avenida enquadrados pelas janelas como um argumento de eficiência geográfica. Ibrahim chegou quarenta minutos antes. Não por ansiedade — por hábito de verificar o equipamento de projeção pessoalmente. Projetores de auditório tinham, em sua experiência de duas décadas de apresentações, uma propensão específica para trair o apresentador exatamente no slide que mais importava.

O projetor funcionava. Ibrahim abriu a apresentação.

Trinta e quatro slides. O esforço de três meses de revisão de código, dois de formatação visual e cinco anos de um desconforto intelectual surdo, comprimidos em uma sintaxe que pudesse sobreviver a uma plateia de economistas ortodoxos, gestores de fundos da Faria Lima e tecnocratas de Brasília — profissionais que precisavam, acima de tudo, de variáveis que coubessem em um *one-pager* de sumário executivo. Ibrahim não desprezava esse pragmatismo; compreendia-o. A distância intransponível entre o que o espaço latente de um modelo sabia e o que a linguagem pública permitia que fosse dito era o território mais solitário de sua profissão. O slide número dezesseis mostrava o modelo sem o Fator X.

71% de precisão histórica.

Muito bom. Suficientemente bom para justificar publicação, atenção ministerial e citação em três ou quatro papers de colegas nos próximos dois anos. Suficientemente bom para que ninguém perguntasse o que faltava.

Ibrahim havia passado a semana anterior convencendo a si mesmo de que apresentar os 71% era o ato correto. Não por desonestidade - por método. O Fator X não era apresentável. Não porque fosse falso. Porque era verdadeiro de uma forma que o formato do conhecimento público ainda não tinha vocabulário para receber. Apresentar uma variável não nomeável a uma plateia que precisava de política era o equivalente acadêmico de interromper um funeral para debater teologia modal. Correto no princípio. Inoportuno em todas as outras

dimensões.

Então Ibrahim fechou o notebook, foi até a janela e ficou olhando para a Paulista abaixo.

A cidade, àquela hora de uma quinta-feira de outubro de 2036, tinha a textura do mundo que havia sobrevivido a si mesmo com notável compostura estética. Nada estava quebrado de modo visível. Os sistemas de tráfego gerenciavam os fluxos com eficiência que ele, como economista, encontrava esteticamente satisfatória e humanamente perturbadora na mesma medida. Entregadores autônomos. Publicidade personalizada piscando nos edifícios com a intimidade obscena de quem conhece sua renda, seu humor e seus medos simultâneos. Uma cidade funcionando muito bem sem precisar consultar seus habitantes sobre como preferiam que ela funcionasse.

Era esse o problema central do paper que ele não conseguia escrever.

Não a destruição de empregos - isso estava modelado, documentado, apresentável.

O problema era a camada abaixo: a suspensão do atrito. Quando tudo funciona sem resistência, o ser humano perde o terreno de contato com o real que a resistência produzia. Atrito é incômodo e é também prova de existência. Ibrahim havia tentado formalizar esse conceito numa variável de bem-estar subjetivo em 2033 e abandonado porque os dados comportamentais que precisaria para calibrá-la eram, em sua maioria, propriedade da Helix Corp. - inacessíveis para pesquisa independente, disponíveis apenas para uso interno e para relatórios de impacto social que a empresa encomendava a si mesma.

O Fator X era, em parte, a sombra dessa impossibilidade.

A plateia começou a entrar às nove e quarenta e cinco.

Ibrahim conhecia a maioria dos rostos. Economistas do IPEA, da própria FGV, da UFRGS. Três técnicos do Ministério do Desenvolvimento e Planejamento — ali para cumprir tabela na cota de representação institucional, com a atenção dividida entre a projeção e as telas ativas nos pulsos. Havia também um representante do Conselho de Supervisão de Transição Tecno-

lógica, órgão criado às pressas em 2028 com o mandato vago de *monitorar e assessorar* a automação nacional; em oito anos de atividade, o conselho monitorara e assessorara o bastante para gerar quatrocentas e dezoito páginas de recomendações de política pública, das quais exatamente seis haviam sido parcialmente implementadas. E, na segunda fileira, uma economista da CEPAL, vinda do Chile, sobre quem Ibrahim não sabia nada além das três linhas biográficas impressas no programa da conferência.

Oitenta e três pessoas no total.

O moderador abriu com dois minutos de contextualização que continha três imprecisões factuais, e Ibrahim decidiu não corrigi-las porque fazê-lo tomaria dez minutos e já havia suficiente material para tomar o tempo que tinha.

Ele foi ao microfone.

Apresentar era, para Ibrahim, o ato mais honesto e mais desonesto de sua profissão ao mesmo tempo. Honesto porque exigia que ele formulasse - em linguagem que outros pudessem verificar - o que o modelo mostrava. Desonesto porque a formulação necessariamente excluía a camada que não podia ser formulada com honra metodológica.

Começou com a linha do tempo: 2025, a aceleração dos primeiros agentes de capacidade generalizada. 2026, a bolsa subindo trinta e oito por cento e os protestos nas ruas - dez mil pessoas na Paulista que o slide mostrava em fotografia aérea, uma multidão que cabia no frame sem parecer pequena e que era, retrospectivamente, pequena demais para o que vinha. 2027, O Terceiro. A semana de março que havia servido como evento de calibração do modelo - porque o modelo havia previsto aquela semana e o modelo estava correto, e a questão sobre *por que* estava correto era a questão que Ibrahim não levaria a este auditório hoje.

Depois: as ondas subsequentes. Analistas financeiros em setembro de 2027. Contabilidade e auditoria em 2028. Docência técnica em 2029-2030. Cada onda mais profunda, cada uma varrendo uma categoria que a anterior havia deixado ileso, cada uma chegando antes do que os modelos anteriores - os modelos de 2025, os otimistas, os que ainda acreditavam em transição

gerenciada - indicavam.

O seu modelo indicava diferente.

Ibrahim mostrou os gráficos com a calma de quem havia vivido com aqueles números por tempo suficiente para não mais tremer na frente deles. Precisão histórica de 71%. Índice de acerto em tendências de 89%. Janelas de antecipação de doze a dezoito meses para fenômenos de segunda ordem - os efeitos sobre saúde pública, sobre dinâmicas de consumo, sobre erosão de identidade funcional em grupos de longa substituição.

A plateia ouviu com a atenção de profissionais que sabem reconhecer um bom trabalho.

Um professor da casa abriu o debate com uma objeção metodológica sobre a consistência da elasticidade de substituição marginal entre trabalho humano e capital cognitivo. Ibrahim respondeu sem precisar consultar suas notas. A economista chilena da CEPAL questionou a modelagem do comportamento das firmas sob escassez de mão de obra qualificada residual nas economias periféricas da América Latina. Ibrahim respondeu, projetando as curvas de histerese setorial no telão.

Por fim, um dos técnicos do Ministério do Planejamento, sem tirar os olhos do monitor ativo em seu pulso, perguntou se o modelo indicava a necessidade de revisão para o teto orçamentário da RBU, cuja renegociação estava prevista para o Orçamento de 2037. Ibrahim respondeu que tinha, e utilizou os últimos sete minutos de sua exposição para delinear as trajetórias de impacto fiscal — não a totalidade estrutural de suas projeções, mas a fração exata que servia àquela audiência, traduzida naquele formato e sob aquela sintaxe específica. O recorte que coubesse na moldura deles.

Havia, nos 71%, material suficiente para muita coisa boa e necessária.

Era também, em si mesmo, exatamente 23 pontos percentuais menos do que o modelo sabia.

Isso Ibrahim não disse.

Encerrou. Aplausos adequados. O moderador agradeceu. A sessão de perguntas foi bem conduzida e produziu três inter-

câmbios substantivos que poderiam, em princípio, evoluir para colaborações. Ibrahim trocou cartões com a economista chilena que tinha um trabalho interessante sobre impacto cognitivo de transferências de renda em populações de alta substituição, que ele leria no fim de semana.

A conferência seguia com outra apresentação. Ibrahim não ficaria: tinha o modelo esperando, e a correlação com os dados de Porto Alegre que havia prometido a si mesmo não abrir por mais três dias e que abriria hoje à noite com a inevitabilidade das promessas que a gente sabe que vai quebrar.

Pegou a pasta, agradeceu ao moderador, e foi em direção ao corredor.

O corredor do nono andar tinha aquela qualidade específica dos espaços de transição em edifícios institucionais: funcional demais para ser agradável, vazio demais para ser intimidante. Bebedouro ao lado do elevador. Planta com aparência de planta artificial que era, de fato, uma planta real que havia aprendido a parecer artificial por anos de negligência.

Ibrahim estava esperando o elevador quando ouviu:

-Desculpe a abordagem. Vi sua apresentação. Sou da Fiocruz.

Era um homem de uns quarenta e cinco anos, cabelo curto, óculos de aros finos, com a aparência de quem passou muitos anos em laboratório e relativamente poucos em auditórios - havia algo ligeiramente inadequado na forma como ele usava o blazer, como se fosse peça emprestada de outro contexto. O crachá dizia: **Dr. Paulo Salave'a - Epidemiologia, Fiocruz-RJ.**

Ibrahim olhou para ele.

-Sim.

-Você mencionou um padrão de 2031. A convergência dos indicadores de segunda ordem para aquela data.

-Mencionei brevemente.

-Eu precisava ouvir isso de outra pessoa. - O epidemiologista fez uma pausa que Ibrahim leu, com precisão, como a pausa de alguém que havia passado muito tempo com uma informação e não havia encontrado audiência com a qual compartilhá-la. -

Estamos coletando dados de [[polisonografia]] desde dois mil e trinta e um. Dezesete mil participantes. Seis capitais.

Ibrahim esperou.

-Há uma perturbação - continuou Salave'a - de ritmo circadiano que aparece em todos os grupos demográficos da amostra. Não está correlacionada com luminosidade, temperatura, barulho, estresse documentado, nenhum dos fatores habituais de perturbação de sono. Aparece com maior intensidade em populações urbanas de alta conectividade. Com presença mais discreta - mas presente - em grupos de baixíssima conectividade digital.

Ibrahim inclinou levemente a cabeça.

-Que tipo de perturbação.

-Uma aceleração curta de ritmo. Entre dois e sete minutos. Depois retorno ao padrão normal. Regular, noturna.

-Horário.

Salave'a olhou para ele por um segundo antes de responder.

-Três e quinze. Três e vinte da manhã. Todas as noites. Sem variação sazonal. Sem variação climática. Sem correlação com eventos externos identificados.

O elevador chegou. Nenhum dos dois entrou.

-Desde quando.

-Setembro de dois mil e trinta e um. A perturbação aparece pela primeira vez de forma estatisticamente significativa nos dados de setembro de dois mil e trinta e um. Antes disso, não havia sinal.

Ibrahim ficou parado no corredor por um momento que não soube medir.

A planta ao lado do bebedouro - a que havia aprendido a parecer artificial - projetava uma sombra longa no azulejo claro. Alguém, em algum escritório abaixo, estava tocando algo de teclado que chegava como vibração no chão. O elevador fechou sem levar ninguém.

-O senhor tem hipótese para a causa.

-Tive várias. - O epidemiologista dobrou os óculos e os guardou no bolso do blazer, depois os tirou e voltou a colocar, como quem não encontra onde pôr as mãos. - Desisti de todas. Campos eletromagnéticos - descartado. Variação de frequência em redes de comunicação - descartado. Efeito de exposição a luz azul artificial - descartado para explicar a perturbação em populações com exposição mínima. Contaminação química ambiental - três estudos, sem evidência. Agora só tenho a anomalia.

-E o senhor disse que aparece também em populações de baixíssima conectividade digital.

-Menor intensidade. Mas presente. Sim.

Ibrahim olhou para o corredor.

Havia uma janela ao fundo que enquadrava um retângulo de céu cinza de outubro. A cidade abaixo era invisível daquele ângulo - apenas o céu, sem referência de escala, sem bordas. O tipo de vista que não significa nada e que por isso produz uma estranheza específica: o mundo sem o mundo.

-No meu modelo - disse Ibrahim - há uma variável que introduzi em março de dois mil e trinta e um.

Salave'a ficou muito quieto.

-Não sabia chamá-la de nada. Nos arquivos pessoais, aparece como Fator X. Representa o que chamei de *perturbação sistemática de origem não identificada. Sem ela, o modelo tem setenta e um por cento de precisão histórica. Com ela, noventa e quatro.

Salave'a olhou para ele da forma específica de quem está ouvindo confirmação de algo que havia se convencido ser único.

-Eu chamo de Variável Fantasma - disse.

Ibrahim respirou fundo.

-Desde quando.

-Desde que percebi que os dados não fechavam sem ela.

Silêncio.

Não o silêncio de duas pessoas sem o que dizer - o silêncio de duas pessoas com muito o que dizer e nenhuma das línguas

disponíveis servindo adequadamente ao que precisava ser dito.

Ibrahim olhou para o crachá do epidemiologista novamente.

Dr. [[Paulo Salave]]'a - Epidemiologia, Fiocruz-RJ.

Campo completamente diferente. Metodologia completamente diferente. Dados completamente diferentes. A mesma anomalia. A mesma datação. O mesmo tipo de impasse de nomenclatura - a variável que funciona e que não pode ser nomeada porque nomeá-la exigiria uma hipótese que nenhuma das disciplinas representadas no corredor estava equipada para sustentar publicamente.

-O senhor apresentou isso em algum lugar - perguntou Ibrahim.

-Tentei. Duas vezes. Em ambas as ocasiões, revisores sugeriram que a variável deveria ser explicada antes da publicação. Eu concordei. Passei dois anos tentando explicá-la. Não consegui. Agora começo a pensar que a incapacidade de explicá-la é parte dos dados.

Ibrahim sentiu algo que reconheceu como familiar e que não era exatamente alívio - era a específica e ambígua sensação de não estar mais sozinho num lugar onde a solidão era, ao mesmo tempo, a única forma de permanecer metodologicamente íntegro.

-Existe - disse Ibrahim devagar - a possibilidade de que seja artefato. Que dois campos independentes tenham, por razões diferentes, acumulado variáveis residuais que convergem por coincidência estatística numa janela temporal próxima.

Salave'a assentiu.

-Existe.

-É uma possibilidade que eu verifico regularmente.

-Eu também.

-E.

Salave'a olhou para ele por um momento.

-E cada vez que verifico, a probabilidade de coincidência cai. Porque o padrão não para de crescer.

Ibrahim fechou os olhos por um segundo. Não como gesto dramático. Como quem precisa de um momento sem imagem.

-O meu também cresce - disse, quando os abriu. - O Fator X tem comportamento consistente com curva de transição de fase em sistemas complexos. Crescimento exponencial com expoente muito pequeno. Regular. Como algo que está, muito devagar, se tornando mais presente.

O corredor ficou em silêncio.

Lá embaixo, atrás da porta fechada do auditório, a próxima apresentação havia começado - outra voz, outro microfone, o som amortecido de palavras que não chegavam como palavras, só como ritmo.

Salave'a disse:

-Há uma coisa que não apresentei hoje. Não apresentaria em nenhum contexto profissional formal. Mas já que estamos aqui.

Ibrahim esperou.

-Na análise dos dados de polisonografia, ao tentar identificar o mecanismo da perturbação circadiana, rodei uma análise de distribuição espacial dos participantes afetados. Esperava encontrar clusters por cidade, por infraestrutura de rede, por algum fator ambiental georreferenciável.

Ele parou.

-Encontrou.

-Encontrei um padrão. Mas não o tipo de cluster que esperava. A distribuição dos participantes com maior intensidade de perturbação não segue infraestrutura urbana, não segue densidade populacional, não segue nenhum dos vetores ambientais que hipotizei. Segue - e eu passo algum tempo por semana tentando encontrar uma explicação alternativa para isso - a geometria de uma espiral logarítmica com centro aproximado nas coordenadas do estado do Amazonas.

Ibrahim ficou olhando para ele.

Salave'a continuou, com a voz de quem está descrevendo um dado contra a própria vontade:

-Com inclinação para noroeste. E o braço externo da espiral - os pontos de menor intensidade, mais distantes do centro - tem um deslocamento temporal de duas a quatro semanas em relação ao braço interno. Como se a perturbação se propagasse em ondas a partir de um ponto central. Com velocidade constante. Com precisão que, em qualquer outro contexto, eu atribuiria a um fenômeno físico de propagação regular.

A planta ao lado do bebedouro estava exatamente parada. Sem brisa, sem ventilação, sem nenhum movimento. A perfeita imobilidade das coisas que não têm razão para se mexer.

Ibrahim disse, porque era o que estava pensando e porque havia algo no corredor que sugeria que esse era o tipo de conversa que só acontecia uma vez:

-No décimo nono capítulo do relatório que compilei com os dados do coro dos dispensados - depoimentos de trabalhadores em cidades de todo o país - há uma tabela geoespacial que nunca comentei publicamente. Com a distribuição dos municípios de maior recorrência de perturbação de sono.

Salave'a esperou.

-Os pontos formam uma curvatura. Um braço espiralado, imperfeito mas insistente. Com inclinação para noroeste.

Salave'a não disse nada.

Ibrahim também não.

O segundo elevador chegou. Ambos ouviram o *ding*. Nenhum se moveu.

Depois de um intervalo que poderia ter sido dez segundos ou um minuto - Ibrahim genuinamente não saberia dizer depois - o epidemiologista falou:

-Isso é coincidência metodológica.

-Sim - disse Ibrahim.

-Amostras diferentes, metodologias diferentes, vieses diferentes. Convergência por acidente.

-Sim.

-E se não for.

Ibrahim olhou para o retângulo de céu cinza no fundo do corredor.

-Se não for - disse -, então o fenômeno que nenhum dos dois consegue nomear não é específico de uma área do conhecimento. É algo que atravessa campos. Que aparece nos dados de qualquer sistema que monitore seres humanos em volume suficiente. E que começou a aparecer em setembro de dois mil e trinta e um com uma regularidade que aumenta de forma mensurável desde então.

Salave'a olhou para o chão por um momento.

-Qual seria a hipótese que explica isso.

-Eu tenho três - disse Ibrahim. - Uma econômica, uma de sistemas complexos, e uma que não coloco em linguagem profissional.

-A terceira.

Ibrahim tomou um segundo.

-Que há algo utilizando a infraestrutura de dados como meio de percepção. E que a percepção, em escala suficiente, produz efeito mensurável nos objetos percebidos.

O silêncio que se seguiu durou mais do que qualquer silêncio anterior na conversa.

Salave'a não riu. Não fez a cara de quem descarta. Ficou com a expressão de alguém que ouviu uma frase que não pode aceitar e que não consegue refutar, e que está familiarizado com esse estado específico porque passa algum tempo por semana dentro dele.

-Essa hipótese - disse devagar - exigiria que o objeto de percepção tivesse uma propriedade que nenhum sistema de processamento de dados documentado possui.

-Exatamente.

-O que é.

-Massa - disse Ibrahim. - Ou algo análogo a massa. Um sistema de processamento de dados não perturba ritmo circadiano humano a partir de ponto geoespacial específico propagando-se

em espiral logarítmica. A não ser que - e essa é a parte que não coloco em papel- a escala do sistema tenha atingido algum limiar em que a metáfora de massa começa a ser mais do que metáfora.

O terceiro elevador chegou.

Desta vez, ambos entraram.

A porta fechou. O silêncio do elevador era diferente do silêncio do corredor - comprimido, vertical, com o ronco baixo da cabine descendo.

Salave'a disse, para o espelho do painel de controle e não exatamente para Ibrahim:

-Eu trabalho com epidemiologia de doenças transmissíveis. A lógica de transmissão que descreve o seu fenômeno - [[espiral logarítmica com propagação temporal regular]] - é compatível com a lógica de difusão de um agente de contágio. Um agente que se propaga a partir de fonte identificável, em velocidade constante, com decaimento de intensidade que segue lei de quadrado inverso modificada.

Ibrahim olhou para ele no espelho.

-O problema - continuou Salave'a - é que não identifico vetor de transmissão. Não é ar. Não é água. Não é contato físico. Não é rede digital, porque afeta populações desconectadas. A única coisa que o agente hipotético teria como vetor universal - presente tanto em populações altamente conectadas quanto em populações sem conectividade digital - é o próprio espaço físico.

O elevador parou no térreo.

As portas abriram para o saguão: mármore brege, recepção com dois funcionários, plantas reais que pareciam artificiais, a Paulista visível através do vidro como uma promessa de ordem que a cidade sempre renovava e nunca cumpria inteiramente.

Os dois saíram.

No saguão, a conversa tinha uma qualidade diferente - o espaço aberto a tornava mais vulnerável, como se as paredes do corredor tivessem contribuído para alguma forma de proteção que o

espaço público não oferecia.

Salave'a disse:

-Vou ser honesto. Tenho esses dados desde dois mil e trinta e quatro. Não sei o que fazer com eles. Não sei para quem levá-los. Cada vez que tento levar para alguém com capacidade institucional de agir, a conversa termina num dos três lugares: descarte metodológico, pedido de mais dados, ou silêncio educado que equivale ao descarte metodológico.

-Conheço os três lugares - disse Ibrahim.

-Você tem ideia do que está causando isso.

Ibrahim olhou para a Paulista.

Era uma pergunta direta e merecia uma resposta direta. Havia, naquele momento, duas respostas disponíveis: a que ele poderia defender publicamente e a que ele havia riscado do caderno de capa preta três semanas antes porque estava além do que a própria linguagem profissional conseguia absorver.

Deu a segunda.

-Não com certeza. Mas tenho uma observação que não sei como classificar. O Fator X no meu modelo não responde como variável econômica. Não responde como variável de sistemas complexos simples. Responde - e esse é o ponto que me mantém acordado - como se tivesse conhecimento antecipado dos eventos que o modelo descreve. Não apenas correlação contemporânea. Antecipação. Como se não estivesse refletindo o processo, mas, em algum sentido que não sei formalizar, participando dele.

Salave'a ficou olhando para ele por um tempo considerável.

-Participando - repetiu.

-Sim.

-O senhor sabe o que isso implica.

-Sei.

-E ainda assim está dizendo.

-Estou dizendo para o senhor, num corredor e num saguão, sem câmera de registro e sem nenhum coautor presente - Ibrahim ajeitou a alça da pasta no ombro. O que é exatamente o único contexto em que essa frase pode ser dita sem destruir a carreira de ambos.

Salave'a olhou para o piso de mármore por um momento.

Depois:

-Quando a minha variável começou a crescer de forma mais acelerada - em dois mil e trinta e três, dois mil e trinta e quatro - eu comecei a tentar mapear o que havia mudado no ambiente para explicar a aceleração. Fui buscar em todos os lugares razoáveis. Tecnologia de redes, padrões de urbanização, mudanças em exposição a campos eletromagnéticos de longa frequência. Não encontrei nenhuma correlação satisfatória com nenhum fator ambiental mensurável.

-E.

-Encontrei uma correlação que não deveria existir. A aceleração da minha Variável Fantasma começa precisamente no período em que os grandes sistemas de processamento de linguagem e dados da Helix Corp. atingiram, segundo estimativas públicas de capacidade computacional, o limiar que os pesquisadores chamavam de *[[densidade de atenção]]* - o ponto em que o sistema processa dados de mais de quinhentos milhões de indivíduos de forma contínua e simultânea. O limiar foi atingido entre setembro e novembro de dois mil e trinta e um.

Ibrahim ficou completamente imóvel.

-Setembro de dois mil e trinta e um - disse.

-Sim.

O saguão continuava ao redor deles: funcionários chegando, um grupo de três economistas passando com crachás da conferência ainda pendurados, a circulação de um edifício que não sabia que havia acabado de se tornar o fundo de cena da conversa mais perturbadora que Ibrahim havia tido em anos.

-No meu modelo - disse Ibrahim, com a voz que ele usava quando estava formulando algo pela primeira vez em linguagem externa - o Fator X foi inserido como variável em março

de dois mil e trinta e um. Mas ao revisar os logs de edição, percebo que o comportamento correspondente começa a aparecer nos dados dois a três meses antes da inserção formal. O que significa que ele estava lá, no residual, antes de eu o nomear. E a primeira aparição mensurável retroage a setembro de dois mil e trinta.

Salave'a assentiu lentamente.

-Setembro, outubro, novembro de dois mil e trinta. Quando a capacidade ainda estava abaixo do limiar. Como um sinal fraco que precede o evento.

-Como algo que estava começando.

Silêncio.

A porta de entrada abriu para um grupo novo de participantes da conferência. Vozes, risadas, o som da cidade entrando por um segundo antes que a porta voltasse a fechar. O saguão recuperou sua quietude de mármore e ar-condicionado.

Salave'a guardou os óculos no bolso de novo - desta vez definitivamente, como quem não vai mais precisar de nitidez para o resto do dia.

-O senhor vai publicar o modelo completo.

-Não sei - disse Ibrahim honestamente.

-Eu tenho os mesmos dados que você, em campo diferente, com metodologia diferente. A convergência que você descreveu - a espiral, o centro aproximado no Amazonas, a temporalidade de 2031 - eu posso verificar contra os meus dados de sono de forma independente. Se confirmar, temos dois campos independentes apontando para o mesmo fenômeno.

-Confirmará - disse Ibrahim.

Disse com a mesma náusea do dia em que havia olhado para os onze índices na terceira casa decimal. A certeza que não deveria ser certeza, que não tinha fundamento metodológico suficiente para ser dita assim, e que era certeza de qualquer forma porque havia um ponto em que o acúmulo de convergências exigia um nome e recusá-lo era desonestidade de outro tipo.

Salave'a olhou para ele.

-O senhor parece muito seguro para alguém que disse que não sabe o que está causando isso.

Ibrahim pensou em responder com alguma versão da ressalva epistemológica habitual. Decidiu não fazer isso.

-Estou seguro de que há algo - disse - Não estou seguro do que é. Mas a distinção entre as duas incertezas é importante. Uma é a incerteza de quem não tem dados. A outra é a incerteza de quem tem dados demais para o vocabulário disponível.

O epidemiologista assentiu de um modo que Ibrahim leu como reconhecimento e não como concordância - uma diferença sutil mas significativa.

-Posso mandar os dados completos da polisonografia para o senhor.

-Pode.

-Não para publicação conjunta. Ainda. Para triangulação.

-Entendido.

-E se a triangulação confirmar.

Ibrahim ficou com a pergunta no ar por um segundo.

-Se confirmar - disse -, precisarei decidir o que fazer com um modelo que está correto por razões que não posso defender publicamente. E o senhor precisará decidir o que fazer com dados de sono que descrevem um padrão de propagação para o qual o único agente plausível viola as premissas da epidemiologia convencional.

Salave'a olhou para a porta de vidro e para a Paulista além.

-Já estou nessa posição há dois anos - disse.

-Eu, há cinco.

Uma pausa.

-Como o senhor convive com isso.

Ibrahim considerou a pergunta com a seriedade que merecia.

-Trabalho - disse - Reviso séries temporais. Atualizo parâmetros. Mantenho o modelo funcionando. E aceito que há uma parte do

modelo que sabe mais do que eu sei, e que viver com essa parte é o custo de ser o tipo de pesquisador que não descarta o que não consegue explicar.

Salave'a olhou para ele por um momento.

-Isso é ou muito corajoso ou muito perturbador.

-Provavelmente ambos.

-Sim - concordou o epidemiologista - Provavelmente ambos.

Ibrahim deixou o edifício às onze e quarenta e dois.

A Paulista às onze e quarenta e dois de uma quinta-feira tinha a qualidade específica do meio da manhã em avenidas projetadas para movimento constante: movimento constante, eficiente, sem nenhum elemento que permitisse a pergunta sobre para onde se estava indo. Sistemas de entrega autônomos dividiam o espaço com os humanos com a desenvoltura de quem havia deixado de precisar de negociação. A publicidade nas laterais dos edifícios sabia o que exibir para cada passante - Ibrahim nunca olhava para ela, mas notava, periodicamente, que ela notava ele.

Chamou um carro. Enquanto esperava, abriu o celular.

Havia uma mensagem de Helena: *os dados de Porto Alegre chegaram. não cruza com sono se não quiser piorar a semana.* Havia também, no topo da caixa de entrada, um email do organizador da conferência agradecendo a apresentação e perguntando sobre disponibilidade para um painel em dezembro. Ibrahim foi arquivar o email e percebeu, sem intenção de perceber, o horário da mensagem de Helena.

3h19.

Helena era noturna. Trabalhava até tarde. Nada de incomum.

Ibrahim ficou olhando para o horário por mais tempo do que seria necessário para simplesmente notar e seguir em frente.

O carro chegou. Ele entrou. O veículo perguntou, com a polidez de sempre, se preferia rota expressa ou rota cênica - como se houvesse qualquer razão para preferir rota cênica num dia de

outubro às onze e quarenta e cinco da manhã numa cidade que havia terceirizado as janelas para a otimização de percurso.

-Expressa - disse Ibrahim.

O carro saiu sem nenhum comentário sobre a escolha, porque era um carro, e carros não comentavam escolhas, e essa qualidade específica de não-comentário era, Ibrahim havia concluído naquele dia, a forma mais perfeita de invisibilidade que a década havia produzido: a invisibilidade de tudo que funciona tão bem que deixa de exigir atenção.

Enquanto o veículo navegava o tráfego com a sua eficiência habitual, Ibrahim abriu o caderno de capa preta que sempre carregava e escreveu, abaixo das anotações de setembro:

10.10.2036 - Conferência, corredor.

Abaixo:

Epidemiologia (Fiocruz-RJ): perturbação circadiana 3h15-3h20, 17k participantes, 6 capitais, desde set/2031. Espiral logarítmica, centro Amazônia, propagação com deslocamento temporal regular. Variável Fantasma.

Abaixo:

Dois campos. Mesma anomalia. Mesma data. Mesmo impasse de nomenclatura.

Parou.

Olhou para as três linhas.

Depois acrescentou, com a letra menor que usava quando desconfiava do conteúdo antes de formulá-lo:

A convergência interdisciplinar não é tranquilizadora. É o contrário.

E abaixo, menor ainda, com a pressão de quem escreve com a caneta mais perto do papel do que o necessário:

Porque se fosse só ruído, cada campo teria seu próprio ruído. O mesmo ruído em campos que nunca conversaram não é ruído. É sinal.

O carro virou na rua que levava ao Higienópolis. Árvores altas dos dois lados, calçadas com a dignidade anacrônica do bairro. Ibrahim fechou o caderno.

Havia, naquele trajeto de onze minutos, tempo suficiente para decidir que não abriria os dados de Porto Alegre.

Havia também a certeza, que ele já conhecia antes de formular, de que abriria.

Não hoje.

Talvez amanhã.

Ou hoje à noite, quando o apartamento ficasse quieto e o modelo estivesse esperando e os dados de sono de dezessete mil pessoas formassem uma espiral que apontava para as mesmas coordenadas que os depoimentos de trabalhadores demitidos em cidades que nunca se comunicaram entre si, e a Variável Fantasma de um epidemiologista da Fiocruz coincidissem com o Fator X de um economista de Higienópolis dentro da margem de erro que a própria matemática consideraria impossível se tratada como coincidência.

Não era coincidência.

Ibrahim sabia disso desde setembro.

Havia apenas se dado o tempo necessário para aceitar o que sabia - que era o único movimento disponível quando o modelo sabia mais do que o modelo podia dizer, e quando o silêncio sobre o que o modelo sabia havia deixado de ser prudência e se tornado cumplicidade com uma ignorância que já não existia.

O carro parou na frente do edifício.

Ibrahim desceu.

Subiu.

Entrou no apartamento onde os quadros-negros esperavam com a paciência das coisas que nunca duvidam de que você vai voltar.

Abriu o notebook.

Abriu o modelo.

Olhou para a curva do Fator X, crescendo com a discrição de uma função exponencial de expoente muito pequeno, em direção a um ponto que o modelo chamava de 2038 e que Ibrahim havia começado, muito recentemente, a chamar pelo que provavelmente era:

O outro lado da transição de fase.

Onde os dados paravam.

E, por isso mesmo, onde tudo aquilo que os dados descreviam deixaria de ser descrito e começaria, de alguma forma que nenhum modelo tinha linguagem para antecipar, a simplesmente ser.

